

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Gizeli Aparecida Martins Alves da Silva

**Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento  
de competências**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdades de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2018

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Gizeli Aparecida Martins Alves da Silva

**Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento  
de competências**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdades de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2018

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Gizeli Aparecida Martins Alves da Silva

**Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências**

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos para obtenção de Grau de Mestre em Ciências da Educação, Gestão e Docência sob orientação da Professora Dra. Zélia de Macedo Teixeira.

Assinatura \_\_\_\_\_

Universidade Fernando Pessoa

Faculdades de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2018

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

“Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.”

(Paulo Freire)

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

### **Resumo**

A extensão universitária compreendida como prática acadêmica que une as instituições universitárias em seus segmentos de ensino e pesquisa para a promoção do elo entre universidade e sociedade, possibilita uma formação voltada para a cidadania por trazer a luz situações tanto positivas quanto negativas que emergem nessa comunidade em relação ao seu contexto social. Esta interação social ainda pode corroborar na formação de experiências no âmbito da cidadania e para o mundo do trabalho. A integração da universidade com a sociedade proporciona experiências que promovem um desenvolvimento amplo na formação de competências. Constrói assim um meio efetivo de produção de conhecimento de forma acessível e democrática na utilização de uma área de conhecimento, deste modo é demonstrado sua representatividade social e utilitária para a sociedade. E também apresenta as necessidades emergenciais de pesquisa e desenvolvimento desta área, perante os desafios encontrados nas demandas localizadas na sociedade. A interação dos eixos de ensino, pesquisa e extensão universitária formam um tripé no qual é articulador das ações educacionais no ensino superior, proporcionando situações reais de aprendizado, nas quais torna-se possível interagir uma gama de conhecimentos científicos e popular. A práxis didática curricular no desenvolvimento de competências é precursora no sentido de trazer significado ao processo de ensino aprendizagem. Desta forma as aplicações dos conteúdos do currículo buscam se aproximar da realidade tanto do discente como da aplicação do conhecimento. Neste objetivo, a práxis didática curricular no desenvolvimento de competências tem fatores apresenta efeitos positivos na promoção da extensão universitária.

**Palavras-chave:** Extensão, desenvolvimento de Competências, Cidadania, mundo do trabalho

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

### **Abstract**

As an academic practice, the university extension unites the university institutions in activities of teaching and researching. Thus, the university promotes the link between university and society, enabling a formation focused on citizenship by bringing to light both positive and negative situations that emerge in community in a social context. This social interaction can still corroborate in the formation of experiences in the area of citizenship and the world of work. The integration between university and society provides experiences that promote a broad development in this construction of competences. It builds an effective way of producing knowledge in an accessible and democratic way, using it in a knowledge area, demonstrating its social representativeness and its utility for society. In addition, presents the emergency needs for research and development of this area, facing the challenges encountered in the society demands. The interaction of the teaching, research and university extension axes forms a tripod in which unites educational actions in higher education, providing real learning situations in which it becomes possible to interact in a range of scientific and popular knowledge. The curricular didactic in the development of competences is a precursor because brings meaning to the process of teaching learning. Therefore, the curriculum content application pursues to get near the reality of the student and the reality of the application of knowledge. In this objective, the curricular didactic in the development of competences has positive effects in the promotion of university extension.

**Keywords:** Extension, Development of Competences, Citizenship, World of work

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

### **Agradecimentos**

A Deus por ter me capacitado e dirigido com sabedoria nesta conquista, e a minha família; Aos meus pais que sempre me ensinaram a importância de estudar e o valor de ser uma pessoa íntegra; ao meu marido Bruno que sempre me incentivou e colaborou para a efetivação deste estudo, a minha filha Amanda que em muitos momentos foi privada de minha presença em pró dos estudos. Agradeço a Vera Regina, Wender e a Gilberto Peres e Matilde Sá que me apoiaram neste curso.

A minha orientadora Doutora Zélia Teixeira por sua efetiva dedicação e competência na orientação deste estudo.

Aos meus professores e colaboradores deste curso que em sua integração contribuíram de forma efetiva na ampliação do meu conhecimento adquirido nesta experiência, seja através das aulas ou da orientação prestada. Agradeço também a todos os colegas deste curso pelos momentos valiosos de alegrias, experiências e aprendizado.

Meus agradecimentos em especial a Patrícia Maneschky que me auxiliou sobre a definição deste tema, e a Dalta pela cooperação quanto a correção das entrevistas.

Meus agradecimentos a todos os participantes e colaboradores que em sua integração colaboraram e dispuseram de seu tempo para responder a entrevista solicitada para compor o processo de coleta dos dados desta investigação com competência e atenção proporcionando um ambiente acolhedor e colaborativo com a promoção do conhecimento.

Ao Instituto Aacilus, e à Universidade Fernando Pessoa pela iniciativa de promover o acesso à educação, os quais, me proporcionaram realizar este mestrado. E agradeço aos mestres (professores), e todos que lutam sempre por uma educação democrática e com qualidade.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## Índice

**Resumo**

**Abstract**

**Agradecimentos**

**Índice**

**Índice de Tabelas**

**Introdução**

### **CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

**1. A extensão e desenvolvimento de competências: Aspectos históricos e legislativos. .... 17**

**2. A extensão e o desenvolvimento de competências: Sentidos, percursos e territórios..... 25**

**2.1. Extensão universitária e cidadania ..... 31**

**2.2. Extensão universitária e experiências acerca do mundo do trabalho... 33**

**2.3. As prerrogativas do desenvolvimento de competências nas ações de extensão ..... 37**

### **CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO**

**1. Justificação ..... 45**

**1.1. Situação problema ..... 47**

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

<b>1.2. Questão da pesquisa .....</b>	<b>48</b>
<b>1.3. Objetivos .....</b>	<b>48</b>
<b>1.3.1. Objetivo geral.....</b>	<b>48</b>
<b>1.3.2. Objetivos específicos .....</b>	<b>48</b>
<b>1.4. Método .....</b>	<b>49</b>
<b>1.4.1. Amostra prevista.....</b>	<b>50</b>
<b>1.4.2. Participantes.....</b>	<b>50</b>
<b>1.4.3. Instrumentos .....</b>	<b>51</b>
<b>1.4.4. Entrevistas semiestruturadas .....</b>	<b>51</b>
<b>1.4.5. Questionário sociodemográfico .....</b>	<b>62</b>
<b>1.4.6. Procedimentos .....</b>	<b>63</b>
<b>1.4.6.1. Recolha da informação .....</b>	<b>63</b>
<b>1.4.6.2. Justificação da escolha do método “qualitativo” e (Análise temática, “análise do discurso”).....</b>	<b>64</b>
<b>1.4.6.3. Análise do discurso.....</b>	<b>66</b>
<b>1.5. Apresentação dos resultados.....</b>	<b>68</b>
<b>1.5.1. Apresentação dos resultados obtidos no questionário sociodemográfico .....</b>	<b>70</b>

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

<b>1.5.2. Apresentação e discussão dos resultados das entrevistas semiestruturadas.....</b>	<b>71</b>
<b>1.5.3. Apresentação da proposta de intervenção.....</b>	<b>88</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>90</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>94</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>101</b>

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## Índice de Tabelas

<b>QUADRO 1. Formas de creditação das atividades de extensão relatadas pelos coordenadores de cursos de graduação da UFRJ, abril de 2012. ....</b>	<b>46</b>
<b>QUADRO 2. Dados do questionário sociodemográfico.....</b>	<b>70</b>
<b>QUADRO 3. Questionário sociodemográfico discentes. ....</b>	<b>71</b>
<b>QUADRO 4. A prática didática por desenvolvimento de competências e sua representação na extensão universitária. ....</b>	<b>72</b>
<b>QUADRO 5. Os fatores da práxis curricular no desenvolvimento de competências e a promoção da extensão universitária.....</b>	<b>78</b>
<b>QUADRO 6. Extensão universitária e experiências acerca da cidadania e do mundo do trabalho. ....</b>	<b>84</b>

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## Introdução

O presente estudo objetiva a investigação da representação do conceito de desenvolvimento de competências na didática curricular a partir do desenvolvimento de competências, investigando-se os fatores integrantes da mesma para a promoção da extensão universitária. A relevância científica desta pesquisa é principalmente embasada na perspectiva do conceito de desenvolvimento de competências e do envolvimento entre a comunidade e a universidade, focando, porém, a visão da comunidade acadêmica na promoção de ações de extensão e sua importância na formação de experiências para a prática cidadã e o exercício do discente em formação no mundo do trabalho. Nestes aspectos utilizando-se da abordagem conceitual construtivista de competências para a educação, esta pesquisa visa fazer uma reflexão sobre o desenvolvimento de competências para promover uma práxis didática curricular que facilite a promoção da extensão universitária, possibilitando o engajamento da universidade e comunidade.

Benetti (2015) retrata na citação abaixo retirada do relatório de gestão universitária que as universidades possuem um currículo que valoriza o conhecimento científico, muito pautado na teoria, ou seja, no conhecimento científico. (Vasconcelos *et al.*, 2012). A extensão universitária ocupa apenas 10% do currículo. Conforme a matéria publicada de Delaine (2014) em alguns casos ocorre o seguinte: “A sobrecarga de trabalho tanto para alunos como para docentes deixa pouco ou nenhum tempo para “atividades extras”. Por último, o envolvimento da comunidade é uma prática estranha para muitos dentro das instituições de ensino superior.” Além disso, em alguns cursos as atividades de extensão estão incluídas como atividades complementares, as quais muitas vezes não estão totalmente ligadas a objetivos da área de extensão, mas sim em atividades extracurriculares que mais atendem a formação do que o envolvimento com a comunidade e a realidade social que pertence a comunidade acadêmica.

“A enorme carga horária que caracteriza muitos de nossos cursos, fruto de acordos cartoriais entre departamentos, está muito longe de produzir um percurso livre e criativo para a formação de nossos alunos. Eis uma verdadeira contradição, a UFRJ tem ofertas consistentes de pesquisa e extensão e muitas vezes nossos alunos não encontram o tempo necessário para participar face às demandas obrigatórias do ensino.” (Benetti, 2015, p. 9)

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

A partir dessas considerações iniciais, podemos elucidar que alguns fatores transitam entre a extensão, a prática didática curricular e a efetivação satisfatória das ações da universidade no âmbito da gestão da área de extensão na promoção do envolvimento comunidade e universidade. Segundo o documento de Política nacional de extensão (Vasconcelos *et al.*, 2012) , existem dificuldades reais no cotidiano das universidades no âmbito da aplicação curricular e extensão, as quais apresentam esforços frequentes para efetivarem suas ações no segmento de extensão, porém enfrentam problemas que emergem desde a falta de recursos financeiros, que configura problemas da práxis curricular até as estruturas sedimentadas de sua organização institucional. A partir deste cenário, a universidade pode apresentar limitações de cumprir sua missão social e utilitária perante a sociedade.

Ainda neste aspecto, conforme documento de Política nacional de extensão (Vasconcelos *et al.*, 2012, pg. 8) é relatado que: "A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade". (Cit. por Vasconcelos *et al.*, 2012, pg. 8). O conhecimento promovido nas ações extensionistas em interação com o conhecimento científico oportuniza um conhecimento acadêmico democrático, pois este, em contato com o conhecimento decorrente da comunidade, ou seja, popular produz uma dinâmica de troca de conhecimentos. Desta forma este movimento dialético é um instrumento que corrobora o processo que interliga a teoria e a prática. O conhecimento final produzido nesta articulação de saberes de encontro com as particularidades regionais da comunidade onde está inserida a universidade, constitui um ensino interdisciplinar das disciplinas voltado para uma formação integral que valoriza o social. Preparando o estudante para ser cidadão, consciente e sujeito modificador e crítico da realidade. Através dos projetos e outras medidas que podem ser promovidos na extensão e as parcerias e os patrocínios que esta pode possibilitar a universidade como instituição social, com a sociedade civil e o estado interagirem numa perspectiva de promover o acesso da comunidade ao conhecimento e a diminuição das desigualdades sociais. (Vasconcelos *et al.*, 2012)

Este trabalho de pesquisa visa investigar o desenvolvimento de competências e suas implicações conceituais que interferem no modo de se pensar e executar as ações de extensão abordando o olhar da universidade que aplica a extensão universitária.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Diante do exposto, a questão de partida desta investigação, se volta para saber: se os fatores que compõem a práxis curricular no desenvolvimento de competências podem ser agentes facilitadores na promoção da extensão universitária e das experiências que a mesma oportuniza no âmbito do trabalho e da cidadania? Consideraremos quatro categorias para suporte teórico à pesquisa de campo, as quais são: extensão universitária e cidadania, extensão e didática curricular no desenvolvimento de competências, extensão e formação para o trabalho.

Contudo visando responder este questionamento, esta pesquisa utilizou o desenvolvimento de competências na constituição da práxis pedagógica curricular e seus fatores norteadores da extensão universitária, considerando a concepção construtivista no modelo das competências e suas inferências para a educação. Segundo Schwartz (1995, Cit. por Mertens, 1996) , “o conceito "construtivista" refere-se ao fato de considerar no desenvolvimento de competências “as relações mútuas e as ações existentes entre os grupos e seu meio ambiente, mas também as relações entre situações de trabalho e situações de treinamento “

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## **CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## **1. A extensão e desenvolvimento de competências: Aspectos históricos e legislativos.**

O vocábulo “competência” surgiu pela primeira vez na língua francesa, (do latim *competentia*), “*proporção*”, “*justa relação*”, o qual significa aptidão, idoneidade, e comporta um conjunto de habilidades que uma pessoa apresente e faça uso para a resolução de uma situação problema. No século XV na Idade Média, esta palavra aparecia como instituindo a legalidade e a autoridade das instituições e suas particularidades para solucionar respectivos problemas de sua jurisdição. “Segundo o dicionário eletrônico a “Origem da Palavra” competência vem do Latim *competere*, (lutar, procurar ao mesmo tempo), de com, (junto), mais *petere*, (*disputar, procurar, inquirir*). “Isso nos remete à Idade Média, com as guerras por território e batalhas de conquista. Traz, também, ideia de justiça, de estar preparado para a luta e para a disputa e, nesse sentido, o termo competência está relacionado com o Direito.” (Loiola, 2013)

(Dolz, J., & Ollagnier, 2004) descreve que no século XVIII, amplia-se o seu significado a capacidade relacionada ao conhecimento e à experiência. Entretanto neste século seu significado é ampliado para a individualidade do sujeito. Competência linguística como um termo foi mencionado a princípio por nos anos 50 do século XX, no âmbito da linguística em estudos científicos designando-se competência como a capacidade inata de falar e compreender uma língua. “Este autor traz a noção de competência contraposto com o termo desempenho, o primeiro relaciona-se com o conhecimento e domínio que um falante tem do sistema de uma língua internalizada em sua mente e o segundo refere-se à utilização que ele faz da mesma em situações presentes na realidade. Chosmsk (1995 cit por Dolz, J., & Ollagnier, 2004,p.33). Os termos competência e desempenho, compreendendo competência como uma capacidade biológica do falante Chomsky (1995) , e “lógica das competências” que “parte-se da avaliação da eficácia e a adequação dos desempenhos”. (Dolz, & Ollagnier, 2004,p. 35). “A competência, ao contrário, está acima de amostras, as quais, podem conter erros de desempenho por conta de hesitações e mudanças de ideia.”. Weedwood (2002).

No entanto no século XX nos anos 70, a palavra competência ganha novas representações quando aparece associada à qualificação profissional vinculada com organizações empresariais, e assim, conceituando-se como um modo de flexibilizar o ambiente laboral de forma a minimizar os aspectos precários do emprego.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Em relação à área educacional, que é um ponto central nesta pesquisa. O desenvolvimento do conceito de competências e a inserção de blocos de competências nos currículos tem sido valorizado na França e em alguns países que formam a comunidade linguística francófono, na Bélgica do ensino fundamental e primeiro ano do ensino médio. Em Quebec, a abordagem por competências orientou os sistemas de ensino geral e profissionalizante (CEGEP), que se situam na organização norte americana, em estabelecimentos que ministram o ensino médio ou profissionalizante e estabelecimentos que tem a modalidade de ensino superior (Perrenoud, 1999).

A partir dos diferentes contextos históricos que se aplicou e a representação do conceito de competências, corroboramos esta explanação considerando a representatividade deste conceito na educação, a qual neste âmbito apresentou mudanças epistêmicas. A partir dos anos 60 no século XX, A teoria behaviorista influenciou muito a pedagogia, intervindo na forma de se pensar os objetivos pedagógicos, trazendo a noção de desempenho e o foco no comportamentalismo, indicando os comportamentos que os discentes deveriam apresentar e constituindo coeficientes de desempenho apropriados em relação aos sujeitos e a avaliação. Na contemporaneidade este conceito está direcionado para uma vertente cognitivista e construtivista associada ao conceito de competências, assim como orienta os estudos de (Perrenoud, 1999), e ações que mobilizam componentes conceituais, factuais, atitudinais procedimentais Antoni Zabala, (2015), e a formulação dos domínios do conhecimento, classificado em cognitivo, afetivo e psicomotor, Bloom (1956 cit. por Ferraz, 2010).

Considerando competência e extensão universitária, sendo ambos conceitos intrinsecamente interdisciplinares relacionados com a formação, direcionaremos esta abordagem histórica para a extensão universitária.

Assim como, relata Maria das Dores Pimentel Nogueira (2005), a Extensão Universitária iniciou-se na Inglaterra, no século XIX, como “educação continuada” (*Lifelong Education*), destinada à população adulta, no intuito de promover a acessibilidade à universidade (Cit. por Gadotti, 2014, pg. 1).

No Brasil, o Decreto do Estatuto das Universidades Brasileiras de 1931 faz referência a extensão universitária apenas restrita à pesquisa e não como uma obrigatoriedade e um componente da universidade. Apenas no começo da década de 1960

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

que a extensão foi direcionada como um componente inseparável do ensino e da pesquisa, e desta forma a universidade começou a ter um posicionamento quanto ao seu compromisso social, objetivando a conscientização das classes populares acerca de seus direitos. Então a partir deste contexto surge uma influência de alguns movimentos sociais entre eles os seguintes: “União Nacional dos Estudantes (UNE) com seu projeto UNE Volante, e ainda podemos citar nesta época “o trabalho de Paulo Freire, criando o Serviço de Extensão Cultural, na Universidade do Recife, bem como o Movimento de Cultura Popular (MCP), o Movimento de Educação de Base (MEB) e o Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE”, porém logo este progresso foi perdendo espaço devido o golpe militar de 1964, o qual foi contrário à educação Popular e a estes movimentos sociais. Desta forma somente em 1968 a lei 5.540/68, legitimou que as instituições de ensino superior tornassem acessível a comunidade cursos e serviços especiais correspondentes as ações de ensino e aos resultados da pesquisa que lhes são intrínsecos no seu contexto educacional (Gadotti, 2014).

Segundo Brandão, (Cit. por Gadotti, 2014), entre 1970 e 1980, ocorreu o retorno de muitos movimentos populares e Organizações não ligadas ao poder do Estado e sindicais que promoveram um recomeço à extensão universitária no aspecto relacionado com a educação popular. Sendo assim em 1987 a constituição do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras - hoje “Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras” foi um fator importantíssimo para que a extensão universitária fosse considerada como constituinte do processo de ensino superior educacional brasileiro, cultural e científico.

Desta forma, conforme o documento de Política de extensão brasileira (Vasconcelos et al., 2012), presenciamos uma evolução na democratização de ensino superior no Brasil, e a efetiva discussão sobre as políticas públicas da educação, com o amplo da oferta de vagas, inclusive para as classes menos favorecidas socioeconomicamente. Isto torna o conhecimento mais acessível através da concessão de bolsas de estudos nos cursos através do Prouni – (Programa universidade para todos),(2005); e também o programa PBP instituído em 2013, (Programa de Bolsa Permanência), que tem por finalidade minimizar as desigualdades sociais, étnico-raciais (estudantes indígenas e quilombolas) e contribuir para permanência e diplomação dos estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica das instituições

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

federais de ensino superior, e ainda a oferta da bolsa do (Programa de Educação Tutorial) – (PET) Institucionalizado pela Lei nº 11.180, em setembro de 2005, o PET tem entre os objetivos a melhoria da graduação, por meio da formação acadêmica ampla e de qualidade e da fixação de valores que reforcem a cidadania e a consciência social dos estudantes universitários, e faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação. Em relação a extensão foi criado o (Programa de Extensão Universitária) (PROEXT), que visa o financiamento das ações de extensão (Brasil, 2008). Segundo Nogueira (Cit. por Gadotti, 2014), este programa objetiva a implementação de ações para que o conhecimento científico constitua mecanismos que possibilite o saber acadêmico e o popular interagirem-se, e produzirem a partir deste encontro um paralelo considerando a realidade para integrar teoria e prática.

Contudo Vasconcelos *et al.*, (2012) relatam ainda que os avanços estejam mais presentes no âmbito federal, os setores estadual e municipal com suas especificidades e desigualdades de investimentos apresentam uma desestruturação entre os que promovem avanços e outros que têm dificuldades de implementação das ações para o avanço do ensino superior. Contudo estas ações descritas demonstram um grande avanço para o ensino universitário brasileiro. Porém, em muitos momentos o cenário da extensão nas universidades brasileiras está em processo de desenvolvimento para alcançar objetivos e sanar problemas de sua plena efetivação.

A sociedade muitas vezes entende a extensão apenas como a oferta de cursos livres ou extracurriculares, mas este conceito é muito mais abrangente em sua proposta e contexto educacional, quando a universidade busca envolver nesta parceria a sociedade civil e o estado pode ter uma gama de possibilidades para beneficiar a comunidade e estar engajada socialmente nesta comunidade., a integração da comunidade com o interior do espaço universitário não é apenas constituir ações fora do contexto da universidade. “Não é só fazer uma ação externa para a sociedade, é fazer com que a sociedade também se integre à universidade”, comenta a assessora da pró-reitoria de extensão da PUC-Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), Tânia Cristina Teixeira, (Universia, 2005)

Disposto os aspectos históricos, segue-se a exposição dos aspectos legais acerca do tema, os quais serão dispostos sobre os seguintes conceitos: trabalho, cidadania, Competência e extensão universitária. O desenvolvimento de competências está

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

embasado nas políticas públicas brasileiras compondo tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), quanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS).

Conforme publicado pelo Senado Federal Brasileiro, A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), (Brasil, 1996), no título II dos Princípios e Fins da Educação Nacional no artigo 2º que: “Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. ” Considerando o artigo 43 da LDB Brasileira nos incisos II, V, VI, VII ,a formação dos discentes reafirma fins legais sobre as responsabilidades da educação superior no âmbito da prática cidadã, da formação para o trabalho e da extensão universitária e diz da obrigatoriedade de: “II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.” Contudo a LDB legitima o ensino superior em um direcionamento legal para com a responsabilidade e finalidade referente a formação profissional, a prática cidadã e a promoção da extensão universitária.

O aspecto legal sobre competência na educação superior rege legalizações sobre o currículo ou a práxis curricular, apenas em orientações nas diretrizes nacionais curriculares. A Câmara de Educação Superior (CES) elaborou estudos e o consequente parecer aprovado pela referida Câmara sob o nº 776, em 3/12/97. Contudo será descrito na citação abaixo os dois itens inclusos no parecer que fazem parte dos objetivos teóricos desta pesquisa:

“As diretrizes curriculares constituem no entender do CNE/CES, orientações para a elaboração dos currículos que devem ser necessariamente respeitadas por todas as instituições de ensino superior. Visando assegurar a flexibilidade e a qualidade da formação oferecida aos estudantes, as diretrizes curriculares devem observar os seguintes princípios: “ Encorajar o reconhecimento de conhecimentos, habilidades e Competências

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

adquiridas fora do ambiente escolar, inclusive as que se referiram à experiência profissional julgada relevante para a área de formação considerada; ” “ Fortalecer a articulação da teoria com a prática, valorizando a pesquisa individual e coletiva, assim como os estágios e a participação em atividades de extensão. ” (MEC parecer 108, 2003).

As orientações descritas na citação acima trazem de forma explícita que a formação no ensino superior deve considerar tanto o desenvolvimento de competências e habilidades na construção do conhecimento promovidos em contextos externos a sala de aula, e que oportunizem experiências profissionais dentro das áreas de ensino, quanto a importância da extensão para a interação entre a teoria e a prática, de forma a valorar a pesquisa.

Segundo Vasconcelos *et al.*,(2012) uma Instituição de ensino superior é constituída por três segmentos básicos: ensino, pesquisa e extensão. A legislação brasileira exige legislativamente um tratamento igualitário entre as funções básicas da universidade: ensino, pesquisa e extensão, legalmente esses três eixos representam as funções essenciais da universidade. “O preceito constitucional de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão e os institutos consagradas à Extensão Universitária na LDB e no Plano Nacional de Educação (PNE 2001-2010) denotam sua institucionalização no âmbito formal.”(Vasconcelos *et al.*, 2012, p. 21). Devido a este vínculo, essas ações concebem a consolidação de uma fase crucial na constituição da política de Extensão Universitária brasileira. ”. Contudo na prática curricular no cotidiano das universidades, o ensino e a pesquisa recebem mais prioridade e a extensão nem sempre recebe a devida atenção, não obstante o segmento de extensão nem sempre recebeu o valor devido. Sendo que, “legalmente, constitucionalmente e teoricamente esses três eixos representam as funções nobres da universidade. Na prática, o ensino e a pesquisa sempre tiveram prioridade e a extensão ficou em segundo plano.”(Universia, 2005). O tratamento inadequado da extensão gera um retorno insuficiente a comunidade e a universidade e às contribuições para o processo de ensino e formação. (Universia, 2005)

Criado no ano de 2003, pela “Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação, o Programa de Apoio à Extensão Universitária – PROEXT, visa o desenvolvimento de práticas de extensão nas Instituições de Ensino Superior “e abrange os seguintes “Temas Contemplados nos Editais do PROEXT:

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Formação de professores; Erradicação do trabalho infantil; Juventude e desenvolvimento social; Promoção e/ou prevenção da saúde; Educação ambiental e desenvolvimento comunitário, Violência urbana; Direitos Humanos; Atenção à pessoa idosa, ao deficiente e às populações indígenas e quilombolas; Geração de trabalho e renda; Inclusão étnica, Inclusão digital.(Brasil, 2008).

Contudo, conforme publicado por Universia (2005), atualmente a extensão está sendo mais valorizada e incentivada. Os manuais mais recentes de avaliação institucional, apresentam uma verificação a respeito da existência das ações extensionistas, exigindo a comprovação das universidades sobre o investimento contínuo na extensão, fato que é uma exigência garantida por lei e é um requisito para o credenciamento e credenciamento das universidades. Podemos observar na citação abaixo que o Brasil está avançando na promoção e acessibilidade do ensino superior, contudo ainda precisa ter mais progressos para de fato ter um ensino superior democrático.

O Brasil implantou muitas políticas para estimular o progresso educacional e proporcionar maior acesso ao ensino. Em 2010, US\$ 24,9 bilhões foram investidos em pesquisa e desenvolvimento e, enquanto uma porcentagem substancial desses fundos foi empenhada em cursos de engenharia, entre 2001 e 2009, o número de licenciados na área cresceu. Atualmente, só 16% dos jovens brasileiros estão entrando no sistema de ensino superior, um número significativamente menor do que o observado na Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento, que tem média de 32%. Essas estatísticas ilustram a grande lacuna entre as necessidades educativas do Brasil e a realidade do acesso ao ensino superior. Parcerias de universidades e comunidades podem ser uma ótima maneira de ajudar a preencher essa lacuna, seja beneficiando os envolvidos ou potencializando realizações maiores (Delaine, 2014, p. 2)

A política de extensão universitária (Vasconcelos *et al.*, 2012) possui três documentos básicos que direciona a organização das ações de extensão das instituições universitárias e atem-se às discussões, decisões e regulamentações decididas no encontro do FORPROEX (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras) as quais são: - Plano Nacional de Extensão Universitária, Sistemas de Dados e Informações - base operacional, e Avaliação da Extensão Universitária. Estas ações se fundamentam em atender as necessidades da sociedade, propondo e sistematizando a extensão universitária nas subseqüentes áreas temáticas:

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção e Trabalho. As ações de extensão ainda são aplicadas por meio de seis formas descritas no documento que direciona a prática extensiva nas universidades, as quais são: programa, projeto, curso, evento, prestação de serviços e produção e publicação. (FORPROEX, 2007)

A política nacional de extensão publicada no ano de 2012 possui três documentos básicos que direciona a organização das ações de extensão das instituições universitárias e atem-se às discussões, decisões e regulamentações decididas no encontro do FORPROEX (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras) as quais são: - Plano Nacional de Extensão Universitária, Sistemas de Dados e Informações - base operacional, e Avaliação da Extensão Universitária (Vasconcelos *et al.*, 2012). Segundo o FORPROEX (2007) estas ações se fundamentam em atender as necessidades da sociedade, propondo e sistematizando a extensão universitária nas subseqüentes áreas temáticas: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção e Trabalho. As ações de extensão ainda são aplicadas por meio de seis formas, as quais são: programa, projeto, curso, evento, prestação de serviços e produção e publicação.

O Fórum de Pró-reitores de Extensão propõe às instituições universitárias que realizem uma avaliação de suas ações de extensão numa diligência que demonstre a comunidade que além de instituição de ensino, ela é responsável por melhorias nesta comunidade e que tem participação social.

A análise da extensão deve estar inserida na avaliação institucional das Instituições de Educação Superior (IES), integrada com as demais áreas do fazer acadêmico. (FORPROEX, 2000).

As atividades de extensão, seguindo as áreas temáticas, precisam ser realizadas com um planejamento que valorize e aplique a interdisciplinaridade, “A ação extensionista, interdisciplinar por natureza, ao abordar a realidade em sua plenitude, promove a produção do conhecimento de forma integrada”. (FORPROEX, 2000, p.9). Ao articular-se as ações extensivas no (âmbito dos eixos das áreas temáticas, território e grupos populacionais), viabiliza-se a relação das necessidades educacionais da universidade e também da importância da aplicação das ações de extensão para a

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

comunidade de forma contextualizada. Pois, oferecer à comunidade atividades de extensão fora de sua realidade social pode corroborar com dificuldades na execução e participação desta comunidade nas mesmas. Portanto torna-se muito mais fácil aproximar esta comunidade de uma universidade quando a extensão promove uma articulação das suas ações com as necessidades de evolução social, de melhoria da qualidade de vida e dos aspectos educacionais, espaciais e socioeconômicos. Assim como reafirma a citação abaixo descrita do texto do documento de política nacional de extensão universitária.

Ênfase especial deve ser dada à participação dos setores universitários de extensão na elaboração e implementação de políticas públicas voltadas para a maioria da população, à qualificação e educação permanente de gestores de sistemas sociais e à disponibilização de novos meios e processos de produção, inovação e transferência de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do país.(Castro *et al.*, 2016, p. 17)

A extensão enfatiza e possibilita a participação das universidades na construção e no implemento de políticas públicas para atender a população com uma abrangência maior, qualificando e promovendo o desenvolvimento educacional e social. Quanto mais comprometida a universidade estiver com a comunidade em que está inserida, mais importante será sua atuação social e a promoção das ações de extensão. Apesar dos financiamentos não serem tão contínuos, o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) tem estimulado o acesso interno e externo das universidades ao financiamento para a realização e apoio às atividades de extensão. A extensão tem se tornado um segmento que está recebendo cada vez mais apoio devido ao seu reconhecimento como instrumento na promoção do conhecimento, por possibilitar uma universidade mais socioparticipativa e comunitária e ainda colaborar para a acessibilidade ao conhecimento e evolução da sociedade.

## **2. A extensão e o desenvolvimento de competências: Sentidos, percursos e territórios.**

Santos (2008, p. 66), sucintamente retrata a representação da extensão nos contextos de cidadania e ensino relatando sobre o contexto significativo e importante que terá a extensão universitária futuramente e diz que: “A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a Universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

extensão ao seu serviço”. Considerando esta citação, é muito indispensável pensar nos dois conceitos que estão inseridos a partir da extensão universitária no âmbito do desenvolvimento de competências, os quais são: cidadania e formação para mundo do trabalho. Seguimos então na discussão destes, primeiramente, a partir da cidadania e extensão.

Segundo o texto da comissão brasileira de relações internacionais a extensão universitária tem um significado diferente nos países desenvolvidos, pois “ A relação universidade - empresa - estado apresenta uma configuração predominante na extensão universitária (Deus, 2004, p.2) e é uma parceria muito necessária como afirma ETZKOWITZ, (2017) . Desta forma, quando a sociedade civil desenvolve um sistema eficiente que atenda as demandas sociais de qualidade de vida, de incentivo à cultura e evolução tecnológica; as universidades podem ater-se principalmente aos objetivos científicos, promovendo outras demandas sociais se desejarem. Contudo, nos países subdesenvolvidos, como o Brasil, as universidades brasileiras necessitam pensar além do âmbito científico e tecnológico, pois o estado e a sociedade civil ainda não apresentam solidez devido a muitas deficiências organizacionais e de oferta de serviços de qualidade do poder público à sociedade brasileira. “Nos países subdesenvolvidos, a extensão é muito importante em decorrência do fator “ do déficit econômico, social e tecnológico dessas nações, onde tradicionalmente o conhecimento (produzido e difundido) esteve vinculado ao papel dirigente reservado às elites nacionais. ”(Deus, 2004, p. 2).

Sendo assim, a universidade brasileira deve considerar como essencial sua representação social, estando engajada e comprometida com ações que promovam contribuições para solucionar problemas da sociedade: como em questões e melhorias socioeconômicas, diminuição da taxa de analfabetismo, e acesso aos direitos humanos e de qualidade de vida e serviços públicos. A contribuição ou parceria da universidade com o estado pode promover a evolução de ambos. O cumprimento dessa missão ou de ações voluntárias que promovam sua interação com a comunidade está intitulado na sua própria história e função pública utilitária. (Delaine, 2014).

A sociedade muitas vezes entende a extensão apenas como a oferta de cursos rápidos ou extracurriculares, mas este conceito é muito mais abrangente em sua proposta e contexto educacional quando a universidade busca envolver nesta parceria a sociedade civil e o estado pode ter uma gama de possibilidades para beneficiar a comunidade e estar

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

engajada socialmente nesta comunidade. A extensão realmente é ligada a ideia de interação da comunidade e a universidade, mas “Não é só fazer uma ação externa para a sociedade, é fazer com que a sociedade também se integre à universidade”, comenta a assessora da pró-reitoria de extensão da PUC-Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), Tânia Cristina Teixeira. (Universia, 2005, p. 2).

Santos, (2008) descreve que na área de extensão a Universidade em sua reestruturação precisa inferir às atividades de extensão uma base pautada em novos encadeamentos no “currículo e nas carreiras dos docentes e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global”(Santos, 2008, p.66) Conferindo às Universidades uma cooperação e atuação na “construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental e na defesa da diversidade cultural.” (Santos, 2008, p. 67).

No entanto considerando que a atividade extensionista está direcionada a complementação da formação FORPROEX (1987). Torna-se necessário, neste momento repensar a aplicabilidade curricular e sua estruturação na universidade no âmbito físico e organizacional, viabilizando assim possibilidades de flexibilização de ações que promovam o engajamento entre universidade e comunidade, e nesse sentido a extensão torna-se um instrumento nesta aproximação, oportunizando benefícios e progressos.

A prática didática- curricular direcionada precisa adequar-se entre eixos teóricos das disciplinas e com todo o processo de ensino e a aplicação do mesmo, precisa ser constituída a fim de valorizar e abranger as atividades de extensão a fim de valorizar mais suas ações no âmbito do currículo aproximando experiências e conhecimentos científicos e práticos , oferta de serviços e envolvimento da mesma com a comunidade, a qual nem sempre é tão efetiva em função do trabalho voltado para o currículo formal. Neste contexto a prática didática curricular precisa ser direcionada em uma estrutura organizacional que tenha como objetivo impedir que os cursos se tornem reprodutivos de conhecimentos e descontextualizados da realidade social, mas sim conduza os conteúdos curriculares com mais flexibilidade para atender a formação dos alunos, a pesquisa e a sociedade, sendo instrumento de mediação entre a teoria e a prática. ( Imperatore et. al, 2015).

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Correia e Vieira, (2009) citam (Stenhouse), mencionado por (Forquin, 1993, p.23) que diz: “(...) O currículo extrapola o aspecto da formalidade e se expressa também por meio da prática”. Conforme, Sacristán (2000), as concepções de currículo mais recentes ponderam que se observe sua hipotética aplicação a partir da cogitação sobre: (...) “ que objetivo se pretende atingir, o que ensinar, por que ensinar, para quem são os objetivos, quem possui o melhor acesso às formas legítimas de conhecimento, que processos incidem e modificam as decisões até que se chegue à prática”, ou seja, refere-se a sua função pragmática, e diz que: “o currículo é uma determinação da ação e da prática, assim como o são as valorizações sobre o que é cultura apropriada. ” (Sacristán, 1998, p. 48).

Demo, (2012), ao discorrer sobre Competências e habilidades infere que não é concebível pensar em uma dicotomia, ou seja em uma oposição entre o conhecimento teórico e a prática, embora o ensino acadêmico assim considere. Para este autor Habilidade e competência pode significar o “ saber Pensar”, a partir do modo de vincular a teoria e a prática como objetivo de “saber pensar e intervir” de forma unificada. Desta forma, ele explica que as particularidades que integram a teoria e a prática possuem uma dialética, apresentando uma implicação entre ambas, não havendo diminuição de uma em relação a outra, constituindo inclusive, em algumas situações a apresentação de incompatibilidades entre as mesmas, pois muitas teorias podem não ser aplicáveis em específica realidade e complicar em vez de simplificar. Assim, torna –se válido pensar que assim como, relata Foucault (2000), “ A ordem do discurso é do discurso, não da realidade”(Demo, 2012, p.8)

(Forquin, 1993), referindo-se as definições mais atuais sobre o currículo, faz considerações, as quais, o currículo unifica uma dimensão mais dinâmica em sua efetivação, apresentando a significação de somente projeto, para considerá-lo como um plano e o decorrer de todo o seu desenvolvimento prático.

Silva, (2010, p.150), define currículo como um conjunto de conhecimentos construídos historicamente, e socialmente pela sociedade os quais foram repassados as gerações vindouras. Sendo este orientador da prática pedagógica e do conjunto de aprendizagens propostas aos alunos, atualmente o currículo está além de conhecimentos a serem ensinados, ele articula e cria parâmetros para uma educação de qualidade, proporcionando um melhor planejamento das ações educativas. Chegando, no entanto,

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

aos conceitos apresentados por Silva, (2010), para quem o conceito de currículo é abrangente e recriado ao considerarmos a identidade que cada comunidade escolar dá a sua funcionalidade e particularidades. O currículo é lugar, espaço e território porque tem influências geográficas, possui relação de poder, pois possui intenção política, é trajetória por indicar um caminho dando orientação ao que se deve ensinar, é autobiografia por selecionar e listar conteúdo, é identidade por ser construído socialmente por uma sociedade formando a identidade dos sujeitos da mesma, sendo discurso e documento dos conteúdos de ensino selecionados por esta sociedade.

Contudo Jiménez (1995 cit. por Ramos, 2009,) traz as seguintes colocações sobre a utilização de competências na composição curricular; e diz que:

“As competências definidas como referências para o currículo correspondem a unidades para as quais convergiriam e se entrecruzariam um conjunto de elementos que as estruturam (conhecimentos, habilidades e valores), congrega a ideia de que a competência constitui uma unidade e de que os elementos isolados perdem esse sentido.”(Ramos, 2009, p.1-2).

Nesta citação podemos verificar a relação entre currículo e a construção de competências. A unidade de conceitos que integram a competência não pode ser fragmentada porque torna-se sem significado. A interação de conhecimentos teóricos e advindos da prática possibilitam experiências em um movimento dialético entre o conhecimento científico e o conhecimento cotidiano das realidades sociais . Jiménez (1995 cit. por Ramos, 2009, p.2), diz que “O desempenho é compreendido como a expressão concreta dos recursos que o indivíduo articula quando realiza uma atividade”. Assim o desempenho é entendido em um conjunto de ações realizadas pelo sujeito, as quais englobam a articulação e utilização de conceitos, conhecimentos, instrumentos, métodos e habilidades para a solução ou exercício de uma tarefa ou solução de uma situação-problema.

Perrenoud, (2000, p.13) define que “A noção de competência designando a capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação”. Então Perrenoud, (2000) explica que as competências não são em si conhecimentos, ou mesmo representam habilidades e atitudes, contudo movimentam e promovem a integração estruturando estes conceitos a partir da contextualização dos mesmos em ações ou situações práticas de utilização dos conhecimentos apreendidos.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Perrenoud (1999, p. 5) diz que: "(...) qualquer ação pode reduzir-se a conhecimentos.", Discorrendo sobre a importância de se aplicar o conhecimento à prática, pois chegará a hora em que: “ (...) o especialista provido com os conhecimentos declarativos, procedimentais e condicionais mais confiáveis e mais aprofundados deve julgar sua pertinência em relação à situação e mobilizá-los com discernimento.” (Perrenoud, 1999, p. 6). Referindo-se ainda aos conhecimentos procedimentais e condicionais implica uma ponderação que está além de uma regra ou conhecimento e faz a seguinte menção: que segundo Pierre Bourdieu (1972) “ Toda tentativa para apoiar uma prática no que diz respeito a uma regra explicitamente formulada, seja no campo da arte, da moral, da política, da medicina ou até da ciência (É só pensar nas regras do método).” (Perrenoud, 1999, p. 9). E desta forma relaciona o método ao hábito e explana que:

“Choca-se com a questão das regras que definem a maneira e o momento oportuno — kairós, como diziam os Sofistas — da aplicação das regras ou, como se diz tão bem, a colocação em prática de um repertório de receitas ou técnicas, em suma, da arte da execução com a qual é inevitavelmente reintroduzido o habitus (Bourdieu, 1972, p. 199-200).” (Cit. por Perrenoud, 1999, p. 6).

Ainda discutindo sobre a citação acima (Perrenoud, 1999) traz colocações acerca da prática, e diz que: “Essa arte da execução ativa um conjunto de esquemas lógicos de um alto nível de abstração” e elucida que a prática traz em si a utilização do método, os conhecimentos aplicáveis em uma área, as habilidades de uma determinada competência e conceitos valorativos do indivíduo.

Perrenoud, (1999) esclarece que o fato de o profissional ter inteligência e também ter instrução e conhecimentos e explica que a partir desta integração, o ser humano tem possibilidades de ação, ou seja, habilidades que não são meros conhecimentos isolados; e afirma que: “ (...) A perícia supõe também atitudes e posturas mentais, curiosidade, paixão, busca de significado. ” (Perrenoud, 1999, p. 6) Este contexto possibilita o especialista pensar em como utilizará de forma eficaz os recursos tanto teóricos como físicos disponíveis para a solução de problemas. Então considera que a competência formada em um profissional apresenta ainda as motivações que integram o desempenho de uma ação e diz que alguns fatores interagem neste contexto como: “ (...) relação com o tempo, maneira de unir intuição e razão, cautela e audácia, que nascem tanto da formação como da experiência. ” (Perrenoud, 1999, p. 6)

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Conforme Ausubel, e Novak, (1968) o conceito de aprendizagem significativa parte da premissa de conhecimentos anteriores dos alunos para trazer significado aos novos conhecimentos que serão apreendidos, quanto mais a informação for contextualizada a realidade traz mais sentido ao novo conhecimento e maior será as possibilidades da aprendizagem não se configurar de forma a visar a reprodução de conhecimentos fragmentados.

Com a contribuição de Ausubel e Novak (1968), a teoria da aprendizagem significativa transformou a constituição do ensino do molde “estímulo→ resposta→ reforço positivo para seguir o encadeamento aprendizagem significativa→ mudança conceptual→ construtivismo.” (Job, 2011, p. 29). A partir destas considerações, o ensino considerando o desenvolvimento de competências engloba a aprendizagem significativa, pois a interação teoria e prática é uma forma de significar o conhecimento ao possibilitar ao aluno a interação da teoria vista em sala e ressignificá-la aos novos conhecimentos e experiências de forma contextualizada. Contudo a teoria que mais se adequa ao desenvolvimento de competência é a de Rogers “*Significant learning*”. A aprendizagem significativa na teoria de Rogers, no âmbito educacional, advém da “ (...) transposição da sua teoria terapêutica (terapia centrada no cliente) para o contexto de sala de aula (ROGERS, 1972, trad.). Essa aprendizagem aproxima o aluno da sua própria experiência (MAHONEY, 1976) e provoca mudança no seu autoconceito (ROGERS, 1972, trad.).”(Neto, 2006, p.123).

## **2.1. Extensão universitária e cidadania**

Batomé, (1996) apresenta um foco diferente do vigente modo de organização sobre o elo extensão, pesquisa, ensino e gestão e propõe que o currículo deve ser redefinido a partir da extensão universitária, a qual, dá orientação a pesquisa e dá o retorno de respostas encontradas nesse processo, apresentando resultados para o ensino, e fundamentando a gestão acadêmica. Segundo este autor ocorre o contrário nos moldes universitários vigentes que fazem o percurso contrário, e diz que: “subordina as políticas de ensino e pesquisa às delimitações do “negócio educação” e marginaliza a extensão, conformando-a, ora a práticas assistencialistas, ora a um balcão de negócios “universidade-empresas”. Botomé, (1996 Cit. por Imperatore, 2015). Disposto isto, Batomé (1996), salienta ainda que o comprometimento social das instituições de ensino superior abrange todos os pilares da universidade não sendo privilégio apenas da

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

extensão, como se fosse uma missão exclusiva da mesma assumir o cumprimento deste papel social.

Segundo Martins (2008, p. 203), a extensão traz vivência ao ensino, assim como descreve a seguir: “Ao ensino, é proposto o conceito de sala de aula que vai além do tradicional espaço físico, compreendendo os demais, dentro e fora da universidade, ” A autora ainda faz considerações dos benefícios que a extensão universitária possibilita explicando que: “A extensão é o processo histórico-social com suas múltiplas determinações, passando a expressar um conteúdo multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar, como exigência decorrente da própria prática.” (Martins, 2008, p.203).

Demo, (2012, p.12), traz reflexões muito relevantes sobre o conceito de competências e habilidades, apresentando este conceito com bases no positivismo devido a característica de “reduzir o conhecimento à face analítica e numa referência, que mesmo em uso extremo a análise tem relevância como habilidade/ competência de “modelar realidades complicadas”. E considera que a integração de habilidade e competências no âmbito da solução de situações problemas a partir do conhecimento teórico remete a intervenção, assim como corrobora Marx (1845) que ao questionar as análises das “teses sobre Feuerbach” (11ª fase), disse que: “os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo”.(Demo, 2012, p.12).

Vasconcelos *et al.* (2012, p. 8) relata que: “A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (FORPROEX, 1987). O conhecimento promovido nas ações extensionistas em interação com o conhecimento científico oportuniza um conhecimento acadêmico democrático, pois este, em contato com o conhecimento decorrente da comunidade, ou seja, popular produz uma dinâmica de troca de conhecimentos.

Por conseguinte, este movimento dialético corrobora com o processo que interliga a teoria e a prática. Sendo assim, o conhecimento final produzido nesta articulação de saberes de encontro com as particularidades regionais da comunidade ou sociedade onde está inserida a universidade constitui um ensino interdisciplinar das disciplinas voltado para uma formação integral que valoriza o social.(Vasconcelos *et al.*, 2012). Preparando o estudante desta forma para ser cidadão, consciente e sujeito modificador e crítico da

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

realidade. Sendo este apto para identificar os desafios que circundam a prática efetiva de sua profissão, e ainda cria-se a ação da extensão na melhoria da qualidade de vida e aumento dos índices do IDH da população, na solução de problemas, na criação de estratégias e medidas necessárias para o fomento do crescimento socioeconômico, do desenvolvimento cultural, educacional e tecnológico e na oferta de bens e serviços como no âmbito de meio ambiente educação e saúde para colaborar com o desenvolvimento da comunidade e sociedade a que pertence. Através dos projetos e outras medidas que podem ser promovidos na extensão, as parcerias e os patrocínios possibilitam a universidade como instituição social, a sociedade civil e o estado unirem esforços numa perspectiva de promover o acesso da comunidade ao conhecimento e a diminuição das desigualdades sociais, consentindo com uma visão de universidade cidadã. (Vasconcelos *et al.*, 2012).

## **2.2. Extensão universitária e experiências acerca do mundo do trabalho**

Neste capítulo, ressaltamos então o mundo do trabalho focando neste estudo as experiências oportunizadas nas ações de extensão

(Delors *et al.*, 1998) expõe que o mundo do trabalho em sua constituição é um espaço “privilegiado de educação”. Retrata sobre tudo a aprendizagem de um conjunto de habilidades, sendo muito importante que se tenha um reconhecimento por parte da maioria da sociedade quanto ao seu valor formativo, principalmente quando inserido no sistema educativo. “Este reconhecimento implica que se leve em conta, em especial por parte da universidade, a experiência adquirida no exercício de uma profissão.” (Delors *et al.*, 1998, p.113)

Manfredi, (1998 p. 2) descreve que ao longo da história os termos qualificação e competência apresentam “matrizes distintas”. Enquanto que a origem de qualificação é pertinente ao campo teórico das ciências sociais, o termo competência tem sua história aportada nos “conceitos de capacidades e habilidades”, construções teóricas e significativas advindas “das ciências humanas - da psicologia, educação e linguística”.

Lessa, (1999), também traz uma reflexão neste sentido descrito acima e complementa que o neoliberalismo em seu conceito de mercado “amesquinha a visão de Universidade, hipertrofia os argumentos utilitaristas e abre uma busca desesperada da mercadoria a ser produzida pela Universidade.” (Lessa, 1999, p. 6). Assim sendo fica a visão de que a universidade é apenas uma “escola fábrica”, e desta maneira conduz o

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

ensino e a profissionalização apenas para atender as demandas do mercado, como se seu objetivo fosse formar em função das necessidades produtivistas mercantis e capitalistas que precisam de profissionais preparados com eficiência em atuar com técnicas específicas e com especialização em conhecimentos particularizados de determinada área profissional.

Alves, (2004), a respeito da extensão universitária neste contexto, relata o seguinte: “A questão central deste embate é entender que não se conquistam direitos pelo mero acesso ao mercado, e sim através de políticas públicas universais e igualitárias.”(Alves, 2004,p.2). A partir deste conceito a extensão tem sentidos desafiadores que defendam as políticas públicas, fazendo parte da” formulação, acompanhamento e avaliação dessas Políticas em todos os âmbitos da federação e setores de atuação, especialmente aqueles relacionados à garantia dos direitos”

Santos (2003, cit. por Bedin 2006) chama a atenção para a importância de a universidade ter organização no compromisso de revalorizar os conhecimentos científicos assim como o próprio saber científico, a fim de reunir os cidadãos, os universitários, “em verdadeiras comunidades interpretativas que sobrepujem as frequentes interações em que os cidadãos são sempre forçados a renunciar à interpretação da realidade social e cultural que lhes diz respeito.” (SANTOS, 2003, p. 225).

Rosa ( 2010, p.22 ), afirma que a extensão promove “uma participação e um processo crítico e reflexivo de todos os atores sociais. ”. Além disso corrobora que este processo deve ater-se em analisar e contemplar questões que integram e passem pela universidade e sociedade. Alguns depoimentos relatados no relatório de gestão da universidade Federal do Rio de Janeiro (Benetti, 2015) constata a importância da extensão universitária na sua representatividade tanto na sociedade quanto no âmbito profissional.

“Acredito que a obrigatoriedade de inclusão da Extensão no currículo dos cursos de Graduação poderá contribuir para a aquisição de experiências mútuas, entre o aluno e os diferentes integrantes dos diversos setores da sociedade, aumentando a interação entre eles, e ampliando os horizontes de atuação profissional do aluno. A inserção da extensão na grade curricular vai provocar uma mudança na realidade desses alunos, tornando-os mais engajados nas diferentes atividades, levando-o a interagir com a sociedade, permitindo assim que a universidade cumpra

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

sua função social. ” Prof.<sup>a</sup> Kátia Regina Netto dos Santos, coordenadora de Ensino de Graduação do Instituto de Microbiologia Professor Paulo de Góes – IMPPG/ UFR (Benetti, 2015, p.20)

“A inclusão da extensão no currículo dos cursos de graduação é importante porque permite ao estudante agregar à sua formação o papel da Universidade como geradora de conhecimento a partir da e para a sociedade, na qual, no futuro, ele atuará profissionalmente. Essa integração dá um sentido transformador à graduação. ” Prof.<sup>a</sup>. Beany Monteiro Coordenadora de Extensão da Escola de Belas Artes - EBA/UFRJ - Coordenadora do Projeto Design em Empreendimentos Populares.(Benetti, 2015, p.21)

Santos (2008) expõe que a universidade somente alcançará sua legitimação no momento que as ações referidas atualmente como de extensão, se tornarem tão profundas ao ponto de desvanecerem segundo o que são e se tornarem integradas nos seguimentos e ações do ensino e da pesquisa. Neste sentido a extensão universitária traz experiência e promove significado ao ensino e se integra como um contexto de aplicação prático para a pesquisa.

Schwartz, (2010) ao discorrer sobre a função formadora da experiência adverte que a experiência precisa vir acompanhada de um saber ou seja um conhecimento, caso contrário como relata o Filósofo Platão “em relação ao trabalho (o saber fazer) do artesão que constrói uma competência apenas com a “(...) experiência na qual se acumula essa competência, e isto é sobretudo, rotina, quer dizer, algo que não tem muito valor, sob certo ângulo, nenhum valor, porque é do saber que não sabe relatar o que faz, é intuição”. À vista disso (Schwartz, 2010) explana que:

“ Para que a questão do papel formador da experiência tenha um sentido, é preciso que levantemos uma oposição, quer dizer, uma oposição e uma continuidade, uma possibilidade de articulação entre, de um lado o que poderia ser saberes, conhecimentos, no polo, digamos, mais formal, acadêmico, que podem se transmitir pelos conceitos, e em seguida algo que tenha igualmente a dimensão de um saber, do lado da experiência, mas que não teria o mesmo estatuto. É preciso, portanto, poder chegar a definições que preservariam esses dois polos dos conceitos de experiência, de formação, de competência. Se eles não são realmente diferentes, a questão a experiência é formadora? Desemboca numa tautologia. E, se são radicalmente diferentes, um não pode formar o outro.”(Schwartz, 2010, p.36).

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

A extensão, portanto, no contexto desta linha de raciocínio exige e colabora para uma educação que não valorize a reprodução do conhecimento com situações de aprendizagens com amarras em conteúdos fragmentados e que atendam a objetivos distantes da realidade social.

**Le Boterf, (2003)**, refere-se ao conceito de competência nos seguintes aspectos: “(...) É um saber agir responsável que é reconhecido pelos outros, isso implica em saber como mobilizar, integrar e transferir os conhecimentos, recursos e habilidades, num contexto profissional determinado. ” Segundo o autor, um profissional pode ter conhecimento acerca de técnicas modernas aplicadas para a solução de situações problemas e ainda ter desenvolvido habilidades pertinentes a esta aplicação, entretanto, pode não apreender o momento e o local apropriado para sua aplicação em um exercício de alguma ação. Ele ainda corrobora que: no cotidiano, a experiência é fundamental e demonstra que mesmo profissionais renomados por seus abrangentes conhecimentos e capacidades se deparam em alguns momentos específicos no trabalho com particularidades as quais são desafiados ou não conseguem mobilizar os seus potenciais adequadamente de maneira apropriada.

Zarifian (2001 Cit. por Kilimnik et. al, 2004, p. 12), relata que a competência é expressa e pode ser avaliada a partir de um contexto de aplicação, quando empregada em ocorrências profissionais, no posicionamento do profissional na conexão prática do indivíduo em cenários que exijam o enfrentamento de ações para a solução de problemas, ou seja, o exercício profissional, Entretanto, a forma como este profissional defronta essa situação “está no âmago da competência”, e também traz considerações corroborativas a questão da competência e formação profissional. Medef (2001) expõe este termo significando que: “[...] a competência profissional é uma combinação de conhecimentos, de saber-fazer (know-how) , de experiências e comportamentos que se exerce em um contexto específico.” Medef (2001, Cit. por Zarifian 67). Este autor compreende que a competência é adquirida, uma vez que, promove e advém de um procedimento particular e individual, e que admite ser desempenhada em uma situação de trabalho, relatando como Perrenoud, (1999) que o indivíduo tem responsabilidade sobre ela e sua efetivação de forma eficaz através dos elementos utilizados nesta ação. Por conseguinte, o contexto das ações de extensão pode ser um ambiente rico de significados profissionais ao proporcionar a comunidade acadêmica possibilidades interacionais em vivências em

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

contextos reais quanto ao conhecimento científico de determinada área de ensino e formação tanto em experiências cidadãs quanto ao mundo do trabalho. (Casadei, 2016).

Reafirmando o conceito de competência principal considerado para fins desta pesquisa na mesma linha dita por Mertens, (1996), um caminho profissional de treinamento deve relacionar conhecimento com o fazer, a aquisição de um conhecimento precisa ter relação à ação, uma capacitação profissional não pode ater-se somente à preparação técnica e sim também precisa considerar o desenvolvimento e progresso pessoal. Este autor ainda salienta sobre a importância de uma proposta que alterne os períodos de preparo teórico científico de treinamento com a ocorrência de aulas de treinamento prático.

### **2.3. As prerrogativas do desenvolvimento de competências nas ações de extensão**

O desenvolvimento de competências na área de educação é corroborado com a definição dos quatro pilares da educação baseados na Declaração Mundial sobre Educação para todos na conferência mundial sobre educação para todos, reunidos em Jomtien, Tailândia, de 5 a 9 de março de 1990 o documento redigido declara que: “Cada pessoa - criança, jovem ou adulto - deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem” ” Esta declaração mundial ainda descreve que estas necessidades englobam os “ instrumentos da aprendizagem da leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas, e os conteúdos básicos da aprendizagem”: conhecimentos, habilidades, valores e atitudes.” (UNESCO, 1990, artigo 1,p.4) .

Assim UNESCO (1990) apresenta em seu relatório os quatro pilares da educação. Estes pilares correspondem a integração de aprendizagens e orientações curriculares na educação que possibilitam ao ser humano agir com autonomia. Delors *et al.*, (1998) descreve que estes 4 conceitos fundamentais da educação podem ser desenvolvidos com bases de formação contínua “ a partir do conceito de educação permanente, este, no entanto, deve advir da vivência e experiência, abrangendo tanto os patamares da cognição, razão, emoção e é o uso pragmático e teórico relacionado ao ensino prático. Estes pilares são: “Aprender a conhecer - este requisito abrange o pensamento crítico, a pesquisa com senso investigativo, aprender a aprender para se beneficiar das oportunidades educacionais que tiver acesso e fazer-se oportunidade. O segundo pilar é aprender a fazer

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

- o qual não representa somente a qualificação, mas também a possibilidade de o ser humano ter competências na solução de problemas e com o trabalho em equipe desenvolvendo a capacidade de se relacionar na coletividade. O terceiro pilar é aprender a conviver, o qual, engloba saber a compreensão e o respeito ao outro e percebendo as individualidades e o todo em seu pluralismo, conforme o conceito de interdependências que rege as relações, assim como, administrar e resolver situações com conflitos, e desenvolver projetos coletivos. O último e quarto pilar diz respeito a Aprender a ser, atuar com autonomia e ter responsabilidades pessoais, apresentando discernimento e expressando opiniões. (Delors *et al.*, 1998)

Considerando ainda este relatório sobre a educação no século XXI - “O conceito de educação ao longo da vida é a chave que abre as portas do século XXI, ele elimina a distinção tradicional entre educação formal inicial e educação permanente. ” E ainda, direciona para outro conceito referido frequentemente, o qual é: “sociedade educativa” na qual tudo pode ser uma oportunidade para aprender e desenvolver os talentos”. Sob essa nova perspectiva, a educação permanente é concebida como algo que vai muito mais além do que já se pratica (...)”. Neste contexto, a educação é valorada sob óticas que objetivam oportunizar resposta quanto a aquisição do conhecimento, o aperfeiçoamento e ampliação das formações, inclusive as práticas, e conforme os requisitos solicitados no âmbito profissional. Sendo assim, “Ela deve abrir as possibilidades da educação a todos, com vários objetivos: oferecer uma segunda ou terceira oportunidade; dar resposta à sede de conhecimento, de beleza ou de superação de si mesmo.”(Delors *et al.*, 1998,p.32).

Demo (2012) corrobora a definição de competências segundo a proposição da ONU (UNDP,1990,2009) acerca do direcionamento do tema habilidades e competências através do conceito de “oportunidade”, conduzindo assim a definição de desenvolvimento a partir de “ oportunidade, ou seja, como proposta a ser construída em sociedade, muito além das condições liberais de mercado. Segundo Vasconcelos *et al.*, (2012, p. 15) sem as ações de extensão as universidades podem ficar vulneráveis a reprodução dos “padrões elitistas e tradicionais, que reiteram a endogenia, e abrem espaço para a mera mercantilização”.

Tardeli (2012), apresenta uma crítica ao neoliberalismo que reflete o ideário político e econômico capitalista no mundo do trabalho, o modelo Toyotista de organização do trabalho incide negativamente no campo educacional em relação aos

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

processos de mercantilização da educação e à desvalorização da profissionalização docente quanto a implementação de novos ideais para antigas reformas, legislações e pedagogias não críticas, que fundamentam o surgimento de modismos e receituários pedagógicos e expressões, como aprendizagem significativa Ausubel (1968), habilidades e competências (Perrenoud, 2000) e sociedade do conhecimento ou da informação, esta por sua vez é instigada no contexto da globalização.

Tardeli (2012) faz referência ainda sobre a globalização e sua representação na educação, mencionando o quanto a mesma facilita e promove o acesso à informação. No entanto, apresenta tendências pedagógicas educacionais que utilizam conceitos que segundo o autor são ilusórios para fascinar os profissionais da educação, impedindo-os de terem uma postura crítica a sociedade capitalista. Estas tendências chamadas pedagogias democráticas ainda difundem a falsa ideia que a globalização e o acesso à tecnologia é o que promove uma educação de qualidade, pois permite aos indivíduos terem aprendizagens por si mesmos. E neste momento os autores reafirmam a necessidade de se formar profissionais (pessoas) que desenvolvam competências necessárias exigidas para atender e se adaptarem aos contextos da chamada sociedade do conhecimento que, segundo Duarte (2008 cit por Tardeli 2012), esta expressão representa uma ideologia criada pelo sistema capitalista de produção que objetiva enfraquecer as críticas às formas de intervenção coletiva contra o tipo de organização societária dominante.

Neste contexto Batomé, (1996) realiza uma crítica a respeito da criação da extensão universitária como “função de salvar o ensino e a pesquisa”, e repensa a extensão não “como reprodutora de ensino que outras instituições da sociedade já produzem”. Ele apregoa que o ensino e a pesquisa não precisam da extensão ou outra “(...) agência (...) ou equivalentes para realizar um compromisso social ou para desenvolver um aprendizado socialmente significativo” (Batomé, 1996, p.113) e salienta que tanto a pesquisa científica quanto o ensino de nível superior podem realizar esse compromisso, dependendo apenas de concepções práticas dos cientistas e pesquisadores, ou seja da visão de “ciência, universidade e sociedade” pois, não é característica intrínseca da pesquisa e do ensino serem descontextualizados e separados da realidade social (Batomé, 1996).

Batomé (1996) defende uma nova visão de extensão agregando a ela um direcionamento para criar diretrizes para a ação dos que constituem a universidade na

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

direção de um efetivo compromisso com a transformação da sociedade, não restringindo a extensão às funções que o ensino e a pesquisa podem efetuar, mas não as fazem. Porém não é suficiente a extensão se voltar para o ensino e a pesquisa, ela precisa de aplicabilidade e ações imediatas as necessidades da sociedade.

Não destituindo a discussão polêmica e abrangente em torno destes dois temas, (Demo, 2012) suscita-nos entender sobre os amplos significados do termo competência e sua relação com os autores da sociedade do conhecimento. Mesmo apresentando uma concordância a definição acerca do significado de produção de oportunidades e o fato de o próprio ser humano tornar-se oportunidade, explana algumas formas de uso do conceito de competências e habilidades acerca da habilidade primordial ao seu ver, a de “saber pensar” (pensar e intervir) no conjunto teoria e prática de forma que relata uma “politicidade de autoconstrução”. Neste contexto o conceito de habilidades emprega “a capacidade humana de alargar suas oportunidades, dentro das circunstâncias dadas, ou conduzir até onde possível, seu destino”. (Demo, 2012, p.6).

No entanto, o conceito de competências pode estar também relacionado ao conceito de competição, enfatizando a promoção do indivíduo na visão neoliberal no plano empresarial, conceito este que é visto como negativo pela pedagogia histórico-crítica Saviani, (2006 cit por Imperatore *et al.*, 2015).

Em educação é usual o termo competência como um conceito que engloba e articula um conjunto de habilidades, conhecimentos e atitudes envolvendo razão e emoção sendo assim um agir responsável (Perrenoud 1999, 2002).

Demo, (2012) define no entanto que “habilidade é da ordem das metodologias e não dos conteúdos” (Demo, 2012, p. 7). Assim retoma o termo “saber pensar” como competência e esclarece que o considerando como habilidade sendo da ordem do método, significa a reflexão sobre os conteúdos tornam-se adequado ao buscar a apresentação de soluções de problemas associando “saber pensar e intervir”. Porém caso seja considerado e reduzido em habilidade como conteúdo curricular, passa a ser considerado inviável, pois, torna - se objeto do aprendizado, colocando habilidades e conteúdos como conceitos híbridos, pois é incoerente ensinar a pensar, ou seja, ensinar a competência.

(Lewis, 2000) cit por (Demo, 2012) corrobora com esta aceção sobre a condição de ensinar a pensar ao explicar que a mente humana não se limita a “hermenêutica “, ou

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

seja, a interpretação e aos símbolos do signo, mas além de estruturas lógicas apresenta aptidões recorrentes também a razão e a emoção. A partir deste entendimento Demo (2012) relata que:

“ A faculdade de se expressar é complexa ao extremo, aparecendo, lado a lado, a sintaxe sempre presente (lado gramatical, codificado, recorrente) e a semântica de contornos imprecisos e abertos (interpretação). Uma interpretação sempre é única, porque toda mente é única em seu modo de ser e de vir a ser.” (Demo, 2012, p. 8).

Assim, as habilidades diferem dos conteúdos, Foucault, expõe que: “ Quando destacamos os procedimentos, ressaltamos nas habilidades suas marcas comuns, entre elas a capacidade de manejo analítico da realidade” (Foucault, 2000) cit. por (Demo, 2012, p.8). Neste contexto significativo a concepção de habilidades se aproxima da aptidão para a resolução de problemas, significando saber fazer. Contudo neste sentido a extensão universitária pode ser um ambiente rico em experiências, e pode ser muito valorada a partir de contribuições da prática didática curricular pautada do desenvolvimento de competências no sentido de aproximar a realidade e o processo de atuação e resolução de problemas a partir de respostas que o ensino e a pesquisa tendem a receberem no contexto prático de aplicação do conhecimento científico. Este ensino por sua vez é modificado e transformador com a interação na realidade, ou seja, no contexto social, podendo ser utilizado para a formulação de soluções para temas emergenciais que afligem a sociedade, trazendo eficácia para a pesquisa e transformações no próprio ensino, afinal a pesquisa e o ensino não podem ser inertes às melhorias necessárias e à transformação social.

Batomé, (1996) expõe que a definição de ensino superior é “ Ser superior” e isto quer dizer que deve ser “realista”, e ter a capacidade de assistir na resolução de “problemas sociais”, e ainda “ser atualizado cientificamente” capacitando os discentes a raciocinar “a partir dos problemas “(...) desenvolvendo uma consciência crítica da realidade social” (Batomé, 1996, p.p. 111,112). Contudo a extensão não pode ser constituída com fins para solucionar problemas e executar funções da pesquisa e do ensino, mas sim complementá-los, sendo integrada aos mesmos, proporcionando o envolvimento da sociedade com a universidade. A extensão deve ser definida como seguimento integrante do ensino e da pesquisa de forma a ressignificá-la conforme foi sugerido por Gurgel, (1986 cit. por Batomé, 1996).“ O acesso ao conhecimento que a

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

universidade produz e domina deve ser o aspecto mais importante para orientar os trabalhos de extensão” (Batomé, 1996, p. 181), pois, para que o ensino seja um instrumento de acesso ao conhecimento, ele mesmo deve estar acessível a todos, e vinculado à produção do conhecimento, a pesquisa científica e extensão, a qual possibilita a universidade estar atuante e engajada na sociedade.

Apresentadas o embasamento teórico desta pesquisa abordar-se-á no capítulo dois o estudo empírico do trabalho. Neste capítulo será descrito o caminho metodológico definido para o cumprimento das metas deste estudo. O método foi selecionado conforme as particularidades do respectivo tema e os objetivos definidos quanto a questão da pesquisa, com a finalidade de compor uma metodologia que ajude a investigar os dados recolhidos com eficácia para o alcance e formulação dos resultados.

A constituição da metodologia para este estudo engloba as intenções investigativas de forma a promover o êxito na recolha e análise dos dados afim de mensurar na pesquisa possibilidades reais de interação com a real representação do tema no contexto de sua aplicação. As ferramentas metodológicas integram-se com o objetivo principal da pesquisa e sua missão, o qual é a transformação da sociedade a partir de resultados e propostas de intervenções necessárias ao progresso da mesma.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## **CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO**

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## 1. Justificação

Conforme o relatório de gestão Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a extensão universitária encontra ainda muitos desafios mediante a sua organização no que condiz ao seu espaço no currículo (Benetti, 2015), ocupando apenas 10% obrigatórios nos currículos universitários, e neste contexto a demanda prática curricular envolve várias questões que exigem um esforço e uma gestão eficiente das instituições de ensino superior para que não se perca o verdadeiro sentido da extensão universitária, o qual é sua representação perante o envolvimento da universidade com a sociedade. No percurso na busca de minimizar o distanciamento entre a universidade e sociedade e desenvolver este elo que tem uma representação do valor social da universidade, as instituições de ensino superior precisam gerir todos os sentidos, demandas, trajetórias e territórios de seu currículo. A citação abaixo traz fatos coerentes a realidade da aplicação da extensão universitária brasileira.

“ Mas o ranço conservador e elitista, presente nas estruturas de algumas Universidades ou departamentos acadêmicos e a falta de recursos financeiros e organizacionais, entre outros problemas, têm colocado limites importantes para a implantação e implementação desses institutos legais no âmbito das Universidades Públicas. Muitas vezes, verifica-se a normatização da creditação curricular em ações de extensão, mas restrições em sua implementação. O mesmo descompasso é verificado quanto à inserção de ações extensionistas nos planos de ascensão funcional e nos critérios de pontuação em concursos e à consideração dessas atividades na alocação de vagas docentes. Nesses aspectos, também em algumas Universidades ou departamentos, o preceito constitucional e a legislação referida à Extensão Universitária não têm tido qualquer efeito sobre a vida acadêmica.” (Vasconcelos *et al.*, 2012)

Neste âmbito o segmento de extensão da universidade vem se desenvolvendo, mas ainda tem variações e muitas universidades ainda não conseguem cumprir a totalidade de 10% legais exigidos legalmente. Exemplificando este contexto será apresentado alguns dados sobre os resultados descritos neste relatório através de questionários aplicados através do sistema que revelam algumas das deficiências das atividades de extensão. Os quadros abaixo registram alguns índices que retratam dados relevantes quanto o desenvolvimento da extensão e sua defasagem obtidos através da aplicação de questionários e visitas de campo pela UFRJ.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

**QUADRO 1. Formas de creditação das atividades de extensão relatadas pelos coordenadores de cursos de graduação da UFRJ, abril de 2012.<sup>1</sup>**

	<b>Disciplina/RCS</b>	<b>Programa/Projeto</b>	<b>Outros</b>
<b>CFCH</b>	<b>82</b>	<b>12</b>	<b>1</b>
<b>CCS</b>	<b>56</b>	<b>24</b>	<b>9</b>
<b>CT</b>	<b>26</b>	<b>11</b>	<b>29</b>

Fonte: (Benetti, 2015, p. 13)

“Além do questionário, foi realizada uma busca no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA) da UFRJ com o intuito de identificar as disciplinas obrigatórias e eletivas ou Requisitos Curriculares Suplementares (RCS) que continham a palavra “extensão” no nome da disciplina ou RCS. Essas informações foram complementadas com dados da Pró-Reitoria de Graduação. Por meio dessa busca, identificamos 52 (cinquenta e duas) disciplinas ou RCS.(Benetti, 2015, p.13).

“ Tanto os dados pesquisados no (SIGA) quanto os coletados na pesquisa mostram que em nenhum dos cursos de graduação da (UFRJ) foi encontrado o percentual mínimo de dez por cento de atividades de extensão incluídos em seus currículos. ”(Benetti, 2015, p. 13). A partir das reflexões suscitadas a extensão universitária ainda necessita de muitas adequações no sentido de alcançar resultados mais significantes para uma participação mais efetiva na formação dos estudantes, e na valorização do elo entre a universidade e a comunidade promovendo uma evolução em ambas.

Sendo assim, buscar-se-á neste contexto as prerrogativas e a verificação do desenvolvimento de competências na eficácia da efetivação da extensão universitária. Investigar este tema significa repensar qual o verdadeiro lugar da extensão e seu significado perante as práticas didáticas curriculares, suas relações de poder, os objetivos

---

<sup>1</sup> Centros da UFRJ: Polo Xerém, Polo Macaé, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), Centro de Tecnologia (CT), Centro de Letras e Artes (CLA) e Centro de Ciências da Saúde (CCS). \*Acrescentando as habilitações dos cursos de graduação, o número total de modalidades de cursos de graduação passa para: CCJE (10), CFCH (15), CLA (30) e CCS (24)

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

de formação profissional e representação do ensino para determinada sociedade em seus contextos sociais e educacionais.

### **1.1. Situação problema**

A prática didática curricular no ensino superior direciona grande parte do potencial dos cursos para um ensino que atende a muitas demandas e por sua vez valorizando o conteúdo teórico, “A radicalidade da adoção do paradigma de mercado amesquinha a visão de Universidade, hipertrofia os argumentos utilitaristas e abre uma busca desesperada da mercadoria a ser produzida pela universidade. ” (Lessa, 1999, p. 23) objetivam a qualificação do aluno para o mercado de trabalho que está diretamente relacionado com uma perspectiva de incentivo à ascensão das carreiras dos discentes; à pesquisa acadêmica com foco na aprendizagem teórica, e assim, por conseguinte motivando o conhecimento técnico, e assim objetivando ao desenvolvimento financeiro da universidade. “Isto impõe ao jovem a renúncia ao tempo de convivência e maturação do espírito no espaço universitário. Quanto antes obtiver o estágio e reduzir o tempo de permanência no corredor da Universidade é melhor, (...). Isto produz o desencantamento com a Universidade.” (Lessa, 1999, p.10 ). Porém cada vez mais o aluno tem menos tempo de permanecer na universidade. A citação abaixo demonstra como a extensão ainda precisa ser mais redimensionada no currículo afirmando que:

“As atividades de ensino de graduação de caráter obrigatório constituem a base da formação de nossos alunos e ocupam a maior parte da carga horária de nossos docentes, as atividades de pós-graduação e pesquisa têm normas próprias regulamentadas pela CAPES e CNPq, mas não incorporam a todos os docentes. E neste panorama, a extensão era feita com baixa institucionalização e conseqüentemente sem a devida valorização profissional.”(Benetti, 2015, p.12)

O currículo tradicional ocupa, em sua totalidade, quase todo tempo de hora-aula; enquanto que o segmento de extensão ocupa cerca 10% do currículo para o ensino superior, e sendo assim, as universidades ainda encontram muitos desafios para promoverem o envolvimento da comunidade e universidade.

Deste modo, torna-se pertinente a formulação das seguintes perguntas para o percurso investigativo desta pesquisa: A práxis curricular baseada no desenvolvimento de competências direcionada à extensão pode promover contribuições para as atividades

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

extensionistas? A práxis curricular baseada no desenvolvimento de competências direcionada à extensão facilita a promoção das atividades extensionistas para promover o envolvimento universidade e comunidade? A prática didática curricular no modelo conceitual da competência pode influenciar nos resultados da extensão universitária na promoção de experiências no âmbito da cidadania e mundo do trabalho? O conceito de ensino por competências pode ajudar na gestão de ações de extensão diminuindo seus aspectos que limitem sua aplicação? O direcionamento da Extensão a partir do desenvolvimento de competências na prática didática pode auxiliar sua valorização, possibilitando mais flexibilidade e tempo aos envolvidos no desenvolvimento prático das ações de extensão? Estas questões acima descritas mencionam eixos norteadores dessa pesquisa,

## **1.2. Questão da pesquisa**

Os fatores que compõem a práxis curricular no desenvolvimento de competências podem ser agentes facilitadores na promoção da extensão universitária e das experiências que a mesma oportuniza no âmbito do trabalho e da cidadania?

## **1.3. Objetivos**

A partir de conhecimentos já mencionados e reconhecendo a importância do tema para a educação superior, segue os objetivos da tese. Então foi descrito através de cada objetivo as finalidades e ações que almejou-se elucidar em relação ao tema e a situação-problema deste estudo.

### **1.3.1. Objetivo geral**

Compreender a representação do desenvolvimento de competências para a promoção da extensão universitária por parte da universidade.

### **1.3.2. Objetivos específicos**

Descrever a representação do desenvolvimento de competências nas ações de extensão na promoção de experiências no âmbito da cidadania e no mundo do trabalho à luz da academia junto de seu eventual grupo de alunos, gestores e professores.

Verificar a existência dos fatores facilitadores que compõem o conceito pedagógico de desenvolvimento de competências para a promoção da extensão

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

universitária, e o retorno que a mesma traz ao ensino e a pesquisa na análise dos discursos dos envolvidos nas ações de extensão.

Constatar as efetivas contribuições para a comunidade acadêmica a partir do desenvolvimento de competências na gestão das ações de extensão em relação à universidade em seu envolvimento com a comunidade local a partir desta operacionalização.

#### **1.4. Método**

A palavra metodologia tem sua raiz a partir do latim (*methodus*), e significa um caminho a seguir abrangendo os métodos e técnicas que serão desenvolvidos para a realização de uma pesquisa científica.

“Segundo Lênin (1965, p. 148) “O método é a alma da teoria”” (Cit. por Minayo, 1994, p. 16), entendendo a metodologia como “ (...) A articulação entre conteúdos, pensamentos e existência.” (Minayo, 1994, p. 16). Deixando de considerá-la apenas como instrumentos e técnicas de pesquisa; como explica Minayo a seguir:

“(…) A metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador. (...) O endeusamento das técnicas produz um formalismo árido, ou respostas estereotipadas. Seu desprezo ao contrário leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis.” (Minayo, 1994, p. 16)

Laville e Dionne, (1999) corroborando a citação acima, citam o método como um recurso que traz confiabilidade aos resultados da pesquisa: “É imprescindível trabalhar com rigor, com método, para assegurar a si e aos demais que os resultados da pesquisa serão confiáveis, válidos.(Laville e Dionne, 1999, p. 11) Deste modo a metodologia para o estudo científico traz parâmetros que colaborarão com o desenvolvimento dos objetivos da pesquisa, sendo um elo entre a teoria e a prática investigativa da realidade em direção ao alcance de resultados eficazes acerca da situação-problema.

Para uma melhor validação dos dados quanto a sua análise utilizou-se como método o estudo qualitativo. Esta escolha justifica-se devido a impossibilidade de se medir a amplitude de significação discursiva e conceitual do tema. Assim sendo a escolha justifica-se pelo fato da pesquisa qualitativa não objetivar somente os resultados em

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

categorizações quantitativas, mas sim considerar a produção de análises pautadas na “pretensão de verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo várias interpretações de uma análise indutiva por parte do pesquisador” (Dalfovo, et al, 2008, p.6). Outro aspecto condizente a aplicação deste método justifica-se assim como afirma Minayo (1994) ao fato “que a investigação qualitativa ser a que melhor se coaduna ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos. (Dalfovo *et al.*, 2008, p.11). Assim a metodologia desta pesquisa seguiu o percurso metodológico descrito abaixo:

#### **1.4.1. Amostra prevista**

Esta pesquisa desenvolveu-se em uma instituição da rede privada de ensino superior com área construída de aproximadamente 2057,39 m<sup>2</sup>, sendo efetivada por meio de entrevista a comunidade acadêmica, compondo 14 participantes ao todo, sendo entre 8 Gestores / Professores e 6 Alunos.

O Lócus da pesquisa foi composto por uma universidade que utiliza o desenvolvimento de competências em relação à forma como esta prática didática curricular interage com seu seguimento de extensão. Essa universidade privada brasileira é localizada na cidade do Rio de Janeiro na zona norte, no estado de Rio de Janeiro, Brasil. Esta unidade de ensino superior compõe uma rede de ensino com diversas unidades no Estado do Rio de Janeiro e possuem um espaço inclusivo em relação a comunidade. A unidade oferece cursos de graduação tradicional (bacharelado), e de graduação tecnológica como: Administração, Serviço social, Licenciaturas, Direito, Ciências Contábeis, Gestão de Recursos Humanos, Logística Marketing e Processos Gerenciais.

#### **1.4.2. Participantes**

Para a abordagem dos participantes foi utilizado o método de amostragem em Bola de neve. Segundo Vinuto (2014), a abordagem bola de neve “(...) torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados.” (Vinuto, 2014, p.203). Logo este método de amostragem demonstra ser o melhor método para o tipo de amostragem desejada para a pesquisa, pois alguns dos participantes requereram um agendamento prévio para realização da entrevista.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

A presente pesquisa abrangeu o núcleo de extensão e os integrantes de uma universidade da rede privada de ensino: um grupo de 6 alunos com aplicação de entrevista sobre sua participação na extensão de sua unidade de ensino e suas experiências no âmbito da cidadania e para o mundo do trabalho no núcleo de extensão, e 8 professores e gestores participantes das ações desenvolvidas em relação a aplicação e gestão das ações de extensão e os respectivos objetivos listados nesta pesquisa.

### **1.4.3. Instrumentos**

A coleta de dados objetivou respaldar a investigação de forma concreta e confiável, assim sendo esta pesquisa utilizou como instrumentos de coleta de dados aportes bibliográficos: livros, artigos e teses com relevância teórica sobre o tema. Contudo a partir da seleção bibliográfica em uma abordagem qualitativa, aplicou-se como instrumentos de coleta de dados os seguintes meios:

### **1.4.4. Entrevistas semiestruturadas**

Entrevistas semiestruturadas, objetivando um maior controle nas interações com o entrevistado e o uso de perguntas improvisadas em relação as intenções da pesquisa. Desta forma a entrevista é um instrumento de coleta de dados, o qual segundo Minayo *et al.*, (1994):

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos dados relatados pelos atores que vivenciam determinada realidade investigada na pesquisa, realidade a qual, apresenta vivências amplas e significativas acerca do objeto da pesquisa. (Minayo *et al.*, 1994, p. 57).

Explanando ainda sobre o instrumento de coleta de dados entrevista, (Duarte, 2004) diz que (...) “são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”. A utilização da entrevista neste estudo é essencial para compreensão sobre o problema da pesquisa por meio das experiências dos participantes na realidade investigada, possibilitando maior clareza e descrição dos dados.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

A administração será feita via crítica direta através da plataforma Google Docs. Utilizou-se dois guíões, um para aplicação ao gestor/professor e outro para o discente. Posteriormente foi realizado a entrevista presencial no próprio dia ou na data agendada pelos participantes, então após o consentimento e entendimento sobre o estudo todas as entrevistas foram gravadas através de um gravador de voz e transcritas. É importante ressaltar que o anonimato e a confidencialidade estavam salvaguardados. Abaixo segue os guíões de entrevista utilizados para recolha dos dados.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências

---

Este estudo tem por finalidade investigar as contribuições do desenvolvimento de competências na promoção do envolvimento da universidade e comunidade através do seguimento de extensão. Verificando desta forma, se esta práxis pedagógica pode contribuir na promoção e desenvolvimento da extensão universitária. No entanto, considerando que a atividade extensionista está direcionada a complementação da formação, torna-se necessário repensar a aplicabilidade curricular e sua estruturação na universidade no âmbito físico e organizacional. A partir desta perspectiva, a investigação será acerca de quais são os fatores determinantes da utilização do desenvolvimento de competências e se são de fato agentes facilitadores do envolvimento comunidade e universidade, e da promoção de experiências no âmbito da cidadania e do mundo do trabalho?

Desta forma, as questões serão aplicadas a gestores e professores, e alunos envolvidos nas ações de extensão, a participação é facultativa, e os dados constatados serão resguardados, sendo tratados de forma confidencial e anônima. Sendo os mesmos, destruídos ao término desta investigação.

Solicito sua colaboração no presente estudo respondendo as questões que seguem nesta entrevista.

Caso tenha questões adicionais sobre este estudo, podem ser endereçadas pelo e-mail: [gizeliapm@gmail.com](mailto:gizeliapm@gmail.com)  
A presente entrevista deve ser respondida apenas por pessoas maiores de idade e que participem de ações de extensão ou que tenha experiências acerca deste tema em relação a uma unidade de ensino superior que aplique o desenvolvimento de competências em seu currículo.

---

Endereço de e-mail \*

Endereço de e-mail válido

---

## ACEITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO

Concordo de livre vontade participar neste estudo intitulado de "Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.". Entendi os termos de apresentação e participação no estudo acima mencionados; tenho ciência acerca dos objetivos e métodos, pelo que aceito a participação no estudo, respondendo às questões requisitadas e dou permissão que as informações por mim comunicadas sejam utilizadas nesta investigação. Estou ciente que tenho direito a desistência de participar a qualquer momento, sem que isso me cause qualquer prejuízo. Enfim, tenho conhecimento que os dados adquiridos no presente estudo serão confidenciais, sendo a minha participação anônima e que o acesso aos dados e resultados só é possível pelos investigadores envolvidos.

Aceito participar deste presente estudo \*

Sim

Não

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## Questionário sociodemográfico

Descrição (opcional)

Qual a sua área de atuação? \*

Texto de resposta longa

---

Qual a sua faixa de idade? \*

- 20 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- 51 a 60 anos
- Mais de 60 anos

Há quantos anos atua na extensão universitária? \*

- 11 a 20 anos
- 01 a 10 anos
- Mais de 20 anos

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## Entrevista Gestor/Professor

Universidade Fernando Pessoa  
Mestranda: Gizeli Aparecida Martins Alves da Silva  
Professora: Orientadora: Doutora Zélia Teixeira  
Roteiro de entrevista

Extensão universitária e desenvolvimento de competências

1. A práxis didática a partir do desenvolvimento de competências facilita a efetivação da extensão, minimizando as dificuldades de gestão e aplicação das ações? Explique de que forma. \*

Texto de resposta longa

---

2. Em relação ao tempo de hora de aula o ensino do conteúdo científico e a pesquisa têm possibilitado a interação em relação à teoria e à prática na extensão universitária? De que forma? \*

Texto de resposta longa

---

3. Em sua opinião, o direcionamento da Extensão a partir do desenvolvimento de competências na prática didática pode auxiliar sua valorização, possibilitando mais flexibilidade e tempo aos envolvidos no desenvolvimento prático das ações de extensão? \*

Texto de resposta longa

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

4. Os fatores que compõem o conceito pedagógico de desenvolvimento de competências (flexibilização, interdisciplinaridade e contextualização curricular; aprendizagem significativa, sequências didáticas e projetos educacionais e de pesquisa, e o trabalho pautado na coletividade), cooperam para a promoção da extensão universitária e para a sua integração com os eixos do ensino e da pesquisa?

Texto de resposta longa

---

5. Em sua opinião a práxis curricular baseada no desenvolvimento de competências direcionada à extensão facilita a promoção das atividades extensionistas para promover o envolvimento da universidade e da comunidade? \*

Texto de resposta longa

---

6. A partir dos projetos de extensão, foi possível pensar a interação entre universidade e comunidade, ensino, pesquisa e extensão?

Texto de resposta longa

---

7. Em sua opinião, o ensino a partir do desenvolvimento de competências associado às ações de extensão dá oportunidade à formação universitária de experiências no âmbito da cidadania e no mundo do trabalho? Explique . \*

Texto de resposta longa

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## 8. O conceito de desenvolvimento de competência na práxis curricular colabora com os objetivos da extensão universitária como:

Descrição (opcional)

8.1. Na democratização do ensino na interação dialógica do conhecimento científico e popular?

- Sim
- Não
- Outros...

8.2. Na contextualização, interdisciplinaridade e Interprofissionalidade dos conhecimentos e conteúdos científicos?

- Sim
- Não

8.3. Na Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, e na sua função quanto ao Impacto na Formação do discente, e ao Impacto na Transformação Social?

- Sim
- Não

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

8.4. Na orientação da pesquisa a partir da extensão, a qual dá o retorno de respostas encontradas nesse processo, apresentando resultados para o ensino, e fundamentando a prática didática e a gestão acadêmica?

Sim

Não

9. Em sua opinião existem outros fatores do desenvolvimento de competências que ajudam na gestão das ações de extensão? Se sim, quais?

Texto de resposta longa

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## ACEITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO

---

Concordo de livre vontade participar neste estudo intitulado de "Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.". Entendi os termos de apresentação e participação no estudo acima mencionados; tenho ciência acerca dos objetivos e métodos, pelo que aceito a participação no estudo, respondendo às questões requisitadas e dou permissão que as informações por mim comunicadas sejam utilizadas nesta investigação. Estou ciente que tenho direito a desistência de participar a qualquer momento, sem que isso me cause qualquer prejuízo. Enfim, tenho conhecimento que os dados adquiridos no presente estudo serão confidenciais, sendo a minha participação anônima e que o acesso aos dados e resultados só é possível pelos investigadores envolvidos.

---

Aceito participar deste presente estudo \*

Sim

Não

## Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

Este estudo tem por finalidade investigar as contribuições do desenvolvimento de competências na promoção do envolvimento da universidade e comunidade através do seguimento de extensão. Verificando desta forma, se esta práxis pedagógica pode contribuir na promoção e desenvolvimento da extensão universitária. No entanto, considerando que a atividade extensionista está direcionada a complementação da formação, torna-se necessário repensar a aplicabilidade curricular e sua estruturação na universidade no âmbito físico e organizacional. A partir desta perspectiva, a investigação será acerca de quais são os fatores determinantes da utilização do desenvolvimento de competências e se são de fato agentes facilitadores do envolvimento comunidade e universidade, e da promoção de experiências no âmbito da cidadania e do mundo do trabalho?

Desta forma, as questões serão aplicadas a gestores e professores, e alunos envolvidos nas ações de extensão, a participação é facultativa, e os dados constatados serão resguardados, sendo tratados de forma confidencial e anônima. Sendo os mesmos, destruídos ao término desta investigação.

Solicito sua colaboração no presente estudo respondendo as questões que seguem nesta entrevista.

Caso tenha questões adicionais sobre este estudo, podem ser endereçadas pelo e-mail:

A presente entrevista deve ser respondida apenas por pessoas maiores de idade e que participem de ações de extensão ou que tenha experiências acerca deste tema em relação a uma unidade de ensino superior e que aplique o desenvolvimento de competências em seu currículo.

---

Endereço de e-mail \*

Endereço de e-mail válido

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## Questionário sociodemográfico

Descrição (opcional)

Qual curso você estuda na universidade? \*

Texto de resposta longa

---

Qual a sua faixa de idade? \*

- 18 a 20
  - 21 a 25
  - 26 a 30
  - 31 a 40
  - Mais de 40
-

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## Formulário entrevista discente

Universidade Fernando Pessoa  
Mestranda: Gizeli Aparecida Martins Alves da Silva  
Professora: Orientadora: Doutora Zélia Teixeira  
Roteiro de entrevista

Extensão universitária e desenvolvimento de competências

Em relação a sua participação na extensão universitária e ao currículo aplicado nesta unidade de ensino a partir do desenvolvimento de competências.

Descrição (opcional)

1. A aplicação do currículo apresenta flexibilidade, promovendo tempo para sua participação na extensão universitária? \*

- Sim
- Não

Explique \*

Texto de resposta longa

---

2. A extensão universitária desta unidade de ensino colabora com a aplicação prática dos conteúdos de ensino de sua área profissional? \*

- Sim
- Não

Explique \*

Texto de resposta longa

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

3. A extensão é planejada a partir de princípios pautados de acordo com a realidade do seu curso e da comunidade que a universidade atende com as ações de extensão? \*

Sim

Não

Explique: \*

Texto de resposta longa

4. A extensão universitária em sua instituição é colaborativa à promoção de experiências no âmbito da cidadania e do mundo do trabalho na área de sua formação? Explique: \*

Texto de resposta longa

5. Você pode descrever como é sua vivência quanto ao envolvimento da comunidade e da universidade na extensão universitária? \*

Texto de resposta longa

#### 1.4.5. Questionário sociodemográfico

Visa recolher informações para traçar o perfil dos participantes. O questionário sociodemográfico deste estudo é composto por 3 questões na entrevista para Gestor/Professor, e duas questões na entrevista discente. Sua constituição foi composta por questões que apontam a recolha de informações consideradas importantes e que caracteriza o grupo o qual foi realizado o levantamento de dados para verificação dos mesmos acerca do tema proposto. “São chamados “filtros” aquelas questões que selecionam o universo a ser pesquisado e organizam os entrevistados segundo características impostas pelo estudo.” (Manzato e Santos, 2012, p.10). Considerando os objetivos do estudo foi selecionado os filtros seguintes para o modelo de entrevista Gestor/ professor: curso que atua, faixa de idade e tempo de exercício ou experiências

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

quanto ao seu conhecimento da extensão universitária. E para a entrevista de alunos pontuou os seguintes filtros faixa de idade e curso que estuda.

#### **1.4.6. Procedimentos**

##### **1.4.6.1. Recolha da informação**

A pesquisa quanto aos procedimentos de coleta de dados realizou-se por revisão de literatura, e a análise dos dados ocorreu em relação as informações contidas na coleta de dados da entrevista aplicada a um grupo de participantes de determinada população, cujos discursos foram analisados sem a intenção de generalizar o posicionamento sobre o tema, a recolha foi feita através da aplicação de entrevistas semiestruturadas sobre a forma como vivenciam a prática na extensão universitária a partir do desenvolvimento de competências direcionado a partir da prática didática até a gestão e efetivação das ações de extensão como instrumentadoras da promoção de experiências no âmbito da cidadania e do mundo do trabalho. O processo investigativo dividiu-se em dois eixos temáticos para verificação dos dados relatados pelos envolvidos na comunidade acadêmica, sendo direcionado a formação do discente e prática didática e gestão, e aplicação das ações de extensão quanto o envolvimento da universidade e a comunidade.

Esta pesquisa foi direcionada a uma instituição universitária, cuja comunidade acadêmica em seu segmento de extensão constituiu o objeto do estudo, assim incluiu-se seu corpo docente e alunos que formaram o sujeito do estudo para recolha da amostra que abrangeu um grupo de 14 elementos da comunidade acadêmica composto por coordenadores de curso e responsáveis do seguimento de extensão, os professores e os alunos que participam efetivamente destas ações de extensão. Em relação as unidades de análises buscou-se investigar um grupo de elementos da comunidade acadêmica em sua colocação conceitual e procedimental em relação ao seu núcleo de extensão, focou-se, portanto, o modo de direcionamento das ações de extensão para a comunidade, e buscou-se entender seu posicionamento em relação a aplicação da prática didática curricular voltada para o desenvolvimento de competências, relatando a funcionalidade do desenvolvimento de competências na aplicação das ações de extensão universitária desta instituição de ensino Superior. Contudo o alcance da investigação se delimitou apenas em relação à universidade em relação à aplicação das suas práxis curriculares no desenvolvimento de competências nas disciplinas e seu direcionamento nas ações de

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

extensão universitária utilizando esta perspectiva conceitual, não considerando as possibilidades de posicionamento da comunidade.

A amostra para recolha de dados e análise de resultados foi predisposta em dois modelos de entrevistas; um modelo com direcionamento para os professores e gestores da extensão, e outro modelo para alunos na fase avançada de formação acadêmica, preferencialmente cursando os últimos períodos e que participam de alguma ação de extensão universitária. Após aplicação das entrevistas, os dados foram transcritos, e aplicou-se então a análise do discurso, e os dados foram verificados e tratados em um estudo descritivo das ideologias, sentimentos, aspectos e representações simbólicas e significativas contextuais quanto o posicionamento de cada participante no âmbito do tema, então foi descrito em relação aos referidos dados recolhidos nas entrevistas os resultados e sua relevância em relação a revisão de literatura, e a partir deste estudo dos discursos, descreveu-se os resultados conclusivos desta pesquisa.

#### **1.4.6.2. Justificação da escolha do método “qualitativo” e (Análise temática, “análise do discurso”)**

Esta pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, considerando que objetivou a compreensão sobre a representação da extensão através da conceptualização do envolvimento comunidade e universidade em perspectivas funcionais de aplicação das ações de extensão dispostas a práxis curricular no desenvolvimento de competências com disciplinas, foi realizada em uma instituição que aplica-se este tipo de vertente curricular, buscou-se investigar se esta vertente apresenta fatores que tiveram melhor eficácia para esta instituição quanto a promoção da extensão universitária. Estabeleceu-se a requisição de dados descritivos sobre todo o processo de aplicação e os sujeitos envolvidos no âmbito das ações de extensão, incluiu-se as ações interativas que levaram a universidade à aproximação da comunidade local, assim foi descrito a realidade da situação-problema referida, os fenômenos, opiniões dos participantes e sentidos produzidos no contexto dos participantes deste estudo investigativo (Gil, 2002, p. 94), corrobora as informações acima, expondo que “ (...) métodos de pesquisa qualitativa estão voltados para auxiliar os pesquisadores a compreenderem pessoas e seus contextos sociais, culturais e institucionais” .

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

No entanto, esta pesquisa apontou características que condizem para o tipo de pesquisa com abordagem qualitativa, usou-se entrevistas semiestruturadas, e com enfoque descritivo.

Laville e Dionne (2003) descrevendo sobre a abordagem qualitativa na pesquisa a conceitua da seguinte maneira:

“A abordagem qualitativa apoia-se, como a precedente, em uma categorização dos elementos. Mas antes de reduzir a uma simples frequência todos aqueles reunidos sob uma mesma rubrica como se fossem equivalentes, o pesquisador detém-se em suas peculiaridades, nas nuances que aí se expressam, do mesmo modo que nas relações entre as unidades de sentido assim construídas.” (Laville e Dionne, 2003, p.224, 225)

A pesquisa qualitativa apresenta suas conjecturas manifestas em pressupostos, ou seja, em sentidos implícitos construídos em dados retirados da realidade e seus discursos ou documentos que a retratem, deste modo é que a peculiaridade dos dados e suas relações apresentam representatividade significativa e não apenas numérica. Laville e Dionne, 2003, p. 224, 225) diz que: “ (...) Este tipo de abordagem considera no âmbito das ciências sociais, uma abrangência nos fatores da realidade que não podem ser quantificados e possibilita pesquisas com fins descritivos”. Sendo assim como explica Minayo *et al.* (1994, p. 21, 22) a pesquisa qualitativa é aquela que: “ (...) trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Sendo assim a abordagem qualitativa detém-se a compreender a área da significação da realidade, seus atores, ações e relações e ideologias principalmente nas ciências sociais. Portanto a investigação nesta abordagem apresenta um olhar clínico sobre os dados, pois busca entendê-los numa interpretação dinâmica através dos sentidos que transmitem em determinada realidade, não objetivando somente a classificação em segmentos quantitativos geralmente advindos dos princípios usados nas ciências da natureza e na busca de generalizar e regularizar os dados, E assim, considera os dados no âmbito da comunicação, nas mais variadas formas de linguagens sem objetivar quantificar ou categorizar, e sim trabalhar as relações de sentido das vivências e contextos de significação sobre a questão da pesquisa.

Contudo a pesquisa quanto às finalidades da investigação foi uma pesquisa descritiva dos fatores determinantes constituintes do desenvolvimento de competências

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

como um agente facilitador na interação da universidade e comunidade na promoção da extensão universitária. Assim este estudo foi descritivo, pois foi relacionado com o fato de identificar-se aspectos sobre os fatores da práxis didática curricular no desenvolvimento de competências quanto sua representação no seguimento de extensão, e se estes podem ser agentes facilitadores na promoção da extensão universitária e na interação da universidade e comunidade, promovendo experiências nos âmbitos da cidadania e do mundo do trabalho.

Marconi e Lakatos (2000, p. 77, cit. por Silveira, 2008, p. 123) relata que: os estudos descritivos objetivam o conhecimento sobre a natureza dos fenômenos a respeito do tema estudado, o modo como se institui e organiza suas características e contextos a que pertence. Possibilitando assim, através da pesquisa descritiva elucidar e ter uma interpretação da realidade acerca do objeto da investigação.

Conceituando a pesquisa descritiva (Gil, 2002, p. 42) esclarece que pesquisas descritivas: “ (...) tem como objetivo primordial à descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis”. Contudo o estudo descritivo propõe um estudo voltado para a prática, retratando os reais contextos de aplicação do objeto de estudo da pesquisa.

#### **1.4.6.3. Análise do discurso**

A pesquisa empregou o modelo de investigação: análise de discurso e baseou-se na análise em relação ao aporte bibliográfico e sobre os resultados das entrevistas aplicadas a comunidade acadêmica em relação à forma como direciona a organização das ações voltadas para o seguimento de extensão. A pesquisa utilizou o modelo de investigação análise de discurso sobre os resultados das entrevistas afim de elucidar a questão da pesquisa e apresentar a formulação e discussão dos resultados que considerou três formações discursivas idealizadas a partir dos objetivos do presente estudo.

Foucault (2008, p. 170, 171) a respeito do discurso descreve que: “Discurso é o caminho de uma contradição à outra: se dá lugar às que vemos, é que obedecem à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência.”

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Foucault, (2008, p. 208), considera a ideologia um saber que não é uma oposição à ciência e diz que: (...) “A ideologia não exclui a cientificidade” Esta distinção entre ideologia e ciência em sua abordagem sobre o discurso, corrobora as questões sobre a análise do discurso como forma histórica. Sua teoria pronuncia que todo e qualquer discurso está carregado de poder, e, deste modo, institui a relação de opressão, logo que esta, é resultado do outro.

Pêcheux (1975, cit. por Brandão, 2004. p.77) “[...] o sentido de uma palavra, expressão não existe em si mesmo, (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante)”. Ele é determinado pelas posições ideológicas existentes no processo sócio histórico no qual as palavras são produzidas e reproduzidas a partir dos discursos e suas realidades constituídas. “ A transparência da linguagem é a ideologia que fornece as evidências que apajem o caráter material do sentido e do sujeito” (Orlandi, 2009, p.51). O modelo de análise do discurso, enfoca a questão da associação entre a linguagem e o sistema ideológico do conteúdo expressado nos discursos, sendo indispensável entender a respeito de como o texto pode produzir diferentes significados, como o enunciado do discurso pode adquirir a função de construtor de significados produzidos. (Orlandi, 2005, p.62).

Bakhtin, (1981, p. 113, cit. por Strey, 2013) relata que: “Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. ”

Este modelo de análise foi empregado, pois, apresenta possibilidades de verificação dos discursos a partir da análise dos dados das amostras e sua funcionalidade a partir da realidade em que ocorrem, demonstrando as relações de poder e de significação em determinado contexto, o que corrobora para uma verificação dos resultados sobre uma perspectiva coletiva. Assim os dados não são valorados até que a produção de inferências seja realizada aos dados discursivos das amostras, e isso não significa apenas fazer hipóteses ou categorizações teóricas implícitas do texto, mas corroborá-lo com teorias diversas, conceitos de mundo e também com o contexto de produção dos produtores e receptores das situações discursivas e conhecimento sobre as presentes ideologias e pragmáticas. O modelo de análise de dados que esta pesquisa valeu-se , é análise do discurso a qual segundo Rocha e Deusdará, (2005) apresenta as seguintes características:

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

“A) Analisar em que perspectivas a relação social de poder no plano discursivo se constrói, B) agente participante de uma determinada ordem, contribuindo para a construção de uma articulação entre linguagem e sociedade, C) Materialidade do discurso, D) Ação no mundo, E) Espaço de construção de olhares diversos sobre o real.”(Rocha e Deusdará, 2005, p. 321)

## 1.5. Apresentação dos resultados

Conforme Vasconcelos *et al.* (2012, p.8), é relatado que: "A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade". Segundo o FORPROEX (1987), o conhecimento promovido nas ações extensionistas em interação com o conhecimento científico oportuniza um conhecimento acadêmico democrático, pois este, em contato com o conhecimento decorrente da comunidade, ou seja, popular produz uma dinâmica de troca de conhecimentos. Esta interação promove um movimento dialético, o qual reafirma o processo que interliga a teoria e a prática. Sendo assim, o conhecimento final produzido nesta articulação de saberes de encontro com as particularidades regionais da comunidade ou sociedade onde está inserida a universidade constitui um ensino interdisciplinar das disciplinas voltado para uma formação integral que valoriza o social. Desta forma, a formação dos discentes corrobora para aspectos da vida cidadã, tornando-os sujeitos conscientes, modificadores e críticos da realidade. Sendo estes, aptos para identificar os desafios que circundam a prática efetiva de sua profissão, e ainda cria-se a ação instrumentadora da extensão na melhoria da qualidade de vida e aumento dos índices do IDH da população, na solução de problemas, na criação de estratégias e medidas necessárias para o fomento do crescimento socioeconômico, do desenvolvimento cultural, educacional, tecnológico e na oferta de bens e serviços como no âmbito de meio ambiente, educação e saúde para colaborar com o desenvolvimento social da comunidade e sociedade a que pertence, como exprime a visão de (Batomé, 1996). Além disso, os projetos e outras medidas promovidos na extensão universitária, podem oportunizar parcerias entre a universidade e outras instituições ou mesmo o próprio estado, e assim, viabilizar os patrocínios entre a sociedade civil e o estado, trazendo a este contexto educacional uma perspectiva de promover o acesso da comunidade ao conhecimento e a diminuição das desigualdades e

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

injustiças sociais, e assim sendo, neste contexto a universidade constitui-se como instituição social.

Uma práxis didática pautada no desenvolvimento de competências que possibilite sua significação na formação educacional superior e nas contribuições de desenvolvimento coletivo e social na sociedade pode gerar oportunidades a partir de conceitos e objetivos sincrônicos em relação ao desenvolvimento pleno da extensão universitária. Sendo assim, a extensão, compreendida como prática acadêmica que une as instituições universitárias em seus segmentos de ensino e pesquisa com as necessidades da sociedade, possibilita uma formação voltada para a cidadania por trazer a luz situações tanto positivas quanto negativas que emergem nessa comunidade em relação ao seu contexto social. Esta interação social ainda pode corroborar na formação para o trabalho, em relação às experiências que promove em relação ao contexto de aplicação de determinada área de conhecimento, demonstrando sua representatividade social e utilitária para a sociedade e sua representação na vida prática, constando necessidades emergentes de pesquisa e desenvolvimento desta área perante os desafios presentes nas demandas encontradas no âmbito social.

Os conceitos presentes no desenvolvimento de competências, tais como contextualização, interdisciplinaridade, aprendizagem significativa, sequências didáticas, flexibilização curricular, currículo aplicado por projetos educacionais e de pesquisa, e o trabalho pautado na coletividade com foco na educação permanente; ponderam o conhecimento a fim de promover competências as quais, podem ser consideradas quanto a sua colaboração no desenvolvimento das ações de extensão; pois, são conceitos que compõem o desenvolvimento de competências, mas que também são fatores que apresentam significados sincrônicos com potencialidades norteadoras do processo de efetivação das ações de extensão quanto aos objetivos que permeiam tanto a extensão universitária quanto o desenvolvimento de competências. A práxis curricular deve ser instrumentadora do pleno desenvolvimento da extensão para que o ensino e a pesquisa não se tornem distantes da realidade social e do pleno desempenho da extensão no enfrentamento das questões problemas de determinada sociedade, e dos fatores que provocam o distanciamento desta comunidade com a universidade, a qual, corre o risco de se ater a procedimentos de ensino meramente reprodutores de conhecimentos, quando separa o ensino a extensão e a pesquisa como discorre Vasconcelos *et al.*, (2012)

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Neste âmbito conceitual acerca do desenvolvimento de competências a extensão universitária apresenta potencialidades reais tanto quanto de constituição democrática do conhecimento quanto ao retorno positivo para o ensino, possibilitando também experiências no âmbito da cidadania quanto da experiência e representação social da área de formação do estudante no mundo do trabalho conforme expõe Delors *et al.*, (1998), e (Martins, 2008). Pois quando interligada ao ensino e a pesquisa, ela oportuniza a promoção de experiências relacionais ao exercício da cidadania e o mundo do trabalho; além de fazer com que o conhecimento científico seja dialético, pois quando interligado as ações de extensão, ele é redimensionado e confrontado com outros saberes presentes na sociedade assim como menciona (Vasconcelos *et al.*, 2012).

### 1.5.1. Apresentação dos resultados obtidos no questionário sociodemográfico

QUADRO 2. Dados do questionário sociodemográfico.

<b>Formação discursiva: Caracterização sociodemográfica do grupo de gestor professores em função da área de atuação profissional, da faixa de idade e tempo de experiência com extensão universitária.</b>			
	<b>Área de atuação</b>	<b>Faixa de idade</b>	<b>Quantos anos de atuação na extensão universitária</b>
<b>Participante 1</b>	Pedagogia	31 a 40 anos	01 a 10 anos
<b>Participante 2</b>	Direito	31 a 40 anos	11 a 20 anos
<b>Participante 3</b>	Comunicação social, Marketing	31 a 40 anos	11 a 20 anos
<b>Participante 4</b>	Administração	31 a 40 anos	01 a 10 anos
<b>Participante 5</b>	Gestão e economia	41 a 50 anos	11 a 20 anos
<b>Participante 6</b>	Direito	51 a 60 anos	Mais de 20 anos
<b>Participante 7</b>	Matemática	31 a 40 anos	11 a 20 anos
<b>Participante 8</b>	Serviço Social e Administração	51 a 60 anos	11 a 20 anos

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

**QUADRO 3. Questionário sociodemográfico discentes.**

**Formação discursiva: Caracterização sociodemográfica do grupo de discentes em função da faixa de idade e curso de formação.**

	<b>Qual curso estuda</b>	<b>Faixa de idade</b>
<b>Participante 1</b>	Pedagogia	18 a 20
<b>Participante 2</b>	Pedagogia	18 a 20
<b>Participante 3</b>	Pedagogia	18 a 20
<b>Participante 4</b>	Pedagogia	18 a 20
<b>Participante 5</b>	Direito	21 a 25
<b>Participante 6</b>	Direito	Mais de 40

**1.5.2. Apresentação e discussão dos resultados das entrevistas semiestruturadas**

As entrevistas foram aplicadas em dias com agendamento prévio, os dados foram gravados utilizando-se um celular com gravador de voz como recurso. Todas transcorreram de forma direcionada através de perguntas selecionadas e com intervenções necessárias para instigar a discussão do tema ampliando as possibilidades de abrangência dos relatos sobre o tema. No entanto, mantendo-se o respeito a opinião e fala do entrevistado. Posteriormente, os dados foram categorizados e avaliados através da análise do discurso dos 14 entrevistados. Contudo, os resultados serão analisados a partir dos objetivos desta pesquisa os quais serão base para as formações discursivas selecionadas para a análise dos dados tratados e segmentados a partir das mesmas. Esta produção de discurso foi agrupada em 03 (três) Formações Discursivas (FD) investigadas a partir de 9 questões semiestruturadas no formulário aplicado para gestor / professor e 5 questões formulário discente acompanhadas do questionário sociodemográfico. Durante o texto de apresentação dos resultados usar-se-á (Q) representando (Questões) e (P) para especificar os (Participantes), e será usado (PD) para os participantes discentes.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

**QUADRO 4. A prática didática por desenvolvimento de competências e sua representação na extensão universitária.**

<b>Formação discursiva: A representação da prática didática curricular no desenvolvimento de competências para a extensão universitária</b>	
<b>Identificação da pergunta</b>	<b>Excerto de Depoimentos (ED) anexos</b>
<b>Q1 / Q2 / Q3</b>	Entrevista professor/gestor
<b>QD2</b>	Entrevista discente

Este quadro apresenta e descreve a formação discursiva respectiva as formas como os participantes da pesquisa relatam suas experiências e conhecimentos acerca da aplicação do desenvolvimento de competências na prática didática curricular e a representação da mesma na promoção da extensão universitária, sendo esta elaborada para averiguar o primeiro objetivo descrito no estudo.

Os dados avaliados nesta formação discursiva a partir dos discursos das perguntas descritas no quadro 1(um) corroboram aspectos incisivos quanto a colaboração e representação da prática didática curricular do desenvolvimento de competências na integração com a extensão universitária. Assim como expõe o discurso do (P4) “O trabalho de extensão é muito importante porque conseguimos comprovar na prática a parte teórica que o aluno vê em sala. E mais, ele consegue no momento que é feito o trabalho de extensão trazer para a universidade estudos de caso. Um case onde o indivíduo é desenvolvido em competências por áreas diferentes. ”. Isto posto confirma os estudos de Perrenoud,( 2000) e Zabala, (2015).

Os dados apresentam uma visão geral muito favorável ao desenvolvimento de competências, todos os discursos expuseram que a prática didática curricular no desenvolvimento de competências é muito colaborativa ao desenvolvimento da extensão universitária. Contudo, assim como propõe Vasconcelos et al., (2012) é essencial a integração dos eixos ensino-pesquisa-extensão, segundo os relatos isto ajuda desenvolver o conhecimento de forma significativa, contextualizada ajudando o aluno a ver a relação entre teoria e prática. O (P.1) diz que na aplicação deste conceito para promover o

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

desenvolvimento de competências, é essencial considerar que é preciso ter um movimento cíclico no âmbito do ensino assim circulando sequencialmente na:

“ Teoria, Prática e Teoria, isso é imprescindível para que a gente possa desenvolver competências, é nós fazemos esse caminho, Teoria, prática e teoria. Ficar circulando, nós começamos na teoria, poderia começar na prática, mas ele (o aluno) já vem com esse empirismo, então nós pegamos colocamos teoria, e vai na prática, e aí vai na teoria. Aí você vai fazendo esse círculo até que ele consegue interpretar isso, e isso é bom para ele construir competências. Ele vai circulando por este caminho E vai se fazendo cada vez mais competências, é este o caminho, uma coisa vai circulando a outra. ” (P1, 2018)

Embora os discursos corroborem sobre a eficácia da práxis no desenvolvimento de competências na promoção da extensão universitária, os entrevistados afirmaram nesta formação discursiva que mesmo com a aplicação do desenvolvimento de competências, a teoria ainda ocupa a maior parte da prática didática curricular corroborando com as colocações de Benetti, (2015, p. 15), e ressalta que existe dificuldades quanto a participação dos discentes nas ações, Alguns dados demonstram que extensão em alguns cursos é desenvolvida fora do horário de aula dos mesmos e sem a integração na matriz curricular sendo apenas complementar a mesma, assim, somente os alunos que tem um horário mais flexível, ou tem um projeto de extensão incluído no tempo de hora aula é que conseguem participar e trazer o devido retorno tanto para sua formação quanto para o ensino ou mesmo exercer a pesquisa. Neste aspecto os discursos de todos os entrevistados apresentam concordância com o levantamento teórico deste estudo exceto o discurso do (P7) pois no seu curso a ações são mais integradas ao currículo e ao seu ver a universidade dispõe tempo ao aluno para participar. Contudo o resultado que predomina nesta questão é que mesmo os participantes que conseguem adequar a extensão a hora aula argumentam que poderia ser disponibilizado mais tempo ou mesmo que seria muito viável a extensão estar disponível ao aluno de forma a compor sua matriz curricular como uma disciplina de projeto por exemplo de forma integrada a teoria ou com ações práticas, este argumento foi identificado nos dois guiões de entrevista tantos os discentes quanto os professores e professores gestores foram muito favoráveis a inclusão da extensão como parte da matriz curricular integrada como uma ou a uma disciplina ou como projeto. Quanto mais há a integração da extensão com o ensino e a pesquisa mais os fatores da prática didática no desenvolvimento de competências tem eficácia no alcance dos

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

objetivos da promoção da extensão, a qual apresenta neste contexto os resultados positivos na ampliação e democratização do conhecimento.

O entrevistado (P2) relata que o desenvolvimento de competências colabora bastante, pois quando se ensina um conteúdo sem a prática o currículo fica engessado sem vivência, e ao aplicar competência o professor ao ensinar é obrigado a deixar o tradicional e abranger mais o conhecimento e sua prática, mas observa que realmente o fato de não se ter muito tempo realmente existe. A entrevistada (P1) descreve que o desenvolvimento de competências envolve toda uma obrigatoriedade política e legislativa, mas admite que isto tem auxiliado os cursos a colocarem uma parte de aulas teóricas e uma quantidade de aulas práticas, e isso tem possibilitado os cursos a “diminuírem o foco somente na teoria, que não aponta muitas vezes soluções práticas”. Entretanto mesmo com essas considerações o discurso deste (P1) relata uma discordância dizendo que talvez este cenário não seja efetivamente desenvolver competências, pois é uma falácia da lei, ou seja dentro de um contexto legal, é um argumento logicamente inconsistente, falho na tentativa de provar eficazmente o que alega. Sendo assim, admite que na graduação ainda é possível, contudo depende de “ações práticas”, isso significa levar o aluno a campo, realizar pesquisas fora da sala de aula. No entanto este discurso afirma que: “(...) isso dá uma certa orientação para a questão competência, mas ainda te digo, que deixa muito a desejar, porque a maioria das nossas aulas ainda são teóricas.” confirmando as alegações de (Benetti, 2015) e (Perrenoud, 2000).

Todos os entrevistados apresentaram um discurso favorável em relação do retorno positivo e fundamental que a extensão universitária traz para o ensino e a pesquisa, mas isso quando relacionada a pesquisa, que alimenta a extensão e traz respostas ao ensino, estes dados vão de encontro com a visão de (Batomé, 1996) quanto a independência do ensino e da pesquisa quanto a sua função e contextualização social em relação a extensão, realmente os dados demonstram que tanto a pesquisa quanto o ensino não são descontextualizados da realidade social, contudo em relação aos discursos a extensão é muito relevante para trazer significado ao ensino em sala de aula integrando teoria e prática possibilitando a experimentação de conhecimentos na realidade e preparando o aluno em uma formação crítica e pragmática, sendo essencial unir ensino pesquisa e extensão. A entrevistada (P1) inclusive diz que muito da qualidade dos cursos do ensino superior deve-se a extensão, pois permite que o aluno através das propostas de extensão,

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

exercite o seu olhar para além da sala de aula e da teoria, ela relata que: “o aluno vai exercitando o olhar para outros fenômenos que estão a volta dele e que naturalmente ele não observaria. O (P2) questiona e explica sua visão acerca de “ (...) como é que funciona o conhecimento? O quê que se considera conhecimento hoje? À vista disso, relata “ que eles vão me dar um livro, e ainda tem muita universidade que funciona assim, está aqui lê esses capítulos e pronto “saudações”, isto não traz a reflexão da ação prática, ou seja a experimentação; E isso para mim não me adianta porque vai te dar teoria, mas na prática como você vai fazer? O conhecimento ele é sempre somado a outras formas de produção do mesmo conhecimento e é transformado e ampliado. Este participante diz que a prática curricular embasada no desenvolvimento de competências é bem significativa para a aplicação da extensão universitária e diz que (...) “ Eu uso como exemplo a feitura do arroz em casa, você faz arroz de um jeito, eu faço arroz de outro, se você comentar o que você faz, como você faz eu vou ter o como eu faço mais o seu então vai aumentando, Só aumenta, o conhecimento (...). ” Esse discurso reflete a importância da pluralidade e amplitude do conceito de educação permanente assim como foi definido por (Delors *et al.*, 1998) , assim como o valor de compartilhar experiências na troca de conhecimentos como no âmbito da extensão onde é integrado o conhecimento científico e o conhecimento popular, retratando a importância da experiência para a formação.

Ainda nessa formação discursiva, consideraremos a pergunta sobre o tempo de hora aula e a possível flexibilização curricular para promover mais tempo para a participação de discentes, gestores e professores na extensão universitária. Contudo, alguns dos discursos não acham isso possível, e relatam que a matriz curricular ainda não possibilita o currículo ser flexível, prioriza muito a teoria como aponta Benetti, (2015) e apresenta muitos conteúdos para serem cumpridos, no entanto apesar de concordarem que existe um déficit de tempo aos envolvidos para a extensão universitária, nota-se um senso comum contrário em alguns discursos quanto as possibilidades de flexibilizar o currículo no atual cenário em relação a demanda da teoria, em relação a realidade educacional brasileira, e também ao preparo do corpo docente e as condições da educação no Brasil . Este fato apresentado nos dados é confirmado por Perrenoud, (2000) quanto a formação dos docentes, e a Vasconcelos *et al.*, (2012) ao descrever as medidas emergentes para o desenvolvimento da extensão, citando a flexibilização curricular e a integralização curricular de créditos em atividades extensionistas para implementação e normatização da extensão.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Mesmo com respaldos legais com a obrigatoriedade de ocupar 10% (por cento) do currículo, a extensão ainda é efetivada como algo externo ao currículo em relação ao tempo de hora aula. Os relatos consideram que a extensão é de extrema importância para o incentivo à pesquisa e o retorno ao ensino, a ampliação do conhecimento científico e a democratização do ensino, mas assim como demonstra (Benetti, 2015) a universidade ainda não tem conseguido cumprir sua totalidade no currículo.

O ensino superior ainda não tem consentido totalmente com a abordagem das competências, particularmente em áreas de formação, valorando mais o conhecimento erudito, teórico e metodológico, até quando porventura fazem aplicação deste conceito, dificilmente encontra-se documentado os “ objetivos de uma formação universitária, e muito menos ainda, formulados na linguagem das competências”(Perrenoud, 1999, p.11). De acordo com Perrenoud (1999) o desenvolvimento de competências é uma forma de impedir a reprodução dos conteúdos de ensino e diz que : “Ao contrário, dos meios universitários tradicionais é que surgem as críticas mais categóricas do que poderia desviar a escola obrigatória da transmissão intensiva do conhecimento.” (Perrenoud, 1999, p. 11)

Os dados dos discursos (P1) e (P2), pelo contrário apresentaram-se favoráveis ao desenvolvimento de competências, mas o que os dados demonstram é que para desenvolver competências é necessário considerar muitos fatores: é indispensável ter um ambiente educacional motivador de experiências respaldadas pela teoria de forma a ter completude e interação em ações práticas como afirma o discurso do (P8), este ambiente deve ser propício com particularidades deste conceito para que se possa realizar o ensino neste enfoque. O (P1) respalda suas respostas nos seguintes fatores e neste enfoque o P (1) diz que:

“ O currículo acaba nos engessando um pouco, mas eu não estou te dizendo que eu preferia que fosse diferente, eu não sei como seria, ainda não pensei, até pensei, mas sei que não cabe um modelo de currículo diferenciado, como seria trabalhando, por projetos? Nós não temos a menor estrutura nem física nem de formação docente para assumir isso. Então o que se tem dentro de uma premissa, seria conseguir trabalhar significativamente, desde que se consiga fazer uma sequência didática e ir motivando esse crescimento, partindo do mais simples para o mais complexo. Enfim acabamos, integrando, o que é feito, e o lá fora somente contribuí neste contexto. ” (P1, 2018)

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Considerando este relato percebemos um discurso totalmente representativo, das ideologias acerca do tema, confirmando uma visão que embora perceba a importância e a funcionalidade deste conceito ainda encontra dificuldades que permeiam o ensino superior brasileiro assim como relata (Vasconcelos *et al.*, 2012), mas fica claro nos dados que o ensino superior não é contra o desenvolvimento de competências, mas sim acredita que o cenário brasileiro ainda precisa desenvolver condições para sua aplicação e efetivação de fato. O (P2) acredita que as competências somente são estimuladas até a graduação, sendo apenas de fato desenvolvidas a partir da pós-graduação.

“Então eu acho o seguinte a competência ela faz sentido... para mim serve para depois da graduação, na pós-graduação...Então você pode trabalhar. Gizeli: Para incentivo a pesquisa? (P2) “\_ isso... neste momento você já tem, você já ensinou lá na graduação você utilizou todas as didáticas de dentro de sala de aula para incentivar, motivar o aluno desperta-lo. Entendeu, aí, na pós-graduação você forma as competências” (P2,2018).

Alguns dos entrevistados não visualizam um currículo diferenciado, mas admitem que ele necessita de melhorias de uma maior integração tanto com extensão como com a pesquisa, isto é corroborado na fala do (P2), (P4) e (P6) os quais relatam que a pesquisa ainda não é algo exercida no currículo, segundo estes discursos o sistema educacional tem falhado em relação ao incentivo a pesquisa principalmente devido à preocupação em se preparar para o mercado de trabalho, desta forma quase sempre o aluno não é preparado para atuar na pesquisa, ou mesmo apresenta já chega a universidade uma visão negativa ou errada, não reconhecendo a importância que a mesma tem, muitos alunos tem a sua primeira experiência com a pesquisa apenas no trabalho de conclusão de curso. Os dados consentem em parte com o posicionamento de Lessa (1999) e Batomé, (1996 cit. por Imperatore *et al.*, 2015) sobre a visão do cenário neoliberal que tem afetado negativamente a universidade. Contudo como articula Vasconcelos *et al.*, 2012,) a extensão é um elo de valor para impedir as consequências do neoliberalismo, porém quanto aos dados isto é muito viável ao pensar que a extensão incentiva a pesquisa e ressignifica o ensino em relação as experiências que proporciona, tirando o aluno do foco apenas mercadológico proporcionando uma formação mais humanística sendo “ um modo alternativo ao capitalismo global” assim como menciona (Santos, 2008, p.66)

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Porém conforme já orienta (Vasconcelos *et al.*, 2012) Imperatore *et al.*, (2015), apresenta-se como uma proposta bem interessante na maioria dos discursos a inserção da extensão no currículo, pois se fosse além de flexível, constituísse uma obrigatoriedade mais integrada ao currículo teria maior funcionalidade, como por exemplo em forma de projetos inclusos no tempo de hora aula na matriz curricular, neste formato seria muito mais acessível a todos a participação e o conhecimento disponibilizado na pesquisa e na extensão. Sendo assim, o currículo não é um limitador da extensão, porém irá depender do seu formato quanto ao direcionamento e integração que o mesmo venha a oferecer as atividades de extensão universitária. Tanto o discurso do P (1) quanto o discurso do (P8) retrata esta condição colocando o respaldo de ser muito importante a forma que se dá o direcionamento a partir do currículo, E relatam que:

“Às vezes o currículo engessa, mas as vezes liberta também, vai depender de como você aplica isso, e nesse caso a extensão ela é uma forma de libertação, não deixa de ser, sim, porque o aluno vai experimentar outras formas.” (P1, 2018).

“O currículo em si não é uma limitação, porque o currículo possibilita também pensar. Se for um currículo que tenha uma leitura mais ampliada eu acho que não é um limitador, muito pelo contrário, ele tem que avançar neste sentido.” (P 8, 2018)

**QUADRO 5. Os fatores da práxis curricular no desenvolvimento de competências e a promoção da extensão universitária.**

---

Formação Discursiva: Verificar a existência dos fatores facilitadores que compõem o conceito pedagógico de desenvolvimento de competências para a promoção da extensão universitária, e o retorno que a mesma traz ao ensino e a pesquisa.

---

**Identificação da pergunta**

**Excerto de Depoimentos (ED) descrito em anexos.**

---

**Q4 / Q5 / Q8 Objetiva /Q9**

Entrevista / Gestor / professor

---

**Q1D / Q3D**

Entrevista Discente

---

Registrados a representação significativa da prática didática curricular no desenvolvimento de competências, neste quadro, a formação discursiva requisitada

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

apresenta a verificação e análise dos fatores presentes na aplicação da prática curricular no desenvolvimento de competências, e se colaboram ou não com os objetivos da extensão universitária.

Os dados avaliados a partir dos discursos demonstram que todos os fatores que compõem a prática didática curricular no desenvolvimento de competências elegidos para investigação desta pesquisa são agentes facilitadores quanto sua contribuição à promoção e desenvolvimento dos objetivos da extensão universitária.

Contudo analisando-se os dados referentes a esta formação discursiva nota-se que contrapõe pontos quanto a flexibilização curricular. Porém a flexibilização curricular, mesmo sendo apontada como colaborativa, ainda não é um fator exercido em alguns cursos, pois em algumas áreas, os discursos consideram este conceito como algo difícil de ser contemplado na organização da matriz curricular em face as demandas das disciplinas do conhecimento científico, ou ainda segundo a alguns dos discursos está em fase de construção para melhorias , como o discurso do ( P4) “Eu só queria que tivesse um pouco mais de flexibilização, e um pouco mais de parte prática, mais laboratório, tem pouco “. Nós temos estudado para melhorias disso, já está acontecendo, mais ainda é complexo”. Em alguns dos discursos flexibilizar o currículo aparece mais facilitado com a inclusão de estudos de casos reais nas horas aulas como o discurso do (P7). Entretanto todos os discursos partem da importância de contextos práticos de aplicação e interação de ações entre a teoria e a prática, sendo incisivos quanto a relevância de unir teoria e prática. Sendo assim, os projetos de extensão aparecem como práticas instrumentadoras deste movimento dialético. A prática didática curricular por competências somente aparece como facilitadora da extensão trazendo retornos ao ensino desde que se constitua como um processo integrador entre a extensão, a didática de ensino na sala de aula e a pesquisa, assim como descrito por Vasconcelos *et al.*, (2012). Por conseguinte, mesmo a universidade possibilitando a prática extensionista em alguns cursos de forma mais flexível em forma de projetos, ou alguns cursos e ações, ainda assim não conseguem disponibilizar a extensão de forma a ter uma participação mais efetiva dos discentes e consequentemente de todo os envolvidos neste processo; conclue-se então que a extensão ocupa ainda um espaço complementar no currículo e consequentemente na prática didática, pois, ainda em alguns cursos ela é algo externo ao currículo do aluno e ainda um pouco inacessível devido também a fatores particulares do cotidiano dos alunos, como

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

por exemplo o trabalho. A extensão tem um maior êxito quando integrada ao currículo em algumas disciplinas no horário de aula do aluno, assim como no caso da entrevista aplicada aos discentes (PD 5) e (PD 6); os quais relatam que:

“ Gizeli: Tem algum aluno que você conheça no seu curso que não tenha possibilidade de participar desta extensão?”

(PD5): Não, porque é algo obrigatório ao nosso currículo. É integrado ao currículo. “ (PD5, 2018)

“ Eles (a universidade) disponibilizam um dia na semana para podermos vir ao núcleo passar algumas horas fazendo os atendimentos, acompanhando os processos. Então é integrado ao currículo e ao quadro de horários. Gizeli: Mesmo o aluno que trabalha consegue? (PD 6): Sim, eu por exemplo trabalho e consigo, venho do trabalho fico aqui no núcleo de prática jurídica e depois vou para a aula. (PD6, 2018).

Estes dados discursivos discorrem consentindo na eficácia da integração curricular com a extensão sendo incluída e prevista na matriz curricular. Também podemos perceber esta articulação também no discurso do (P8) demonstrando que esta flexibilização do tempo de hora aula junto a inclusão da extensão é possível e muito promissora no sentido de promover a extensão e integrá-la ao cotidiano dos alunos, prevendo-a na matriz curricular a partir das disciplinas do curso as ações de extensão ou em forma de projetos inseridos na universidade. Neste sentido conforme a colocação discursiva do (P8) é necessário avaliar as disciplinas que são mais adequadas para aderirem as ações de extensão, pois em algumas disciplinas é mais complexo inserir as ações de extensão, sendo assim é preciso avaliar se a disciplina apresenta esta possibilidade. Neste sentido este discurso reafirma a visão de Santos (2008, p.66) quanto a reforma da universidade ter uma nova centralidade para a extensão com novas implicações nos currículos.

Os dados discursivos dos participantes da entrevista apresentam unanimidade em relatar que a flexibilização curricular ainda é algo complicado, a teoria ainda é primordial na matriz curricular, os envolvidos principalmente os discentes enfrentam dificuldades para participarem mais efetivamente das ações de extensão. Segundo relatos do discurso do (P2) e (P3), a pesquisa dos docentes nem sempre ocorre no horário de aula dos alunos, assim como a extensão, e como muitos alunos trabalham durante o dia e em alguns casos até no sábado, somente os alunos que possuem maior disponibilidade de horários

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

conseguem vivenciar de fato a experiência da extensão universitária, assim a não participação dos alunos também interfere no ensino, pois até pode-se possibilitar trocas de experiências durante as aulas, fator inclusive que é mais ampliado a partir da didática aplicada em sala de aula com o uso de estudos de caso o que é uma forma de integrar a teoria e a prática promovendo a contextualização dos conteúdos, conceito este que foi citado como colaborativo aos objetivos da extensão. Porém os alunos que não podem participar da extensão universitária, mesmo ouvindo os relatos dos que participam, ou mesmo apenas analisando os estudos de caso não adquirem a mesma gama de conhecimento e vivência dos alunos que conseguem interagir com os projetos da extensão.

O estudante universitário segue na constituição de suas aprendizagens ponderações relacionais com a teoria de *savoir fair*, “ou seja, o aprendizado de determinadas competências incorpora-se ao seu conjunto de saberes e o torna capaz de praticar novas atitudes, certamente acompanhadas de novos desempenhos.” (Perrenoud, 2001 cit. por Comin et. al., 2011, p. 229 ). O aprendizado a partir da práxis curriculares pautadas no desenvolvimento de competências nas disciplinas integra-se às premissas de seus conhecimentos a priori e nesta interação é formulado novos conhecimentos para a promoção de novas atitudes, que motivarão também desempenhos atualizados a partir das aprendizagens que conseguiu desenvolver em todo este processo de ensino. Os discentes universitários, já na fase adulta já possuem um conhecimento de mundo e experiências significativas que iram interferir e trazer correlações em sua aquisição de novas aprendizagens.(Comin *et al.*, 2011).

“Adultos se interessam por situações práticas e aplicáveis de forma imediata em suas necessidades. Sendo assim, considerar tal apontamento no planejamento de um programa certamente facilitará o seu sucesso (Aguinis & Kraiger, 2009; Borges-Andrade & Pagotto, 2010; Ferreira, 2009; Malglaive, 1995; Pereira, 2009; Scorsolini-Comin, Inocente, & Matias, 2009).”(Comin *et al.*, 2011, p. 229).

Então a partir desta colocação é importante o profissional em formação compreender a aplicação dos conteúdos inseridos a realidade, é neste momento que o desenvolvimento de competências através da prática curricular pode compor uma integração com a extensão universitária através dos fatores que compõem o conceito pedagógico de desenvolvimento de competências (flexibilização, interdisciplinaridade,

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

contextualização curricular; aprendizagem significativa, sequências didáticas e projetos educacionais e de pesquisa, e o trabalho pautado na coletividade). Nos discursos que são base de dados deste estudo foram listados os seguintes fatores que trazem contribuições a extensão além dos perguntados no roteiro da entrevista semiestruturada: a pluralidade, o incentivo à pesquisa, manter um movimento cíclico entre teoria-prática-teoria, a inserção de projetos na grade curricular, diversidade, pensar as questões éticas, as questões comunicativas, e o desenvolvimento de competências comunicativas, afim de estabelecer essa relação da pessoa com o seu mundo estes foram alguns dos fatores mencionados que cooperam para a promoção da extensão universitária e de seus objetivos quanto a sua função e para a sua integração com os eixos do ensino e da pesquisa auxiliando tanto o desenvolvimento do ensino como da sociedade. O discurso do (P 6) inclusive sinaliza que muitas vezes o aluno tem a oportunidade de participar do projeto de extensão quando está nos últimos períodos, porém neste momento o aluno não tem muito tempo devido ao aumento de disciplinas da matriz curricular, porém reitera que seria mais eficiente que o aluno já começasse a participar desde o primeiro período de um projeto de extensão integrado ao currículo desde o primeiro período, pois, ele tem mais tempo, e até tempos vagos entre uma aula e outra, e isto também seria uma oportunidade de integração entre a teoria e prática e o desenvolvimento da extensão. Este discurso inclusive retrata uma visão ideológica em relação a falta de prática de pesquisa, a qual retrata que em relação à pesquisa o ensino tem apresentado falhas, porque a formação muitas vezes está mais voltada para o mercado de trabalho do que para o incentivo a pesquisa confirmando os apontamentos de Lessa (1999) e Batomé (1996). Muitos alunos somente vão ter um contato com a pesquisa no trabalho de conclusão de curso. Neste ponto mais uma vez a extensão é primordial pois ela insere muitos contextos que incentivam a pesquisa principalmente se vier amparada por uma prática didática que aplique a interdisciplinaridade, o segmento de extensão analisado neste estudo consta de um projeto de extensão interdisciplinar entre os cursos que a instituição oferece, e segundo discurso (P3) relata que é impossível que a pesquisa e o ensino não sejam exercidos neste ambiente interdisciplinar de ensino objetivando promover as ações de extensão. Isto posto, este discurso diz que “é possível fazer uma discussão que irá levar a reflexões nas diversas áreas, e até reflexões dos futuros profissionais de uma área a respeito do que é visto nas outras áreas. “E aí realmente a questão do ensino e da pesquisa isso aí vai aparecer de qualquer forma não vai ter jeito é um elemento facilitador mesmo”

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

(P3, 2018). ” Assim o fator interdisciplinaridade tem bastante ocorrência nos discursos sendo muito positivo ao desenvolvimento da extensão conforme afirma Vasconcelos *et al.*, (2012) e Martins (2008).

A partir das considerações discursivas acima, destacamos a importância da integração dos segmentos ensino-pesquisa-extensão, demonstrando sua utilidade ao desenvolver a práxis curricular de forma a apresentar ao aluno oportunidades de interação com a área pretendida de sua formação profissional contextualizada a partir do envolvimento universidade e comunidade. A partir desta conexão assim como exposto por Santos (2008) elucidam-se conceitos teóricos que se tornam palpáveis quando trazidos a luz da prática. Caso contrário se não se formar profissionais conscientes de sua prática, a experiência dos conhecimentos adquiridos submerge apenas em conceptualizações teóricas e perde-se o sentido da experiência relacionada nas aprendizagens. Em todos os discursos identificou-se que realizar links da teoria com a prática e as ações de extensão e pesquisa tem sido muito importante, mas assim como afirma o discurso do (P8) o qual diz que “Esse tripé não pode ser desarticulado porque promover ensino, e esta produção de conhecimento é através da pesquisa e articulada às ações de extensão. trazendo retornos positivos a comunidade acadêmica, e assim oportuniza ao aluno segundo a (P1) o seguinte: “ constata-se que o aluno assimila outras posturas, adquirindo outras formas de olhar, devido as melhorias advindas da extensão para a prática, ” pois a extensão possibilita ao aluno interagir com sua área de formação profissional, confirmando o estudo descrito por Casadei (2016) e Vasconcelos *et al.* (2012).

Em relação aos dados referentes aos discentes foi constatado que esta interação da prática e teoria através de sua participação nos projetos de extensão foram muito contributivas a formação do discente universitário assim como discorre Perrenoud (2001 cit. por Comin *et al.*, 2011, p.229) e relata que o estudante universitário segue na constituição de suas aprendizagens ponderações relacionais com a teoria de *savoir fair*. O aprendizado a partir da práxis curricular pautada no desenvolvimento de competências nas disciplinas integra-se às premissas de seus conhecimentos a priori e nesta interação é formulado novos conhecimentos para a promoção de novas atitudes que motivarão também desempenhos atualizados a partir das aprendizagens que conseguiu desenvolver em todo este processo de ensino.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Os discentes universitários, já na fase adulta já possuem um conhecimento de mundo e experiências significativas que iram interferir e trazer correlações em sua aquisição de novas aprendizagens. Então a partir desta colocação é importante o profissional em formação compreender a aplicação dos conteúdos inseridos a realidade como defende Comin *et al.*, (2011). Neste momento o desenvolvimento de competências através da prática curricular pode compor uma integração com a extensão universitária demonstrando sua utilidade ao desenvolver a práxis curricular de forma a apresentar ao aluno oportunidades de interação com a área pretendida de sua formação profissional contextualizada a partir do envolvimento universidade e comunidade, elucidando conceitos teóricos que se tornam palpáveis quando trazidos a luz da prática. Os discursos confirmam a importância da interação da fundamentação teórica com a prática, confirmando os estudos de Schwartz, (2010). O desempenho é o resultado a que se espera das aprendizagens quando colocadas em prática e é observável como é colocado por Dolz,( 2004), e o mesmo no término dos processos de ensino e aprendizagem necessitam ser eficientes para que se forme profissionais competentes ao exercício de suas áreas de conhecimento profissional, neste aspecto os dados relatam que a extensão possibilita aprender a teoria e ver sua aplicação prática como diz o (P3, 2018) “Por exemplo eu não tinha experiência com palavrção somente com silabação. Eu somente sabia o conceito de palavrção a prática com palavrção eu não tinha, e agora eu estou conhecendo na prática a palavrção. Contudo se não se formar profissionais conscientes de sua prática, a experiência dos conhecimentos adquiridos submerge apenas em conceptualizações teóricas e perde-se o sentido da experiência relacionada nas aprendizagens.

**QUADRO 6. Extensão universitária e experiências acerca da cidadania e do mundo do trabalho.**

---

Formação Discursiva: A promoção de experiências no âmbito da cidadania e no mundo do trabalho.

---

**Identificação da pergunta**

**Depoimentos e questões descritas em anexos.**

---

**Q6 Q7**

Entrevista / Gestor / Professor

---

**Q4D Q5D**

Entrevista Discente

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

A terceira formação discursiva retrata a importância da extensão universitária e o desenvolvimento de competências para o envolvimento da universidade e comunidade e a promoção de experiências no âmbito da cidadania e do mundo do trabalho. Entretanto, verificamos nesta formação discursiva a partir de todos os dados analisados a importância da experiência na formação para o ensino superior, conforme institui os estudos de Le Boterf, (2003). Constatou-se que a extensão universitária pode ser muito útil neste quesito, devido a gama de possibilidades de ações educativas e sociais que disponibiliza ao discente, inclusive no âmbito da cidadania e do mundo do trabalho. Proporcionando a experimentação e interação social e profissional com sua área de conhecimento, possibilitando significações apreendidas na teoria e aplicadas a realidade, possibilitando o contato com situações problemas e o conhecimento prático relacionado ao conteúdo científico, presentes na sociedade assim como direciona Santos (2008). Por conseguinte, ocorre uma vivência do conhecimento apreendido, estimulando novas pesquisas e dando respostas para as já existentes assim como para o ensino, o qual pode ser avaliado de forma mais coerente com os reais contextos de sua aplicação na sociedade assim como idealiza (Batomé, 1996). “ O (P3) nesta questão também se apresenta favorável sobre a questão do desenvolvimento de competências através da prática curricular e dialoga sobre o fato de ela minimizar as dificuldades da aplicação da extensão universitária, pois, ajuda a criar e a desenvolver habilidades no aluno assim como discorre os apontamentos de Perrenoud (1999) relata que “ o aluno ao conseguir ter estas habilidades, ele consegue levar tanto para as atividades que ele realiza em campo quanto para o próprio mercado de trabalho o qual ele será inserido posteriormente, aquilo que nós conseguimos desenvolver dentro da unidade de ensino, ou seja, dentro do curso facilita ele nesse ingresso lá fora mesmo em atividades que de repente são atividades que ainda estão atreladas a universidade.

Os discentes em sua formação ao atuarem em diferentes realidades de aplicação dos conteúdos curriculares de sua área profissional se depararão com um lugar significativo de aplicação de conhecimentos e reformulação dos mesmos, e da resolução de situações problemas contextualizadas a realidade social e não apenas pertinentes a teorias de cunho científico distanciados da prática de sua profissão. Este fator ainda corrobora para sua participação na sociedade, e ele adere uma perspectiva da representação social de sua profissão. Outro fator muito relevante nesta formação discursiva e que aparece em dois dos discursos (P6) e (P8) é o conceito de territorialidade

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

em relação da constituição e integração do aluno na sociedade, visualizando o seu fazer contextualizado na representação social. Este conceito conforme demonstra os dados em um exemplo citado pelo (P8) traz ao aluno a oportunidade de interação com a extensão tendo uma vivência de troca de experiências e saberes em relação a universidade e a sociedade como discorre Vasconcelos *et al.*, (2012). Também foi descrito nos dados que o (P8) atua com uma disciplina que já é previsto junto ao plano de ensino o desenvolvimento de ação de extensão, e que nesta aplicação existe uma resposta muito positiva para a integração do ensino pesquisa e extensão. Este conceito será exemplificado no discurso abaixo e comprova a representação significativa da extensão quanto a promoção de experiências ao aluno quanto ao mundo do trabalho e a à formação cidadã.

“Então nós trabalhamos com o conceito de territorialidade, isto é o aluno “ entender esse território para além da sala de aula, então o aluno vai até o seu território numa leitura de pertencimento que ele deve ter, e aí é claro quando você está falando de troca, de o quê ele ganhou em sala de aula na troca de conhecimento em poder aplicar e levar isso para o seu território. Então ele seleciona uma instituição da região junto com um grupo e um professor orientador da disciplina, ele vai até o local e identifica quais são as demandas dessa instituição e a partir dessas demandas eles fazem um trabalho de mobilização desta comunidade no entorno sobre estas demandas colocadas e tentam responder” nós temos respostas assim, nós precisamos de uma biblioteca aqui nesta instituição, os alunos se mobilizam com a comunidade e implantam a biblioteca e não param ali porque a extensão não é focal ela tem que ter continuidade e eles continuam ali entendendo essa leitura do coletivo e do território, se envolvem ali com este trabalho e continuam dando suporte a comunidade. Porém eu oriento a eles e digo sempre que eles não podem perder essa leitura que a ação de extensão está vinculada ao conhecimento de sala de aula, tem que ter uma fundamentação teórica uma leitura teórica que vai dar subsídios para vocês estenderem essas ações. ” (P8, 2018).

O discente que está sendo atuante na realidade social proporciona uma mudança de olhar e pensar perante a sociedade e desta forma adquire na sua formação experiências únicas acerca da cidadania devido ao contato com a realidade social que o cerca. Ele se sente participativo ao verificar e ser atuante ao desenvolver soluções para o desenvolvimento da sociedade. Os discursos referentes a entrevista com os discentes apontam que ao participarem dos projetos de extensão junto à comunidade, eles

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

conseguem visualizar o conceito de sala de aula sendo utilizado para a transformação social, assim como experimentar um contexto socializador ao estarem sendo atuantes na realidade social, e isto proporciona a sua formação experiências únicas acerca da cidadania como relata a (PD3) “No âmbito da cidadania ajuda bastante, meu olhar perante a sociedade mudou totalmente, porque no projeto você observa que são pessoas que ficam invisíveis, pode ser seu vizinho que fala com você, mas você não vê ele escrevendo então você não sabe se ele escreve realmente, se ele sabe escrever o que ele fala. É mais fácil falar. Então você começa a pensar nisso, será que essa pessoa escreve? Entendeu? Então aí você tem outro olhar da sociedade. ”. Então neste contexto o discente se sente participativo ao compartilhar e desenvolver soluções para o desenvolvimento da sociedade, assim também como descreve o discurso (PD2) “ Como cidadã traz algo fora do comum. Nós levamos a vida de uma forma que, (pausa) é, nós trabalhamos com alfabetização no projeto, e é algo que para nós é tão comum, tão simples, “ler”, quanto tempo eu leio? E para eles é algo grandioso, então nós nos sentimos bem, saímos satisfeitos por saber que estamos mudando a vida de muitas pessoas. ” Este conceito de valor, inclusive ao tornar o ensino mais democrático a sociedade, ou prestar um serviço à comunidade, contabiliza aos alunos experiências no âmbito da cidadania e em relação ao mundo do trabalho, sobretudo esta experiência é integrada e formadora com respaldos teóricos assim como menciona Schwartz, (2010) condizendo com todos os discursos analisados nas duas entrevistas que foram aplicadas, alegando assim que a experiência somente pode ser formadora se vier respaldada de saberes, ou seja conhecimentos. Assim como relata claramente a (PD3, 2018) “dá mesma forma que tem coisas que aprendemos a lidar melhor porque já estudamos na teoria. Tem coisas que ficam claras na teoria porque estamos vivenciando na prática. ”

Assim como relata Vasconcelos *et al.*, (2012), e Santos, (2008) a extensão, compreendida como prática acadêmica da instituição universitária que une-se aos segmentos de ensino e pesquisa com as necessidades da sociedade, possibilita uma formação voltada para a cidadania por trazer a luz situações tanto positivas quanto negativas que emergem nessa comunidade em relação ao seu contexto social, esta interação social ainda pode corroborar na formação para o trabalho em relação as experiências que promove no contexto de aplicação de determinada área de conhecimento, demonstrando sua representatividade social e utilitária para a sociedade, constando necessidades emergentes de pesquisa e desenvolvimento desta área perante as

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

demandas encontradas no âmbito social, o qual caracteriza situações reais de aprendizado, nas quais torna-se possível interagir uma gama de conhecimentos científicos e popular em ações práticas. Como podemos observar no discurso do (PD3) “Eu somente sabia o conceito de palavração a prática com palavração eu não tinha, e agora eu estou conhecendo na prática a palavração, isto me ajudará lá na frente e já está me ajudando no presente também.”

### **1.5.3. Apresentação da proposta de intervenção**

Uma proposta prática de intervenção seria o trabalho com projetos o qual, traz mais flexibilidade para o planejamento de ações. Considerando que não se precisa ter apenas um projeto isolado em relação a prática didática. No entanto torna-se necessário ao pensar em extensão-ensino e pesquisa envolver os três segmentos mesmo que em projetos diferentes, mas que estejam envolvidos interdisciplinarmente. Vasconcelos *et al.*, (2012).

O projeto ele ajuda a ampliar as condições de indissociabilidade entre estes segmentos, contemplando maiores possibilidades de interação entre teoria e prática. Exemplificando um projeto de extensão pode oferecer uma gama de ligações interdisciplinares entre temas geradores que podem ser aplicados a teoria em sala de aula ou através das ações de extensão de forma mais dinâmica e ainda estimular a pesquisa que se torna inerente ao trabalho com projetos. A pesquisa deve ser significativa levando o aluno a campo, ainda é preciso pensar medidas de inclusão da extensão universitária como parte da grade curricular e não como algo complementar, pois ela ajuda muito a ressignificar o conteúdo científico curricular. O ideal seria proporcionar tempos de hora aulas para os projetos de extensão dentro da grade curricular. Pois , é devido a extensão ser mais uma prática externa de complementação da matriz curricular , que muitos alunos não participam por não ser adequado ao horário de aula dele , e realmente para conciliar o horário para todos os alunos para participarem das atividades de extensão, é preciso uma maior integração entre o tempo de hora aula e a extensão , pois, os discentes por sua vez que não tem disponibilidade fora do horário de aula não conseguem ter as mesmas experiências de alunos que conseguem participar de forma voluntária da extensão universitária, principalmente de projetos práticos entre a universidade e a comunidade. Neste quesito o estágio obrigatório é muito válido, porém ainda sim, não abrange todos os aspectos significativos quanto as experiências que a extensão promove, pois, mais que

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

o estágio a extensão ressignifica o conhecimento científico socialmente, tornando-o mais democrático, assim como, reafirma a representação social de cada área profissional nos contextos sociais, colaborando assim, para o pleno desenvolvimento da sociedade.

A universidade não deve ter uma visão assistencialista em relação a extensão universitária; A extensão deve ser um instrumento de sua inserção e desenvolvimento da mesma na sociedade tornando o conhecimento mais democrático, então a indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão pode ganhar força em uma ação conjunta entre universidade e sociedade, assim o modelo empreendedor Tríplice Hélice como definido de forma valorosa por ETZKOWITZ e ZHOU (2017) e que compõe a interação entre Universidade a Indústria e o Governo pode ser uma direção ao incentivo e aplicação dos projetos de extensão. A universidade como estruturadora e integradora dos eixos ensino-pesquisa-extensão, e a extensão por sua vez sendo uma via de instrumentação da união entre a Universidade-indústria-governo, as indústrias e os estados sendo parceiros da universidade no incentivo a promoção de projetos e outras parcerias como programas de extensão e cursos, além das diversas ações que a extensão universitária oferece, além é claro da inserção do estudante universitário ao contato com a cidadania e do mundo do trabalho. Para Santos, (2008) estas integrações Intergovernamentais e da sociedade civil podem garantir mais êxito ao desenvolvimento da extensão, pois envolveria, movimentariam e incentivariam ambos os componentes e seus interesses a cumprirem seus papéis na sociedade. Muitas vezes as ações de extensão das universidades ficam restritas e com uma participação inconstante da sociedade, e assim sendo pouco divulgada e valorizada. No entanto muitas vezes há uma perda do potencial do Ensino-Pesquisa e Extensão, os quais poderiam ser mais desenvolvidos unindo tanto recurso físicos como de capital, conhecimento e de integração de recursos humanos de vários setores da sociedade.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## **Considerações Finais**

Considerando os objetivos na pesquisa, torna-se muito importante ressaltar que os fatores do desenvolvimento de competências auxiliarão somente quando o mesmo for efetivado considerando os três eixos pesquisa, ensino e extensão. Pois, conseqüentemente corrobora para um processo cíclico, no qual os três âmbitos interagem e concluem ciclos, os quais há um somatório de interferência de informações que promovem respostas a cada etapa desenvolvida. Desta forma o ensino ganha significado sendo contextualizado e ressignificado a partir da pesquisa e das ações de extensão, os quais também são modificados a partir do conceito de sala de aula e os contextos de aplicação do conhecimento na sociedade, trazendo respostas ao ensino e desenvolvimento tanto para a universidade quanto para a sociedade. O desenvolvimento de competências precisa ser desenvolvido em um ambiente de ensino que não se limite a sala de aula, pois o conhecimento deve ser ampliado e sempre modificado quando somado a outros conhecimentos e aplicado em diversas realidades, sendo recontextualizado pelas diferentes formas de aplicação do mesmo ou de diferentes conhecimentos. Entretanto este conceito não pode ser limitado a fórmulas pedagógicas, assim como retrata Perrenoud na citação abaixo:

Fala-se, às vezes, em competências apenas para insistir na necessidade de expressar os objetivos de um ensino em termos de condutas ou práticas observáveis; ou seja, retoma-se a "tradição" da pedagogia do domínio ou das diversas formas de pedagogia por objetivos. Essas abordagens não estão em absoluto superadas, desde que sejam dominados seus conhecidos excessos: behaviorismo sumário, taxionomias intermináveis, excessivo fracionamento dos objetivos, organização do ensino objetivo por objetivo, etc. (Hameline, 1979; Saint-Onge, 1995). (Perrenoud, 1999, p.18).

Para Perrenoud (1999) o ensino no desenvolvimento por competências não desconsidera as disciplinas, os conteúdos e os objetivos de ensino, mas significa saber as finalidades educativas afim de informar ao a discente as condições aplicáveis destes conhecimentos e a avaliação formativa considerando os resultados dos desempenhos como indicadores do desenvolvimento de determinadas habilidades que compõem uma competência.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

No entanto o currículo não pode estar limitado e engessado somente para cumprir metas de um ensino conteudista, que não considera o conhecimento prático e as experiências. A comunidade acadêmica, principalmente os estudantes, e os docentes ainda encontram dificuldades reais de aplicação da extensão universitária devido à falta de tempo para se dedicarem a mesma e as pesquisas de campo, devido o tempo hora aula exigido e destinado ao cumprimento do currículo e suas disciplinas condizentes com o conhecimento científico. Todavia quando se consegue promover a integração contínua dos três eixos, a finalidade é colocar em execução o processo de democratização do conhecimento acadêmico, constituindo meios de integração entre “os saberes acadêmico e popular”, de modo que: “ A produção do conhecimento se efetive no confronto com a realidade, com permanente interação entre teoria e prática” .(Vasconcelos *et al.*, 2012) Neste direcionamento a universidade se insere cada vez mais em um contexto de construção do conhecimento significativo para a constituição de um ensino voltado para a supressão das desigualdades sociais, da investigação de situações problemas e emergenciais para promover o progresso da sociedade.

A estrutura curricular para o ensino superior necessita considerar o ensino, a pesquisa e a extensão. Porém é muito importante que a universidade valorize uma prática didática curricular apoiada na teoria e aplicada de forma contextualizada e flexível para atender a diversos contextos, tempos e espaços que o currículo abrange, e assim viabilizar o desenvolvimento da extensão. Contudo com o objetivo de elucidar a compreensão a respeito do processo investigativo sobre como o desenvolvimento de competências pode trazer contributos as práticas de extensão e à promoção do envolvimento universidade e comunidade, agregando também experiências no âmbito da cidadania e mundo do trabalho a conclusão deste estudo expõe-se o seguinte:

As ações na área de extensão relacionadas aos cursos oferecidos pela universidade, pode beneficiar tanto a comunidade local estando a mesma envolvida no âmbito da universidade, quanto aos alunos, por proporcionar experiências interacionais sobre a área de conhecimento e formação dos mesmos, promovendo então uma vivência acerca da teoria e do conhecimento global da prática desta profissão e aspectos valorativos na sua inserção social. Esta iniciativa da universidade pode oferecer muitos requisitos positivos; pois oportuniza mais conhecimentos para ambos os lados; estabelecendo uma interação valorativa desta comunidade para a universidade. Assim consegue-se alcançar

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

um dos princípios básicos da educação, que é constituir um profissional voltado para a prática cidadã e consciente da prática de sua profissão e representatividade que a mesma tem na sociedade.

O estudo desenvolvido buscou apresentar as particularidades do tema em um grupo específico de 14 componentes, pois o mesmo devido a abrangência de contextos e fenômenos significativos não poderia ser mensurado em medidas da categorização quantitativa, assim não se objetivou realizar uma análise equiparativa em um universo. A investigação qualitativa possibilitou compreender a ação social dos atores sem generalizar o seu posicionamento, apresentando assim diferentes impressões da realidade de aplicação do tema e acerca da investigação dos dados. E assim cuidando para não afixar regulamentos para produção de dados generalizados como orienta Goldenberg, (2004).

Os contributos pessoais advindos deste estudo foram o conhecimento adquirido com a troca de experiências e principalmente experimentar a pesquisa como modo de perceber a realidade. Esta investigação permitiu averiguar a existência, as relações de poder, as ideologias e a representação do espaço dado para a extensão no ensino superior e na sociedade. Considerar esta representação foi gratificante, principalmente ao visualizar a formação integrada do discente na sociedade e sua intervenção na mesma. O relato dos discursos comparados a pesquisa teórica formulou um aprendizado que nenhum instrumento poderia mensurar devido a gama de sentimentos envolvidos ao constatar uma vertente de educação que traz novas concepções de mundo.

A importância da integração da teoria e da experimentação prática oportunizada na extensão como descrito no percurso teórico e metodológico corrobora para vivências profissionais e está além das conceituações científicas. Ao valorar a educação numa perspectiva cidadã, foi possível contemplar no processo educativo uma forma de mudar a vida em sociedade com ações simples de democratização do conhecimento.

O aprendizado aqui exposto me conduz a retomar assim a visão de Batomé (1996) ao descrever sobre o ensino superior significando “Ser superior” sendo “realista” e atuante na sociedade, promovendo a capacitação para assistência e resolução de “problemas sociais”, e ainda “ser atualizado cientificamente” habilitando os alunos a raciocinar “a partir dos problemas (...) desenvolvendo uma consciência crítica da realidade social” (Batomé, 1996, p.p. 111,112), do mesmo modo como exposto nos dados

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

do participante (P8) definindo o ensino superior “como uma leitura ampla na forma de visualizar e pensar o mundo, “como se todos usassem um óculos, e o seu óculos para enxergar a vida tivesse uma lente de aumento que você pensa o mundo, o seu entorno” (P8, 2018). Assim conclui-se que a educação não tem uma fórmula para salvar o mundo de seus impasses e mazelas, mas têm os ingredientes que faz o ser humano pensar sua ação na realidade, e assim reinventar sua atuação na coletividade. Contudo o uso destes elementos é o que determina a forma de atuação de uma sociedade na constituição de sua essência.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## Referências bibliográficas

Alves, T. S. (2004) Extensão universitária e formação profissional ampliada

Andrade, V. S. DE (2009) A competência comunicativa nas provas de redação do Deutsches Sprachdiplom e do Exame Nacional do Ensino Médio [Em linha]. [S.l.] : PUC-Rio. Disponível em WWW:URL:[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14182/14182\\_3.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14182/14182_3.PDF).

Antoni Zabala, L. ENSINAR E APRENDER COMPETÊNCIAS A. (2015) Como ensinar e aprender competências [Em linha]. Porto Alegre : Penso. Disponível em WWW:URL:[https://www.google.com.br/search?q=como+aprender+e+ensinar+competências+antoni+zabala+livro&safe=off&sa=X&rlz=1C1ASUC\\_pt-BRBR785BR785&biw=1920&bih=900&source=univ&tbm=shop&tbo=u&ved=0ahUKEwicxculyKjbAhXDx5AKHQZCIUQsxgIJw](https://www.google.com.br/search?q=como+aprender+e+ensinar+competências+antoni+zabala+livro&safe=off&sa=X&rlz=1C1ASUC_pt-BRBR785BR785&biw=1920&bih=900&source=univ&tbm=shop&tbo=u&ved=0ahUKEwicxculyKjbAhXDx5AKHQZCIUQsxgIJw).

Batomé, S. P. (1996) Pesquisa Alienada e Ensino Alienante (1. ed.) ISBN 9788532616678.

Bedim, J. GONÇALVES L. (2006) Uma proposta de metodologias participativas na extensão universitária: O ensino de idiomas como uma vertente instrumental. , 307.

Benetti, P. C. (2015) **Relatório de Gestão - Julho de 2011 a Junho de 2015** [Em linha] [Consult. 25 jan. 2017]. Disponível em WWW:URL:[https://extensão.ufrj.br/images/stories/documentos/Relatorio\\_de\\_Gestao/Relatorio\\_Gestao\\_2011-2015\\_web.pdf](https://extensão.ufrj.br/images/stories/documentos/Relatorio_de_Gestao/Relatorio_Gestao_2011-2015_web.pdf).

Boterf, G. Le (2003) Desenvolvendo a competência dos profissionais / Cmpétence et navigation professionnelle . Poto Alegre : [s.n.]. (3ª ed.) ISBN 8536301295 ISBN obra original 2-708124455.

Brandão, H. H. N. (2004) Introdução à análise do discurso . Campinas, São Paulo : [s.n.]. (2º ed.) ISBN 852680670X.

Brasil (1996) Lei nº 9.934, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** [Em linha]. Brasil : [s.n.]. (1996) Disponível em WWW:URL:[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm).

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Brasil, S. DE E. S. (2008) **Tipos de Políticas de Educação Superior - Folder do SESU** [Em linha] [Consult. 9 set. 2017]. Disponível em WWW:URL:<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/livrosesu.pdf>.

Casadei, E. B. (2016) *a Extensão*. São Paulo : [s.n.]. (1ª ed.) ISBN 9788579837463.

Castro *et al.* (2016) **Manual Da Extensão** [Em linha] Disponível em WWW:URL:<http://ifce.edu.br/proext/arquivos/manual-da-extensao-ifce.pdf>.

Castro Correia, Â. DE; Vieira, L. A. (2009) *O Currículo Como Instrumento Central Do Processo Educativo : Uma Reflexão Etimológica E Conceitual* **Ix Congresso Nacional De Educação - Educere**.

Comin, F.; Inocente, D. F.; Miura, I. K. (2011) *Aprendizagem organizacional e gestão do conhecimento : Pautas para a gestão de pessoas* **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. ISSN 1679-3390 , 12(2), 227–239.

Dalfovo, M. S.; Lana, R. A.; Silveira, A. (2008) *Métodos Quantitativos e Qualitativos: um Resgate Teórico* **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**. ISSN 1980-7031 , 2(4), 1–13.

David Paul Ausubel, Joseph Donald Novak, H. H. (1968) *Psicologia Educacional*. Rio de Janeiro : [s.n.]. (2ª ed.)

Delaine, D. A. (2014) **Universidade e comunidade aprendem e evoluem juntas** [Em linha] [Consult. 31 jan. 2017]. Disponível em WWW:URL:<http://porvir.org/universidade-comunidade-aprendem-evoluem-juntas/>.

Delors, J. *et al.* (1998) *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI Unesco da Comissão Internacional sobre Educação [Em linha] Disponível em WWW:URL:[http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura\\_da\\_paz/docs/Dellors\\_alli\\_Relatorio\\_Unesco\\_Educacao\\_tesouro\\_descobrir\\_2008.pdf](http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/Dellors_alli_Relatorio_Unesco_Educacao_tesouro_descobrir_2008.pdf). ISBN 8524906731.

Demo, P. (2012) *HABILIDADES E COMPETÊNCIAS no século XXI*. Porto Alegre : Mediação. (3. ed.) ISBN 978-85-7706-053-5.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Dolz, J., & Ollagnier, E. (2004). (2004) O enigma da competência em educação . Porto Alegre : Artmed. (1. ed.) ISBN 9788536301945.

Duarte, R. (2004) Entrevistas em pesquisas qualitativas **Educar em Revista**. ISSN 0104-4060 , (24), 213–225. doi: 10.1590/0104-4060.357.

ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C. (2017) Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo **Estudos Avançados**. , 31(90), 23–48.

Ferraz, A. P. DO C. M.; Belhot, R. V. (2010) Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais **Gestão & Produção**. , 17(2), 421–431. doi: 10.1590/S0104-530X2010000200015.

FORPROEX (1987) Conceito de extensão, institucionalização e financiamento: documento final

FORPROEX (2000) Avaliação nacional da extensão universitária - Pressupostos, indicadores e aspectos metodológicos

FORPROEX (2007) Extensão Universitária : Organização e Sistematização, Fórum de Pró Reitores de extensão das universidades públicas Brasileiras [Em linha]. Belo Horizonte : [s.n.]. Disponível em WWW:URL:<https://www.ufmg.br/proex/rex/images/documentos/Organizacao-e-Sistematizacao.pdf>.ISBN 9788585002916.

Forquin, J. (1993) Escola e Cultura, as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar ISBN 8573076704.

Foucault, M. (2008) A arqueologia do saber ... homem eo discurso: a arqueologia de Michel Foucault ...ISBN 9788521803447.

Gadotti, M. (2014) **Extensão Universitária: Para quê?** [Em linha] Disponível em WWW:URL:[http://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extensao\\_Universitaria\\_-\\_Moacir\\_Gadotti\\_fevereiro\\_2017.pdf](http://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extensao_Universitaria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf).

Gil, A. C. (2002) Como elaborar projetos de pesquisa Como Elaborar Projetos de

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Pesquisa ISBN 8522431698.

Goldenberg, M. (2004) A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais [Em linha]. Rio de Janeiro : [s.n.]. (8ª ed.) Disponível em WWW:URL:<http://www.ufjf.br/labesc/files/2012/03/A-Arte-de-Pesquisar-Mirian-Goldenberg.pdf>.ISBN 8501049654.

Imperatore, S. L. B.; Pedde, V.; Imperatore, J. LUIS R. (2015) Curricularizar a extensão ou extensionalizar o currículo? Aportes teóricos e práticas de integração curricular da extensão ante a estratégia 12.7 do PNE ISSN 9788568618011 , 1–15.

Jacques, M. DA G. C.; Strey, MARLENE; Bernardes, NARA M. (2013) Psicologia Social [Em linha]. Petrópolis : Vozes. (Edição dig ed.) Disponível em WWW:URL:<https://books.google.com.br/books?isbn=8532647464>.ISBN 978853264746-7.

Job, S. C. P. D. (2011) Teorias Da Aprendizagem: Uma Revisão Da Literatura **Id on line Revista de Psicologia.** , 5(15), 22–30.

Kilimnik, Z.; Sant’Anna, A. D. S.; Luz, T. R. (2004) Competências Profissionais E Modernidade Organizacional : Coerência Ou Contradição ? **Revista Brasileira de Orientação Profissional.** São Paulo. [Em linha], 44, 10–21. Disponível em WWW:URL:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75902004000500001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902004000500001).

Laville, C.; Dionne, J. (1999) A construção do saber:manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas Editora Atlas S. A.ISBN 8522431698.

Lessa, C. (1999a) A universidade e a pós - modernidade : O panorama brasileiro , 42.

Lessa, C. (1999b) A universidade e a pós - modernidade : o panorama , 1–13.

Loiola, L. DE M. (2013) Breve histórico do termo competência **Revista Helb.** [Em linha], 10. Disponível em WWW:URL:<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-7-no-7-12013/212-breve-historico-do-termo-competencia>.

Manfredi, S. M. (1998) Trabalho, qualificação e competência profissional - das

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

dimensões conceituais e políticas **Educação & Sociedade**. ISSN 0101-7330 , 19(64), 13–49. doi: 10.1590/S0101-73301998000300002.

Manzato, A. J.; Santos, A. B. (2012) A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa **Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP**. , 1–17.

Martins, E. DE F. (2008) Extensão como componente curricular : oportunidade de formação integral e de solidariedade **Ciências e Cognição**. , 13(2), 201–209.

MEC parecer 108, 2003 (2003) Parecer 108 e/ou Resolução específica da Câmara de Educação Superior ”. [Em linha]. Brasil : [s.n.]. (2003) Disponível em WWW:URL:<http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13241-parecer-ces-2003>.

Mertens, L. (1996) Competencia laboral: sistemas, surgimiento y modelos Cinterfor [Em linha]. Montevideo : Cinterfor. (1. ed.) Disponível em WWW:URL:[http://www.oei.es/historico/etp/competencia\\_laboral\\_sistemas\\_modelos\\_mertens.pdf](http://www.oei.es/historico/etp/competencia_laboral_sistemas_modelos_mertens.pdf).ISBN 92-9088-060-8.

Minayo, M. C. DE S. *et al.* (1994) Pesquisa Social : teoria, método e criatividade **Editora Vozes**. ISSN 1098-6596 doi: 10.1017/CBO9781107415324.004.

Neto, J. A. DA S. P. (2006) Teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel: perguntas e respostas **Dossiê «1º Encontro Nacional de Aprendizagem Significativa»**. ISSN 2318-1982 , 21, 117–130.

Orlandi, E. DE L. P. (2009) Análise de Discurso (8. ed.) ISBN 8571131317.

Perrenoud, P. (1999) Construir as competências desde a escola Biblioteca Artmed. [Em linha]. [S.l.] : Artmed Editora. Disponível em WWW:URL:<https://books.google.com.br/books?id=87MbAgAACAAJ>.ISBN 9788573075748.

Perrenoud, P. (2000) 10 Novas Competências Para Ensinar Dez novas competências para ensinarISBN 978-85-7307-637-0.

Perrenoud, P. (2001) Formando professores profissionais: Quais estratégias?

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Quais competências? . Porto Alegre : [s.n.]. (2ª ed.)

Ramos, M. N. (2009) Currículo por competências **Texto Extraído De Www. Mec. Gov. Br/Semtec/ ...** Rio de Janeiro.

Rocha, D.; Deusdará, B. (2005) Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória **Alea : Estudos Neolatinos**. ISSN 1517-106X , 7(2), 305–322. doi: 10.1590/S1517-106X2005000200010.

Rosa, M. M. DE C. S. (2010) **Tecendo uma manhã : O estágio supervisionado no curso de pedagogia mediado pela extensão universitária**. [Em linha] [Consult. 13 mar. 2018]. Disponível em WWW:URL:[https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/rosa\\_mmcs\\_do\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/rosa_mmcs_do_mar.pdf).

Sacristan, J. G. (1998) Aproximação ao conceito de currículo. In: \_\_\_\_\_. O currículo: uma reflexão sobre a prática. . Porto Alegre : [s.n.].

Sandra de Deus, R. H. (2004) **Comissão de relações internacionais, coordenação do Forproex, Programa de internacionalização da extensão universitária**. [Em linha] Disponível em WWW:URL:[https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Internacionalização\\_da\\_Extensão.pdf](https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Internacionalização_da_Extensão.pdf).

Santos, B. DE S. (2003) Pela Mão de Alice: O social e o político na Pós-Modernidade (9. ed.)

Santos, B. DE S.; Filho, N. DE A. (2008) A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova **A Universidade Nova no Brasil**. ISSN 1413-8123 , 260. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000300036>.

Schwartz, Y. (2010) A experiência é formadora? Educação e realidade [Em linha] (Vol. 35) Disponível em WWW:URL:<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11030/7181>.

Silva, T. T. DA (2010) Documentos de Identidade, Uma Introdução às teorias do currículo . Belo Horizonte : [s.n.]. (3. ed.) ISBN 9788586583445.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

Silveira, I. (2008) Um modelo para capacitação dos instrutores do sistema cad para vestuário e dos modelistas, com foco na gestão do conhecimento , *IV*(1999). doi: 10.17771/PUCRio.acad.18698.

Tardeli, Denise, D. A. (2012) Cotidiano da Escola ISBN 9788522111947.

UNESCO (1990) Declaração Mundial sobre educação para Todos. Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de (Conferência de Jomtien)

Universia (2005) **Extensão : aproximando a universidade da comunidade** [Em linha] Disponível em WWW:URL:<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/12/14/454879/extenso-aproximando-universidade-da-comunidade.html>.

Vasconcelos, C. M. DE *et al.* (2012) **Política Nacional de Extensão Universitária** [Em linha] [Consult. 15 jan. 2017]. Disponível em WWW:URL:<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>.

Vinuto, J. (2014) A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto **Temáticas** , *44*(22), 203–20.

Zarifian, P. (2010) **Proposition de déploiement concret d'une démarche compétence : le cas de la CNAMTS** [Em linha] [Consult. 30 mar. 2018]. Disponível em WWW:URL:<http://philippe.zarifian.pagesperso-orange.fr/page55.htm>.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## Anexos

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Pesquisa: **Extensão em foco: Um estudo qualitativo da extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências**

Eu, \_\_\_\_\_ declaro que tenho mais que 18 anos e que participei por livre vontade da pesquisa conduzida por Gizeli Aparecida Martins Alves da Silva.

Objetivo: Compreender a representação do desenvolvimento de competências para a promoção da extensão universitária e experiências no âmbito da cidadania e do mundo do trabalho.

Concordo de livre vontade participar neste estudo intitulado de “Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências”. Entendi os termos de apresentação e participação no estudo acima mencionados; tenho ciência acerca dos objetivos e métodos, pelo que aceito a participação no estudo, respondendo às questões requisitadas e dou permissão que as informações por mim comunicadas sejam utilizadas nesta investigação. Estou ciente que tenho direito a desistência de participar a qualquer momento, sem que isso me cause qualquer prejuízo. Enfim, tenho conhecimento que os dados adquiridos no presente estudo serão confidenciais, sendo a minha participação anônima e que o acesso aos dados e resultados só é possível pelos investigadores envolvidos. Além da utilização dos resultados somente para fins científicos e acadêmicos. Será garantido o anonimato e o sigilo das informações, além da utilização dos resultados exclusivamente para fins científicos e acadêmicos. Os materiais utilizados para coleta de dados serão armazenados por 5 (cinco) anos, após descartados, conforme preconizado pela Resolução CNS nº. 466 de 12 de dezembro de 2012.

Eu, como voluntária da pesquisa, afirmo que fui devidamente informada e esclarecida sobre a finalidade e objetivos desta pesquisa.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Gizeli Aparecida Martins Alves da Silva

#### Identificação dos responsáveis pelo estudo:

Gizeli Aparecida Martins Alves da Silva

Tel.: 99239 6516

E-mail: gizeliapm@gmail.com

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

## Entrevistas preenchidas

---

### Entrevista Gestor/Professor – Questionário Sócio demográfico

---

Pergunta	Resposta
Aceito participar deste presente estudo?	Todos os participantes responderam que sim.
Qual a sua área de atuação?	Incluído no quadro dois.
Qual a sua faixa de idade?	Incluído no quadro dois.
Há quantos anos atua na extensão universitária?	Incluído no quadro dois.

---

---

### Guião da entrevista

**1. A práxis didática a partir do desenvolvimento de competências facilita a efetivação da extensão, minimizando as dificuldades de gestão e aplicação das ações? Explique de que forma.**

---

	Resposta
<b>Participante 1</b>	Existe um fazer no sentido de focar ele, para que ele consiga minimamente ter as noções básicas, alguns até mais avançadas um pouco, aí depende de cada um. Gizeli: Depende da participação dos alunos nos projetos, ou eles não participam? (P1). Participam, mas não depende disso. É mais que isso, na verdade os alunos vão conseguindo congregando diferentes aspectos, pois, o curso tem as disciplinas comuns e tem as atividades de campo, também tem as atividades complementares, e é nesse foco que se consegue fazer mais ou menos esse link, para que o aluno possa, minimamente, pensar em termos de competência, é só dessa forma.
<b>Participante 2</b>	Minimiza sim quanto a questão das aplicações das ações uma vez que você consegue fazer com que o aluno tenha algumas habilidades, e fazer com que ele consiga levar essas habilidades no contexto do curso de direito, e transportar essas habilidades tanto para as atividades que ele realiza em campo quanto para o próprio mercado de trabalho o qual ele será inserido posteriormente, aquilo que se consegue desenvolver dentro da unidade dentro do curso facilita ele nesse ingresso lá na realidade no âmbito da sociedade, até mesmo em atividades que de repente são ações que ainda estão atreladas a Universidade. Gizeli: Então facilita, porque torna o conteúdo científico um pouco menos pesado?

---

---

Entrevistada: Facilita, e torna o conteúdo científico menos pesado, no sentido de só teórico. Na verdade, ele consegue ver e fazer um elo entre aquilo que ele estuda teoricamente e aquilo que ele vai lidar lá em algum momento no exercício de sua profissão.

---

**Participante 3**

Participante: Colabora bastante, eu acho que é algo que sempre se falava, eu me lembro do meu tempo de faculdade..., E agora é que você aprende um conteúdo dentro da sala de aula e ocorre aquele negócio, a teoria é de uma forma e na prática é de outra. Porque se aprende uma coisa, mas não tinha vivência e isso engessava um pouco o ensino. Embora Freire já falava nisso desde o início, mais executar era muito difícil quando você põe por competência visa e faz como objetivo a competência, você já obriga o próprio professor a estender o script dele dentro da matéria. Eu não posso dar uma matéria só, eu até trabalho isso, pois eu sempre trabalho com todas as turmas que eu leciono, eu trabalho primeiro conhecimento geral. Como é que funciona o conhecimento? O quê que se considera o conhecimento hoje? Porque antigamente dava-se um livro, e ainda tem muita universidade que funciona assim, está aqui lê tal, tal capítulo e pronto” saudações”. E isso para mim não me adianta porque vai te dar teoria, mas na prática como você vai fazer? Eu acho que tem que “linkar” sempre a teoria com o que a prática, mas, a teoria tem que ter. Agora dali você prepara o que você faz para o aluno criar aquela ligação daquela teoria com o ambiente de mercado e ambiente de mercado você utiliza muito a sociedade, para mim é ambiente de mercado, desde de baixo até em cima é ambiente de mercado você tem que linkar, como que você vai linkar isso? Você pega até coisas que você usa no cotidiano, por exemplo para discutir que o conhecimento só aumenta quando ele é divulgado, porque antigamente tinha aquele negócio do segredo é a alma do negócio, hoje já não funciona tanto assim, é segredo, mas não é tanto. Eu uso como exemplo a feitura do arroz em casa que você faz arroz de um jeito, eu faço arroz de outro, se você comentar o que você faz, como você faz eu vou ter o como eu faço mais o seu então vai aumentando e somando conhecimentos. O conhecimento só aumenta, tem que colocar na cabeça do aluno que é isso, o teu conhecimento que você aprende aqui, você levando para fora das paredes da universidade gera mais conhecimento, e nós vivemos disso, pelo menos a minha visão de professor é essa: Eu não ensino, eu não tenho esse poder na mão, é uma troca eu ensino mas aprendo. Em vez de ficar perguntando se o aluno entendeu, eu quero que ele me questione com a ideia inicial que ele compreendeu.

---

**Participante 4**

O trabalho de extensão é muito importante porque conseguimos comprovar na prática a parte teórica que o aluno vê em sala. E mais, ele consegue no momento que é feito o trabalho de extensão trazer para a universidade estudos de caso. Um case onde o indivíduo é desenvolvido em competências por áreas diferentes.

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

	<p>Em administração pode-se trazer competências da área financeira, da área de produção, da área logística, estratégia e por diversas áreas. Se eu dividir isso em cluster, em grupos, vou ter o quê? Eu trabalho realmente o que acontece no mundo lá fora na prática, e na faculdade dentro de cada área. Minimiza sim, ajuda a ter um maior aproveitamento na aprendizagem.</p>
<b>Participante 5</b>	<p>Sem dúvida. A prática é importante. Isso acontece com facilidade na sala de aula. Eu tenho feito isso em sala de aula e a minha atuação é muito baseado na minha competência, no que eu venho lendo e vou fazendo, a discussão até mesmo com minha experiência de pesquisa-ação, isso me leva a desenvolver em sala de aula. Gizeli: A forma que você conduz a prática didática facilita promover a extensão? Facilita, eu não tenho conseguido sempre fazer o link com a teoria e a prática, mas a extensão facilita fazer a atividade prática com os alunos.</p>
<b>Participante 6</b>	<p>Com certeza. Na sala de aula tem a parte didática com muitos conceitos, passando os conceitos e o aluno fica apenas na imaginação. Quando ele vem para o núcleo que é um projeto de extensão, acontece muito de, por exemplo, o professor falou sobre competência territorial, competência onde for, e lá o aluno ouve os conceitos, mas não consegue assimilar muito e quando ele vem até o núcleo consegue assimilar melhor aqui. Quando o aluno vem aqui, que eu abro um processo e eu mostro para ele que vamos entrar com uma ação e digo assim: “Olha, o nosso foro de competência aqui é o Fórum da Leopoldina que fica em Olaria”, e o aluno pergunta como é que eu sei disso. Aí eu explico “Você vai olhar através da região administrativa que é por onde o tribunal faz a distribuição”. E ele percebe que quando o professor falou de competência, do foro, falou disso. Essa percepção faz muita diferença. É o que eu falo aqui nós estamos vendo a prática, mas você não tem a prática se você não trouxe essa teoria, então tem que ter essas duas coisas. Porque eu não posso falar para ele só da prática se ele não conhece o princípio teórico, se ele não tem conceitos. Então tudo isso tem que ter, senão não dá certo, eu vou mostrar para o aluno um monte de papel e o aluno não conseguirá juntar as duas coisas. Essa ligação é interessante e necessária. Se o aluno não tivesse esse espaço de prática jurídica, se não tivesse uma possibilidade de fazer essa extensão em um outro espaço, fosse num escritório privado, defensoria pública que tem algumas vagas para esse tipo de extensão, ele iria sair do curso de direito e iria para o mercado de trabalho com muita teoria e sem a prática de juntar o que aprendeu na sala de aula com o que ele vai aplicar. O núcleo de prática jurídica é muito importante nesse ponto porque o aluno não fica só dentro do núcleo de prática jurídica ele tem atividades que são elaboradas pelo núcleo de prática jurídica, as quais ele faz fora do horário de aula em um plantão semanal de duas horas. Mas fora esse</p>

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

plantão semanal aqui, o aluno tem outras tarefas que são obrigatórias, que ele tem que assistir, audiências no fórum, fazer acompanhamento de audiências, fazendo o relatório sobre o que ele assistiu, ou o que ele visualizou, depois ele pergunta e nós sentamos e discutimos.

---

**Participante 7**

Quando estamos em sala de aula precisamos ter em mente que estamos com pessoas e ali existem sonhos e projetos então de acordo com cada ciência com cada aula com cada forma que você vai desenvolver com seu grupo de alunos é percebido que cada um tem um certo talento, ou seja cada um apresenta determinadas habilidades e competências, então o que nós docentes devemos fazer dentro da nossa ciência e sala de aula e da disciplina que você é alocada, você deve desenvolver, mesmo naquele aluno que não demonstre ainda tanta habilidade assim, tentar levá-los a responsabilidade de apreender aquele conhecimento e para que ele tenha habilidade e competência., trabalhar lapidar para que aquela pedra bruta se torne um diamante. Então nós sempre teremos numa sala de aula aqueles que vão além porque já estão dentro da sala de aula com aquele objetivo de usar aquela disciplina para uma finalidade profissional e aqueles que vão usá-la apenas como ferramenta não necessariamente como a profissão que ele vai exercer, exemplo eu dou aula da área de exatas, nesta área eu trabalho cálculo, e terão alunos que trabalharam com a área exata dentro da área que ele vai exercer, exemplo administração, tem a área financeira, assim terão alunos de administração que vão ter mais habilidades na área financeira, outros vão utilizar esta área como o gestor com uma leitura daquela ferramenta. Entretanto uma vai utilizar a ferramenta outro vai trabalhar com ela como uma tomada de decisão.

---

**Participante 8**

Sim é fundamental, esse tripé não pode ser desarticulado porque promover ensino, esta produção de conhecimento é através da pesquisa e articulada às ações de extensão. A sala de aula ganha uma amplitude se nós tivermos condições de tratar tanto o ensino articulado às ações de pesquisas e também pensar práticas de extensão para além da sala de aula. Isto pensando no desenvolvimento das competências tanto gerais quanto específicas porque é claro quando nós assumimos a sala de aula embora não seja nosso objeto estamos vinculados a um determinado curso que possui diretrizes específicas em relação às competências. Pensando em nível geral sem dúvida é fundamental.

---

**2. Em relação ao tempo de hora de aula o ensino do conteúdo científico e a pesquisa têm possibilitado a interação em relação à teoria e à prática na extensão universitária? De que forma?**

---

---

**Resposta**

---

**Participante 1** No cotidiano as aulas são bastante teóricas, elas têm aquele peso que precisa para fazer relação com a questão acadêmica. Temos algumas disciplinas que nós conseguimos fazer um link, por exemplo, as disciplinas de conteúdo e de método, elas têm carga horária dobrada, justamente para fazer este link com a prática.

**Participante 2** Em relação ao tempo de hora aula e o ensino do conteúdo científico, a pesquisa é na verdade, nós tentamos em sala de aula misturar a teoria com a prática trabalhando com a questão concreta, como as disciplinas são de noites completas com quatro tempos ou disciplinas que são disciplinas que nós temos até as práticas de confecção de petição , então essas são de dois tempos, ai neste formato, quando você tem inserido essas questões de ações pratica consegue-se para você fazer alguma ligação , agora como os alunos tem laboratório específico do curso, a extensão ela está muito mais ligada as vezes ao laboratório do curso do que propriamente a sala de aula, na sala de aula realmente nós fazemos a relação teoria e prática quando conseguimos trazer bem essa parte através do material institucional. Mas você vê a extensão mesmo, quando eles trabalham no NPJ que é o núcleo de prática jurídica e lá eles também trabalham com a questão das horas aulas só que a atribuição das horas aulas eles têm um horário que eles trabalham com a questão do processo, manuseando os processos mexendo efetivamente, vendo como é que aquilo seria feito fora, lá no judiciário, mas além dali eles saem, e então essas horas a mais , esse tempo e conteúdo científico ligado a hora aula ele ultrapassa o limite da hora de aula de sala porque eles têm que fazer horas aulas de atividades que não são atividades realizadas dentro do núcleo, são atividades realmente fora que fazem parte do currículo deles. Então essas atividades que eles fazem fora acrescenta para o conhecimento, pois é quando eles vão efetivamente na realidade. Essa realidade ela consegue interferir no conhecimento teórico em sala porque é quando consegue-se visualizar no direito com muita facilidade que a teoria não encaixa-se na prática, a teoria é muito bonita e estruturada, mas quando você vai usar a prática jurídica lá no tribunal, lá no fórum, lá no judiciário, é totalmente diferente, a realidade é diferente, então quando vão lá que eles voltam, e vão fazer atividades de campo de atendimento, nas praças, quando eles vão aos órgãos judiciários para fazer visitas, assistir audiências, quando vão dar assistência em igrejas e associações de moradores, eles vem com a visão de uma outra realidade que efetivamente, e ai eles começam até a questionar o conteúdo teórico que se vê em sala de aula. Gizeli: Então é importante o retorno que a extensão traz para a sala de aula? Participante: Com certeza, é o momento

---

---

em que eles vão efetivamente ver como eles vão trabalhar como que lá fora funciona e como vão ter que pegar aquele conteúdo que eles veem de forma teórica para poder adaptar, porque às vezes é bem diferente; o curso tem uma coisa bem específica, é um curso teórico. Essas atividades elas nos ajudam a chegar perto do mundo real, fora do mundo do livro, do papel.

---

**Participante 3**

Ter, tem. A forma primeiro, O que que há, você tem que especificar o que que é pesquisa? Porque chegamos muitas vezes na sala de aula e fala pesquisa o aluno te olha com uma cara de ódio tão grande porque ele acha que vai ter que ficar sentado, ir lá na internet, ou pior lendo um livro, detalhando um livro. Quando você pesquisar é, aí eu coloco como exemplo o quê o ator faz, o ator quando vai atuar no papel ele faz o que ele chama de laboratório, o quê que é o laboratório? É uma observação, para ter mais atenção dos alunos eu digo: Olha só a Deborah Secco quando fez o papel daquela menina que era escort, quando ela fez o filme, ela foi passar dias em casas da luz vermelha com as meninas para saber o dia-a-dia, entender o que que é. o que leva aquilo ali, não é só ver a pessoa executando, mas o quê que levou aquelas meninas ali, porque que elas estão ali, porque vocês preferem, você vai vendo e vai conversando e vai trocando. Outra coisa que eu peço para eles: Vocês já sentaram numa praça de alimentação de um shopping e viram como as pessoas estão ali? As pessoas que passam num shopping? Quem frequenta o shopping? Você consegue traçar um perfil de olhar as pessoas, entendeu? Isso é pesquisa. Então você tem essa questão da hora, pois muitas vezes a minha pesquisa está fora do horário deles de aula, mas você pensa, então eu proponho, olha só vocês já viram o filme tal? Você assistiu ao filme? Você assistiu o programa de televisão? É uma pesquisa. Até porque isso me facilita porque eu dou aula para os alunos de administração, faço oficina de leitura para direito, vou em ciências contábeis porque minha formação e jornalística. Eu sou formado em comunicação social, então eu tenho uma outra visão de administração, e isso já é uma pesquisa eterna. Então eu acho que tem toda a possibilidade. Eu mesmo trabalho, eu dou aula de pesquisa de mercado, porque minha pós-graduação é marketing eu dou aula de pesquisa de mercado. O que que eu faço com essa aula de pesquisa de mercado? Eu dou sempre um trabalho de pesquisa para eles, e peço para eles formarem um produto e ver a viabilidade desse produto no ambiente de mercado. Então tem a pesquisa, mas você não está cercando dessa pesquisa entre quatro paredes. Hoje em dia você vai pesquisar na amplitude dessa palavra de pesquisa. Então tem que ser assim, na observação, você pensar o que que está em casa, como é que você faz em casa, começar a perceber, começar a refletir o entrono.

---

**Participante 4**

O tempo é restrito em relação a quantidade de conteúdo em algumas disciplinas. Então a disciplina com conteúdo muito grande o professor tem que colocar

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

	como trabalho extra, realmente como extensão é fora do horário acadêmico. Mas na maioria das disciplinas dá para fazer as duas coisas. Dá para conciliar.
<b>Participante 5</b>	É pequena, mas dá para fazer, por exemplo, no semestre passado tive um desenvolvimento de uma atividade feita com um aluno sobre um estudo de inflação e taxa de juros na prática. Nós fizemos um artigo, eu indiquei o que ele tinha que estudar e nós produzimos um artigo. Gizeli: Tem algum projeto voltado para comunidade? Não, nesse nível não, no meu curso não tem um específico, nós não fazemos. Eu utilizo e interajo com os projetos de outros cursos como o de administração e o curso de gestão de recurso humanos. É que eu sou economista, então todas as minhas atividades de extensão são voltadas para economia e eu conto com a colaboração dos professores do curso de RH, a interação deles com empresas, fazendo palestra, alguma atividade desse tipo.
<b>Participante 6</b>	Muitas das vezes o aluno tem até a intenção de que isso até se prolongasse mas tem várias demandas... Gizeli: Durante o cumprimento do currículo ele não consegue? Entrevistado: Fica muito apertado. É porque a nossa formação nesta instituição está muito voltada para a inserção do aluno no mercado de trabalho e aí a maioria deles estão trabalhando. Esse tempo de hora-aula então fica mais na parte teórica.
<b>Participante 7</b>	Com certeza, eu trabalho com estudo de caso, então trago para meus alunos caso real nós trabalhamos em cima daquele caso real, os dados são e alguns nomes fictícios para que haja o sigilo das empresas que não deve ser divulgado, mas são totalmente reais, de casos que ocorreram, e quando é algo que pode ser trabalhado com nome eu trago, como o caso do banco Barings da Inglaterra que quebrou, passo nome porque quebrou, qual a fonte do livro, como podemos observar a quebra financeira. E através disso o aluno observam a relação entre a teoria e a prática e como isso é fundamental na vida profissional e detalhe quando fazemos isto a aula se torna muito mais agradável, tanto para o professor quanto para o aluno, porque ele começa a perceber que isso existe, “então estou estudando taxa nominal, efetiva e real, então taxa nominal é igual taxa aparente. Eu tenho projeto à parte da sala de aula, mas não é relacionado aos alunos é mais vinculado a pesquisa.
<b>Participante 8</b>	Sim o tripé é fundamental, mas esta efetivação tem uma lacuna colocada, não estou nesse momento falando só da minha prática em gestão, vendo o cenário geral nós estamos muito mais vinculados ao ensino do que no desenvolvimento de pesquisas e de extensão, contudo temos limitações, perfil de alunos, e tem muitas variáveis envolvidas perfil da universidade, em relação a universidade, notamos diferenças no cenário geral do Brasil em relação a instituições privadas e a pública, temos um ambiente de pesquisa e extensão mais voltado para

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

instituições públicas. A instituição privada vem trabalhando nesse sentido, mas precisa ir além do projeto pedagógico, ir com ações mais efetivas.

---

---

### **3. Em sua opinião, o direcionamento da Extensão a partir do desenvolvimento de competências na prática didática pode auxiliar sua valorização, possibilitando mais flexibilidade e tempo aos envolvidos no desenvolvimento prático das ações de extensão?**

---

#### **Resposta**

---

**Participante 1** Gizeli: Geralmente os projetos são práticos voltadas para a comunidade? Entrevistada: Não, são práticas que a gente vai pesquisar para depois voltar para comunidade. A gente constrói um caminho de pesquisa; lá no outro campus mesmo, temos uma atividade onde acompanhamos o PME do município. Então qual é a proposta, a gente cria um fazer com os alunos, vamos participando, acompanhando, participando dos fóruns e aí marcamos períodos específicos de observação. Falamos de empoderamento, entendeu? Então tem um caminho assim, e geralmente as pesquisas são assim, chega um momento que divulgamos o que já se pesquisou para a comunidade. Gizeli: E depois esse retorno vem para o ensino para transformar a prática? Entrevistada: Sim, é isso aí, é bem legal, já temos tido essa experiência, agora mesmo tivemos aula inaugural deste projeto de “Alfabetização de adultos” e foi possível afunilar esse contato, tanto para os alunos que são os alfabetizadores como para a comunidade que veio se alfabetizar, é uma relação bastante estreita e foi bem interessante. Estamos vivendo e acho que vamos viver nos próximos meses, bastante estreitamento dessa relação. É a oportunidade dos alunos, tenho certeza que serão outras pessoas quando acabar o curso, nunca mais serão as mesmas.

---

**Participante 2** A prática didática ainda continua muito enfadonha, essa flexibilização a gente não tem, não visualiza-se isso no campo do direito em sala de aula não tem, por mais que se tenha no currículo uma parte que os alunos fazem online por mais que se tenha algumas disciplinas do início que apresentem atividades estruturadas em que o aluno pesquisa assuntos e apresente coisas que ele descobriu, por mais que se tenha isso a flexibilização ainda é difícil, mais isso está fixado nos outros elementos do currículo, então a extensão ela é incluída como alguma coisa a mais, mas não naquele núcleo básico, naquele núcleo básico nós ficamos muito presos numa matriz. Pois o direito é um curso muito tradicional. Gizeli: Sobre a flexibilidade e a questão do aluno não ter tempo para participar da extensão. Existe isso? Participante: Sim, claro que existe, os cursos aqui são basicamente noturnos, o aluno que estuda à noite, é porque trabalha de

---

dia, a noite as vezes ficamos restritos numa participação que se faz com atividades com o número reduzido ou em atividades no sábado, e tem alunos que também trabalham no sábado, então é complicado. A gente começou na parte da manhã então pode ser que agora com os alunos da manhã, tenha mais alunos que não trabalhem em termos, mas que temos a sensação de que tem um pouco mais de tempo que são os mais novinhos, com eles pode ser que consiga caminhar mais nesta parte, mas à noite é complicado. Gizeli: então nem todos os alunos conseguem ter essa noção de participar da extensão e trazer esse retorno. Participante: Não, são mais os alunos que tem a flexibilidade no horário mesmo. Gizeli: Na sua opinião o currículo ajudaria nessa parte, assim, essa flexibilização do currículo ajudaria, ou a senhora concorda que o conteúdo científico deve ocupar este espaço mesmo? Participante : Eu não vejo eu não consigo visualizar essa flexibilização, é que eu estou olhando no molde do currículo que nós temos, temos no direito um regime de pré-requisitos muito amarrados; Então você não consegue muito flexibilizar, é um curso longo de 10 períodos, então como ele é longo você também não pode tirar disciplinas, se fazer um buraco ali onde você tira disciplina a sequência dela Para toda, Ele é amarrado uma disciplina é pré-requisito da outra que é pré-requisito da outra , então se você tira a um você não consegue cursar a dois três a quatro e a cinco , e ai você empurra tudo. Temos uma grande quantidade de disciplinas amarradas, amarradas na sequência assim horizontalmente porque a 1 prende a 2 a 3 e a 4 e amarradas porque se você não cursa a 1, você não cursa a outra que está ligada a ela fora dessa sequência. Então é isso, eles até fazem, eles às vezes até deixam mexer no currículo, mas acaba que chegando no final eles não fazem em 10 períodos aí aquele aluno que precisa fazer por conta da bolsa, a bolsa não vai até onde você quer, ela vai até onde um órgão governamental paga. O maior problema que eu acho é o curso longo e o currículo amarrado, E nem todos os alunos conseguem participar, é isso que eu falei com você o curso de direito ele continua por mais que a gente tenha tentado algumas coisas, ele continua sendo um curso, talvez o que eu esteja chamando de teórico, seja um curso mais tradicional.

---

**Participante 3** Não há tempo hábil, na graduação não tem tempo, é muito corrido, o currículo é muito é muito teórico, não dá tempo muitas vezes de você ter hora aula e ter hora de atividades práticas. Não é só o tempo da instituição não, é o tempo da instituição enquanto você. Então considera-se o porquê que o aluno está fazendo o curso? Porque ele quer conhecimento ou ele tem que ter um certificado? Entendeu? Então às vezes ele está só pensando, ele quer o certificado. Aí ele sente que ele tem necessidade de ter aquele conhecimento, ele precisa buscar e se esforçar. Eu acho que o que o quê está havendo agora, pelo menos é uma

---

preocupação que eu tenho muito, é o que eu falei para você, de discutir, de você explicar para o aluno o que é conhecimento hoje? O que você assim, quando você diz assim, ah acabou a graduação! Não respira não, que ó, você vai se graduar, você vai pós-graduar, você vai fazer N cursos de extensão que às vezes a pós-graduação não contempla, entendeu? Não vai parar nunca, ah mas vou fazer mestrado, pós mestrado, mestrado se você puder, mas se você não puder você vai fazer muitos cursos de extensão que vão valorizar o currículo. Ainda tem uma coisa, você quando faz os cursos de extensão, você está fazendo um trabalho de pesquisa que você não tem noção, porque minha pós-graduação foi riquíssima, eu era um dos mais velhos, nós tínhamos cinco alunos que eram da minha faixa etária de idade, e o restante garotada. Então essa troca de você saber como está o mercado, como está o profissional no mercado, isso também é pesquisa. Essa pergunta tem a ver com a consciência que você tem sobre conhecimento, tudo é conhecimento. Tanto que a minha turma de Gestão de Processos eu mostrei para eles esse semestre o filme “Inteligência Artificial” porque eles começam apresentando os produtos, e aí tem a problemática deste produto aonde teve a falha nesse processo de fabricação, entendeu? Então significa você trabalhar com percepção.

---

**Participante 4**

A administração tem a sua particularidade. A maioria dos alunos trabalha durante o dia todo. Esse é um grande problema. Então o aluno vem... Mas a flexibilidade e o tempo aos envolvidos é um pouco complexo. O que acontece muito, são visitas técnicas aos sábados, então não sei se vai abranger todos, é que, por exemplo, nós temos a disponibilidade aos sábados, mas muita gente trabalha aos sábados. E a flexibilização do tempo é complexa. Mesmo a universidade sendo modular nem sempre é possível que todos consigam ter a disponibilidade para o mesmo dia. Tem o dia da matéria online, o aluno não vem até a universidade. Tem também um ou outro aluno que puxa uma matéria e não é possível vir até aqui. Gizeli: Cada um vai ter então uma vivência? Entrevistado: Sim. Gizeli: Essa vivência o senhor consegue trazer para sala de aula, a partir da extensão, assim em um debate, pegando aqueles que conseguem participar? Entrevistado: sim, nós conseguimos, conseguimos dividir no quadro, a gente consegue estruturar. Pegamos as áreas de administração, falamos por área e colocamos um problema em cada área que vai ter um tipo de resolução diferente. Então dá sim. Gizeli: Somente os alunos que participam que tem essa visão? Entrevistado: Sim.

---

**Participante 5**

Valoriza. Nós conseguimos fazer, não é incomum, tem um tempo para isso. Com certeza essa prática em sala de aula na parte didática vai interagir com a questão prática fora. Eu particularmente não faço, mas tem aqui professores do meu curso que eu coordeno quem faz isso. A universidade me pede algum

---

---

professor para desenvolver uma atividade de extensão fora e eu indico alguém no campus. Gizeli: O currículo ele atrapalha, tem pouco tempo? (...) Não conseguimos atingir nem sempre os dez por cento exigido, mas não atrapalha. Meu curso é pequeno, então eu consigo fazer, se tivesse mais tempo seria melhor, pois daria para fazer mais, o tempo poderia ser maior. Gizeli: Gostaria que fosse incluído na disciplina como um projeto? Entrevistado: Se fosse incluído no currículo faríamos mais.

---

**Participante 6** Isto retorna a questão do tempo, o aluno fica muito limitado. O aluno vem para o núcleo jurídico no sétimo período. Se isso começasse muito mais cedo, a partir do primeiro período, já tivesse uma obrigatoriedade para que o aluno fazer a extensão, e já começasse a acompanhar a prática desde o primeiro período em forma de um projeto seria melhor. Em forma de um projeto daí ele já iria conseguir diluir o tempo dele. O aluno vem no segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, fica ali às vezes até com tempo vago que poderia ser usado. Quando ele vem para o sétimo o aluno chega com muitas curiosidades, mas não tem mais muito tempo porque cada vez as matérias vão crescendo mais, tem mais outras atribuições e fica mais difícil. Penso que necessitaria de mais tempo.

---

**Participante 7** Com certeza, os professores são incentivados a levar os alunos a participarem de um curso de extensão, aqui na graduação chamamos de uma disciplina eletiva para dar um upgrade no currículo do aluno então de fato chamamos os alunos para fazer isso. Eles gostam desta ideia e tem um diploma diferenciado de um colega com outro, pois podem escolher entre algumas disciplinas aquela que ele se adapte mais, no curso de extensão nós temos vínculos com empresas e por isto existe a possibilidade do aluno visitar, inclusive fazer estágio ou realizar visitas técnicas feitas por professores da instituição, então eles criam esse elo de valor entre o que ele viu e o que na prática é feito. Isto já é realizado no curso de logística, administração, ciências contábeis e direito. Todos os alunos participam, pois por vezes o professor marca até mesmo sábado à tarde, divide a turma em dois blocos para durante a semana e também fim semana, então possibilidade é convite há, só não vai o aluno que não quer, não valoriza o tempo que ele está empreendendo como discente, eu já fiz duas visitas técnicas como professora auxiliar acompanhando um professor de logística em um estaleiro e uma loja de eletrodomésticos. Os alunos adoraram. Sempre existem projetos incluídos no currículo, eu sou da área de matemática e tem professores que são da área mais específicas que já promovem esse projeto, então nas disciplinas mais específicas da graduação já tem a aplicação de projetos com retornos bem interessantes, então a matriz não atrapalha é junto não tem como dissociar, e nós chamamos de atividades acadêmicas complementares.

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

<b>Participante 8</b>	Sim, se nós pudéssemos ter a garantia de ações de extensão, com certeza isso possibilitaria mais a extensão, porque nós já contemplaríamos esta questão do tempo e da flexibilidade, porque já estaríamos dentro do nosso projeto com ações voltadas, então se tivéssemos algumas disciplinas que obrigatoriamente já contemplasse ações de extensão o aluno teria que responder a essa perspectiva. Contudo o currículo em si não é uma limitação, porque o currículo possibilita também pensar. Se for um currículo que tenha uma leitura mais ampliada eu acho que não é um limitador, muito pelo contrário, ele tem que avançar neste sentido. Mas vamos voltar nas condições que centram o perfil do aluno e a inserção do professor também, pois se o professor é um professor horista não está contemplado para ele este trabalho extensionista, ele está focado somente em sala de aula o que é um limitador de tempo, tempo é um limitador, a carga horária do professor é um limitador nesse sentido. Então depende muito, então temos que considerar o perfil do aluno, o aluno que tem um perfil de trabalhador por exemplo não tem essa condição de tempo porque desenvolver tanto ensino quanto pesquisa tem limitações, o perfil do aluno, o perfil da universidade.
-----------------------	---

---

---

**4. Os fatores que compõem o conceito pedagógico de desenvolvimento de competências (flexibilização, interdisciplinaridade e contextualização curricular; aprendizagem significativa, sequências didáticas e projetos educacionais e de pesquisa, e o trabalho pautado na coletividade), cooperam para a promoção da extensão universitária e para a sua integração com os eixos do ensino e da pesquisa?**

---

**Resposta**

---

<b>Participante 1</b>	Sim, cooperam sim, na verdade ensinar é colocar o aluno na pesquisa, é importante exercitar isso em cada disciplina, mas não o tempo todo, porque existe uma gama de conteúdos que tem que ser cumpridos. Desta forma o currículo acaba nos engessando um pouco, mas eu não estou te dizendo que eu preferia que fosse diferente, eu não sei como seria, ainda não pensei, até pensei, mas sei que não cabe um modelo de currículo diferenciado, como seria trabalhando, por projetos? Nós não temos a menor estrutura, nem física e nem de formação docente para assumir isso. Então o que se tem dentro de uma premissa, seria conseguir trabalhar significativamente, desde que se consiga fazer uma sequência didática e ir motivando esse crescimento, partindo do mais simples para o mais complexo. Enfim acabamos, integrando, e o que é feito lá
-----------------------	---

---

fora somente contribui neste contexto. Gizeli: Você considera o ensino de nível superior ainda muito tradicional, porque o construtivismo ele foi algo que começou mais na educação básica? Entrevistada: (P1). Sim, é muito tradicional, e a maioria dos professores não têm conhecimento pedagógico. Alguns com o tempo, se apropriam disso e se tornam autodidatas. O que eu quero te dizer é que a graduação não dá referencial pedagógico para se tornar um bom pedagogo, um bom professor, a maioria acaba buscando isso por conta própria, aí tem um grupo que valoriza muito mais o conteúdo, *ipsis litteris*, porque ele não sabe mais o que mais fazer, só sabe isso, só faz isso."

---

**Participante 2**

Sim, aqui vou focar na questão da interdisciplinaridade, porque as vezes se fala muito, mas na prática se vê muito pouco, e aí tentamos fazer um trabalho com a questão da interdisciplinaridade especificamente, mas não só dentro do curso, que dentro do curso você acaba fazendo porquê faz um link entre as disciplinas e no direito você tem uma área que ela acaba cortando todas as outras que é o direito constitucional, a qual vai passar por todas as outras áreas então ela vai ser o carro-chefe para se fazer a ligação, então vai-se na constituição buscar princípios ideias e aí você acaba juntando isso nas diversas áreas, mas em relação aos diversos cursos que são os diversos enfoques que se tem dentro da própria unidade nós temos tentado e aí é tentativa mesmo todas as vezes que fizemos deu certo, mas não conseguimos fazer em todos os semestres, temos tentado fazer uma ligação entre os cursos de administração, direito, logística, RH, e agora temos as licenciaturas e serviço social. Então já conseguimos fazer um seminário integrando os cursos, ou seja, escolhemos um assunto que pudesse ser transversal e cortar todos os cursos e então conseguimos montar palestras para os alunos com diversos especialistas dos cursos, falando sobre aquele assunto. Por exemplo nós tivemos um que falava sobre a questão da empresa e o pessoal de administração abordou diversos assuntos relacionados a empresa na ótica da administração o direito foi lá e falou de outras questões da empresa, Estamos com um projeto para fazer um seminário por semestre, todo semestre ter um ciclo de palestra, na verdade o nome do projeto é ciclo de palestras interdisciplinares, para que o aluno de direito visse a ótica do outro e assim conseguisse mostrar que um problema lá na sociedade é enfocado em várias áreas e analisado dentro de várias áreas não tem como o profissional de direito achar que vai chegar ali e fazer somente uma aplicação de leis, porque é um problema de uma sociedade .E assim fazer uma discussão que irá levar a reflexões nas diversas áreas, e até Reflexões dos futuros profissionais de uma área a respeito do que é visto nas outras. E aí realmente a questão do ensino e da pesquisa isso aí vai aparecer de qualquer forma não vai ter jeito é um elemento facilitador mesmo.

---

---

**Participante 3** Cooperam, principalmente eu gosto de trabalhar a pluralidade. Você explicar para o aluno a utilidade do conteúdo aprendido. Filosofia e Ética, eu não entendo Filosofia e Ética, mas só a força que você faz para pensar já é um caminho percorrido, isto é uma abertura que para você começar a pensar o outro e a sociedade e explicar que todas as matérias têm a sua importância. É importante você saber um pouco de tudo, e como você vai conseguir isso? Através da pluralidade e isso ajuda também até nos planejamentos. Tem uma escola em Portugal que se chama escola da ponte, e eu acho assim sensacional o projeto deles... Porque você desfaz esta imagem de escola fechada, voltada para si mesmo. Que tem a sua importância mas acho que a... o projeto da escola da ponte primeiro visa primeiro a pluralidade e visa a liberdade no sentido de você ser criativo em projetos. Ela funciona por projetos. Então eu acho isso um máximo. Contudo eu não vejo muita coerência na graduação, mas eu acho antes da graduação importante. Se for trabalhado isso no ensino médio, antes da graduação, já vai criar o indivíduo mais participativo na graduação porque o que temos é aquela turma que se você não perceber você fala assim: Olha só, entendeu? Você já viu isso assim? E ninguém se mexe. E ninguém fala. Porque? Porquê foram anos escutando os pais falar assim, se você interromper o professor você vai ver em casa. Então se você trabalhar em forma de projetos, de opinião, de percepção, de respeito, olha quantos conceitos estão contidos na pluralidade. Na sala de aula, eu dou para todos os cursos uma oficina de desinibição e apresentação de trabalhos. Como é a Oficina? O aluno entra sem nada, não precisa escrever nada, eu dou uma folha com dez pontos básicos para apresentar o trabalho e começo a exercitar com eles. No final da aula está todo mundo conversando sobre tudo e levo temas assim: Empoderamento feminino, miscigenação, tipologia de sexo, para eles conversarem. Para eles terem uma visão mais global e conhecer. Se trabalhar isso antes da graduação vai ser ótimo e o aluno já vai fazer graduação já vendo aí sim a competência dele para depois da graduação. Por isso é que as pessoas estão tão preocupadas com a competência, porque você recebeu algum certificado não quer dizer que é o suficiente. Quando você visa a competência o aluno vai sair sabendo como fazer. Quanto a formação da competência na graduação pode até ser, como você estava falando, que isso aí depende muito do professor. Eu acho que também que depende muito da instituição, que te possibilita para você trabalhar a tua metodologia dentro da sala de aula.

---

**Participante 4** Vejo que todos os fatores que foram listados colaboram, em relação a estes fatores por exemplo, a flexibilização é o que sempre solicitamos que exista nas disciplinas. Interdisciplinaridade em administração é totalmente obrigatório porque a faculdade é feita por partes, mas a empresa funciona de forma

---

---

sistêmica, na empresa acontece tudo ao mesmo tempo então temos que fazer muita força em interdisciplinaridade, pois, para o aluno ver que não é separado, é um sistema. Aprendizagem com a construção de ideias, com o próprio estudo de caso e o próprio projeto de extensão. O estágio supervisionado é um exemplo onde ocorre esta construção de conhecimento, eles também trazem o que aprendem com o estágio e fazem um meio com o que foi estudado durante toda a faculdade. Então tudo o que foi colocado tem tudo a ver sim, com os projetos e a pesquisa. Na hora do trabalho de conclusão nós temos a parte final que é a pesquisa em campo, eles usam as metodologias com base na ABNT e produzem o trabalho. Gizeli: O currículo ele consegue te atender? Entrevistado: Atende, eu só queria que tivesse um pouco mais de flexibilização, e um pouco mais de parte prática, mais laboratório, tem pouco. Nós temos estudado para melhorias disso, já está acontecendo. Mais laboratórios de informática por exemplo.

---

**Participante 5** Cooperam. A interdisciplinaridade é muito importante nesse sentido, coopera sim com certeza. Aqui na universidade temos um departamento que cuida disso, de pesquisa. E aí a universidade faz eventos, seminários de pesquisa, gestão, tem agora uma semana jurídica; Sempre tem três ou quatro eventos desses por ano na universidade que professores e alunos participam publicando. Tem um espaço para isso é pequeno sobretudo na interdisciplinaridade, que é importante. Gizeli: Tem um retorno assim para sala de aula? Entrevistado: Tem influência com certeza porque se você pode praticar e aplicar aquilo que você está fazendo em sala de aula dá qualidade, escrever aquilo, aprimora e faz todo sentido. Não fica só aquilo o que você leu, mas se você publicou, outras pessoas debateram gera experiência

---

**Participante 6** Ajudam sim, esses fatores ajudam a promover a extensão universitária.

---

**Participante 7** De um modo geral todos os cursos universitários atualmente possuem um vínculo com os cursos de extensão, porque graduação hoje em dia não é suficiente, os alunos estão procurando cada vez mais qualificações, então se nós não tivermos uma graduação híbrida que vislumbre o aluno pós-graduação nós não temos inclusive quórum para formar uma turma de graduação, então não tem como desvincular essa continuidade do estudo. Sim, temos a disciplina de metodologia científica ou chamada pesquisa 1 ou 2, dependendo de cada graduação, inclusive na área de Direito também tem curso de pesquisa até para termos um parâmetro de como está o mercado e como eles vão esperar este mercado. E assim eles têm o trabalho de conclusão de curso também com monografia. A sala de aula tem um link com a extensão tanto que existe este elo de valor que em sala eu falo de finanças internacionais que é um curso de extensão, então não tem como fazer este curso se o aluno não fizer a disciplina vigente de matemática financeira. Nesse momento já falo um pouco de finanças

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

	internacionais que é um preparo e uma ligação com o que eles vão fazer futuramente.
<b>Participante 8</b>	Sem dúvida alguma é fundamental, isso é pensar a proposta política pedagógica do curso e incentivar ações de extensão e de pesquisa, flexibilização e um trabalho interdisciplinar isso dá um movimento enorme às ações a partir de deste trabalho de competências.

---

---

### **5. Em sua opinião a práxis curricular baseada no desenvolvimento de competências direcionada à extensão facilita a promoção das atividades extensionistas para promover o envolvimento da universidade e da comunidade?**

---

#### **Resposta**

---

<b>Participante 1</b>	- Sim, com certeza, as vezes o currículo engessa, mas as vezes liberta também, vai depender de como você aplica isso, e nesse caso a extensão é uma forma de libertação, não deixa de ser sim, porque o aluno vai experimentar outras formas.
<b>Participante 2</b>	Com certeza, sim, traz a comunidade uma vez que quando as vezes os alunos vão para os atendimentos que eles fazem em praças, clubes, esses lugares assim, fazem atendimentos, tiram as dúvidas e esclarece ali algo requisitado, a partir daí as pessoas vão conhecendo a universidade através do atendimento no núcleo de prática jurídica. O laboratório deles é todo dia, e essas pessoas que em algum momento satisfazem alguma dúvida delas, elas já sabem onde podem ir pra recorrer para abrir um processo, pra tirar uma dúvida, é até pra fazer uma mediação que as vezes não desemboca no judiciário, mas conseguimos fazer o tratamento com as sessões de mediação de forma interna e agente tanto consegue trazer a comunidade pra dentro, e a comunidade até pra entender esse funcionamento da universidade, pra conhecer , pra entender e teve caso que as pessoas acabaram se interessando e vindo até a universidade fazer um curso.
<b>Participante 3</b>	Eu não concordo muito com isso, eu acho que a competência ela vai ser desenvolvida na graduação pois o aluno ainda chega na universidade sem saber o que que é. Então eu acho o seguinte a competência ela faz sentido depois da graduação. Na pós-graduação você pode trabalhar para incentivo a pesquisa, porque você já ensinou lá na graduação e você utilizou todas as didáticas de sala de aula para incentivar, instigar o indivíduo e despertar o aluno. Aí na pós-graduação você forma. Abre um leque, o que você quer ser? Mas se você não trabalhar a competência na graduação, você vir trabalhando paulatinamente isso nas didáticas que você tem desde lá de baixo. Já é um direcionamento da competência aí você faz a extensão. Eu enxergo assim.

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

<b>Participante 4</b>	<p>Óbvio, com certeza. Mas a maioria do que se faz em administração é consultoria em empresas familiares, com as pessoas que estão começando, trabalho em empreendedorismo. Então isso aproxima muito a universidade da comunidade, as pessoas que recebem consultoria muitos têm filhos, sobrinhos e netos que veem o trabalho da universidade e entendem o benefício de ter uma pessoa da família estudando no nível superior. Nós estamos montando agora a micro consultoria, vai começar no meio do ano. Gizeli: E quem é o público alvo? Quem quer implementar um novo negócio, e nós escolhemos também aleatoriamente em um local, pergunta se quer ajuda, é totalmente gratuito, não tem nenhuma remuneração. Se alguém quiser dar alguma coisa tem que dar em livros. O negócio é eles aprenderem relacionando teoria e prática. Entra a responsabilidade social também que a empresa preza muito.</p>
<b>Participante 5</b>	<p>Isso poderia ser mais bem desenvolvido. A universidade podia fazer mais para comunidade aqui no entorno. Mas vamos lá, aqui o meu curso tem feito com administração e com direito, observe a interdisciplinaridade nas ações na comunidade. Nós fazemos ações dentro do shopping, ações comunitárias, palestras, elaboração de currículo, núcleo de prática jurídica. Então nós temos feito isso assim na rua. Gizeli: Mas se isso fosse mais direcionado para o seu curso seria melhor? Entrevistado: Sem dúvida, temos atendimentos a empresa, nos quais meu curso interage com o curso de administração exatamente nesse sentido, por isso interage, vamos fazer uma atividade de atendimento a empresa, mas de repente atende a empresa e os funcionários. Gizeli: Mas a área de economia consegue fazer consultoria? Entrevistado: Sozinho não, mas conseguimos em conjunto com o RH, elaborar currículos, realizar treinamentos, árvore de competências. Gizeli: Mas na sua área de economia seria mais uma visita? Entrevistado: Uma visita a uma empresa, fazer uma análise conjuntural.</p>
<b>Participante 6</b>	<p>"Principalmente nesse projeto do núcleo de prática jurídica porque nós damos assistência jurídica gratuita aqui. Então toda a comunidade do entorno, se essa pessoa tem renda de até três salários mínimos ela pode ter assistência jurídica gratuita aqui da universidade. Gizeli: E isso inclui o acompanhamento no tribunal? Entrevistado: Todo. Gizeli: Não é só uma orientação? Não, a gente pode fazer a orientação, se a pessoa assim desejar, ou se for o caso de uma ação judicial nós vamos dar essa assistência, feito o atendimento aqui junto com o aluno e comigo. Fazemos o atendimento, preparamos um documento chamado ficha coletora, com todos os dados, pede a documentação, prepara o processo que é a petição inicial, faz a distribuição, marca a audiência. Acompanhamos todo o procedimento até o final do processo e isso gratuitamente. Essa gratuidade não é dada pela universidade, existe um convênio da universidade com o tribunal. O tribunal por sua vez determina alguns requisitos para que se</p>

---

possa dar essa gratuidade. A defensoria pública também trabalha com gratuidade, mas não podemos ser concorrentes da defensoria pública. Então a defensoria pública tem algumas prerrogativas iguais as nossas, dos três salários mínimos, mas vamos supor que uma família tem a necessidade de ter o uso de medicamento mensal e todo mês tem que tirar aquele valor para pagar aquele medicamento ela pode levar em consideração isso, enquanto que nós não podemos. Mas é exatamente essa comunidade que movimenta o nosso núcleo. Existem aqui muitos processos de pessoas atendidas aqui no núcleo. Nós acompanhamos. Na área de divórcio, pedido de alimentos, guarda, inventário, só não fazemos a parte criminal, para não expor a segurança dos alunos. Mas fora isso, damos a assistência e isso é muito legal, porque envolve a extensão e a cidadania, pois no momento que esse aluno diz lá na comunidade que reside ou conhece, que na universidade tem esse tipo de atendimento e que ele desenvolve esse tipo de atendimento, ele começa a ser visto como o futuro advogado, futuro promotor, futuro defensor público. Então dentro da sociedade dele a realidade dele começa a ser modificada em relação a isso. Esse aluno traz a comunidade. Aqui também temos um núcleo de mediação que a pessoa não vem para uma solução judicial, mas para resolver pendências por exemplo com ex-marido, vizinho; nós temos lá em cima uma sala de mediação, a gente faz tudo acompanhado pelos alunos. Então envolve, gostaria até que envolvesse mais, mas temos essa situação de não podermos entrar nas comunidades, se a gente tivesse essa facilidade, os alunos iriam adorar porque é um tipo de trabalho que eles gostam. Já fizemos trabalhos em praças, e temos vários voluntários, eles gostam. E até para mostrar para a sociedade, estamos trabalhando com isso, ah! Estamos entendendo do direito, e ajudar no âmbito social.

---

**Participante 7**

Sim, se não tivéssemos esse vínculo não teríamos esse elo de valor entre a comunidade científica a graduação e os alunos, entre a comunidade também o que podemos oferecer ao aluno e ao próximo aluno, nós temos consultoria, temos turmas fechadas de empresas que nos procuram para fazer cursos de extensão, a empresa vem trás os funcionários nós oferecemos o curso e eles saem com diploma.

---

**Participante 8**

É entender que as ações da universidade vão além da sala de aula e trazer esse entorno para dentro do ambiente universitário, isso é fundamental. Essa prática em sala de aula direcionada para a extensão facilita esse movimento de troca de conhecimentos entre o envolvimento da comunidade e a universidade. Mas mesmo com todos os limitadores é possível em sala de aula desenvolver as ações, porém seria melhor se fosse mais integrado ao currículo. Eu atuo numa disciplina de primeiro período, na qual já é previsto junto ao plano de ensino o desenvolvimento de ação de extensão. Então nós trabalhamos com o conceito

---

de territorialidade, isto é o aluno entender esse território para além da sala de aula. Então o aluno vai até o seu território numa leitura de pertencimento que ele deve ter, e aí é claro quando você está falando de troca, de o quê ele ganhou em sala de aula na troca de conhecimento em poder aplicar e levar isso para o seu território. Então, falando de uma prática de extensão, ele seleciona uma instituição da região junto com um grupo e um professor orientador da disciplina, ele vai até o local e identifica quais são as demandas dessa instituição e a partir dessas demandas eles fazem um trabalho de mobilização da comunidade no entorno sobre estas demandas colocadas e tentam responder” nós temos respostas assim, nós precisamos de uma biblioteca aqui nesta instituição, os alunos se mobilizam com a comunidade e implantam a biblioteca e não param ali porque a extensão não é focal ela tem que ter continuidade e eles continuam ali entendendo essa leitura do coletivo e do território, se envolvem ali com esse trabalho e continuam dando suporte a comunidade. Porém eu oriento a eles e digo sempre que eles não podem perder essa leitura que a ação de extensão está vinculada ao conhecimento de sala de aula, tem que ter primeiro uma fundamentação teórica uma leitura teórica que vai dar subsídios para vocês entenderem essas ações.

---

---

## **6. A partir dos projetos de extensão, foi possível pensar a interação entre universidade e comunidade, ensino, pesquisa e extensão?**

---

### **Resposta**

---

- |                       |  |
|-----------------------|--|
| <b>Participante 1</b> | Gizeli: Pode me falar só para a complementar, assim sobre os projetos de vocês, assim o retorno com a comunidade, o retorno para o ensino e para a pesquisa. Entrevistada: Aqui temos resultados concretos, trouxemos o projeto de alfabetização que teve uma participação muito boa da comunidade e está tendo, está sendo algo de crescimento. A professora de direito está participando com palestras, inclusive estamos integrando esse núcleo de direito ao projeto de alfabetização; vamos começar a trabalhar temáticas que esse grupo da EJA necessita. E vamos pedir ao núcleo de prática jurídica para ir lá, falar de posse de terra, de coisas que tem a ver com a necessidade deles. Vamos integrar os outros cursos, podemos falar da assistência social, criar outros ganchos. Vamos ver, acho que logo teremos uma lista de possíveis palestras para eles, para que eles possam ampliar as ideias, e assim ampliando o olhar, torcemos para que dê tudo certo. E acho que vai dar. |
| <b>Participante 2</b> | Os alunos que participam trazem um retorno para a prática didática na sala de aula, e tem como fazer uma interação quando eles contam o que eles fazem   |
-

sobre essas participação os outros ficam olhando com uma carinha, Poxa queria tanto estar lá, Mas não dá às vezes não tem como, Tem aluno que que até consegue uma flexibilização no trabalho, sair e compensar dá um jeito, mas não é a maioria da nossa realidade, lidamos com muitos policiais, são pessoas em escala, por mais que pareça que não, temos os alunos que trabalham na área de saúde agentes comunitários, e aí eles já tem as dificuldades, eles têm o núcleo de prática dentro do horário, mas ainda é um elemento pequeno por mais que ele tem de fazer pesquisa ali dentro ele precisa sair daqui para fazer mais para ver a realidade porque a gente aqui funciona com quem vem, quem vem de fora e nos procura aqui e então não são muitas pessoas, o bom mesmo é o aluno fazer os atendimentos, ele participar fora na sociedade para ele ver mesmo como é que funciona, por mais que tenhamos um primeiro estágio supervisionado podendo ser realizado no núcleo de primeiro atendimento do juizado e neste momento o aluno lide com o povo mesmo nos atendimentos, pois a pessoa vai lá conta a história, ele ouve, ele faz a petição e orienta, então ao aluno pensa nas questões de competências judiciais para onde vai as ações, isso é legal para ele porque ele está ali vendo como as pessoas vão chegar e falar para ele lá na frente em seu exercício profissional, quando ele vai atuar lá na frente e como que vai se sentir dentro desta situação. Mesmo assim é um semestre que ele faz, o restante faz dentro do núcleo de prática jurídica, e lá o material que vem para ele de pessoas acaba sendo reduzido, frente ao que ele poderia ver lá na sociedade, tem alunos que buscam, mas eu volto a dizer que é quem tem uma maior flexibilidade. Por isso que eu digo o curso, ele não propicia muito essa coisa por mais que tenha um laboratório estágio. O núcleo faz parte da extensão e é como se fosse o estágio, mas em vez de você ir lá, você traz a comunidade, a comunidade vem para você atender aqui, ou mesmo você pode fazer um movimento de sair e fazer fora esse movimento de sair, que é o movimento legal.

---

**Participante 3**

Na instituição que o trabalho se pensa sempre com um trabalho voltado para a comunidade, mas não é só a prestação de serviço, é tudo. Ela tem o entendimento que ela é transformadora, então é importante para a instituição fazer a pessoa conhecer o que é uma universidade, porque muitas vezes a pessoa que está lá fora está assim... Ah universidade não é para mim. E você mostrar para ela que não é fácil para ninguém, que tem o esforço. Você está afim de fazer, você faz. Se você pode concretizar seu sonho, faz a tua parte e se esforça. Para ninguém é tranquilo. Todo mundo tem que fechar com sacrifício. É isso que eu quero. Graças a Deus aqui eles dão, eles têm uma grade, uma grade base, agora dentro daquela base você pode andar com ela, ela tem mobilidade, ela não é engessada. Pelo contrário, você deu a parte teórica vamos em seguida trabalhar

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

	<p>a prática. Porque aí o que nós fazemos? Nós trabalhamos os pontos da teoria que está no currículo. No entanto, a forma de trabalhar o conteúdo e me fazer entender, eu posso fazer da maneira que eu quiser.</p>
<b>Participante 4</b>	<p>Esses projetos de extensão, esses projetos de ajuda à comunidade, eles culminam em um trabalho muito legal. Com a experiência eles fazem o TCC e o trabalho na dissertação lá na final da graduação, muito baseado no que eles aprendem lá na realidade. Gizeli: Essa extensão tem possibilitado o incentivo a pesquisa? Com certeza, o próprio trabalho de conclusão de curso TCC, que é das disciplinas de estágio que é a extensão, sai do que ele trabalha no dia-a-dia dele, sai da empresa dele. Gizeli: Quando ele participa da extensão traz resultados da extensão para sala de aula? Claro, porque ele consegue entender melhor a utilização das ferramentas, então se ele lê uma coisa e não vê na prática, ele até aprende a teoria, mas a própria palavra competência vem do (CHA) conhecimento habilidade e atitude. Então se você só saber não é o bastante, é saber, saber fazer e querer fazer, é preciso ter os três ao mesmo tempo. Então você saber muito e não querer fazer e não saber fazer não adianta saber muito. Quando ele conhece, tem o conhecimento que ele pegou na vida (na prática) e na teoria que ele teve na aula, vendo como faz aí sim ele sabe o que tem que fazer. Com a expertise de querer fazer alguma coisa ele completa a competência na área que ele escolheu. Gizeli: Somado a experiência ele ganha muito poder de decisão. Entrevistado: Muito. É notório.</p>
<b>Participante 5</b>	<p>É possível, mas ainda temos poucas ações, deveria ser mais desenvolvido, ainda não é suficiente, deveria ter mais ações.</p>
<b>Participante 6</b>	<p>Sim. A pesquisa foge um pouco porque isso vai muito do interesse do aluno, isso é impressionante... Gizeli: Mas esse currículo atrapalha? Entrevistado: Atrapalha, eu acho que isso é uma falha nossa do ensino como um todo, não só da nossa universidade. O aluno ao entrar na universidade, entrar comprando essa ideia, recebendo essa informação da pesquisa, muitas das vezes o aluno ele fica do primeiro período ao oitavo nono período, aí nesse momento que o aluno tem um trabalho de conclusão de curso para fazer e essa é a única pesquisa em que ele fez no curso inteiro. E olha quantas coisas poderiam ter sido desenvolvidas ao longo desses anos? Se esse aluno vem desde o início com essa mentalidade ganha-se algo de fato. Nós temos pesquisa dentro da universidade, mas está num patamar mais acima. Quando você vem para o aluno às vezes ele é um mero coadjuvante, essa é a minha visão. Ao pedir o aluno uma ajuda para a pesquisa o mesmo não é envolvido de fato nessa pesquisa e criar esse interesse nesse campo. Desde quando eu estou aqui eu encontrei no máximo três ou quatro alunos com esse desejo de pesquisa. Inclusive já formaram duas turmas aqui e eles continuam, vieram com esse interesse aqui, chegaram aqui e a gente</p>

---

---

“casou” essa ideia. Tivemos a sorte de apresentar a uma aluna uma escritora na área jurídica, e elas estão desenvolvendo um trabalho juntas em pesquisa. E falando do curso de direito, com essa obrigatoriedade da prova da ordem, da OAB, o curso ficou mais voltado para preparar o aluno para essa prova do que para pesquisa, diferente da minha época em que fiz o meu curso de Direito. Hoje em dia você não vê mais o aluno com o interesse de comprar livros. Ele pega algo na internet, ele pega umas questões da prova da ordem porque isso é importante, se você quiser indicar para o aluno uma boa leitura para ele é cansativo. Poucos alunos têm realmente esse interesse e é uma falha muito grande.

---

**Participante 7** Sim, existe uma relação entre a sociedade e a instituição de ensino, se você chega para esta empresa e oferece um curso de extensão fechado já vem com projeto, pesquisa, tem um valor fechado para as empresas e os alunos participam de graça.

---

**Participante 8** Sim, esse é um exemplo que tem um desdobramento, então quando se fala da questão da pesquisa, eu falei da ação de extensão a partir do plano de ensino da disciplina e desenvolvimento de ações de extensão, e que é claro vão estar aqui também em um movimento de pesquisa incluído, pois nesta pesquisa os alunos fazem uma investigação sobre o perfil daquela determinada instituição que está sendo alvo das ações de extensão, isso é uma prioridade nessa disciplina, por isso quando você pergunta lá atrás se estiver articulado ao currículo, isto ocorre no curso de uma disciplina de primeiro período do curso de administração que já contempla a extensão integrada no projeto pedagógico do curso e funciona muito bem, nós temos respostas interessantíssimas e mais a ação de extensão não fica somente restrita ao aluno e a instituição, tem um envolvimento da família, dos empresários da região. Alguns grupos avançam mais e outros menos, este movimento faz parte de qualquer ação extensionista e de pesquisa também. Então nós temos respostas concretas, esta disciplina é uma disciplina que responde muito bem, mas também pensar a extensão vinculada ao projeto pedagógico sempre vou dizer que é possível, mas tem que aliar a disciplina que vai responder a partir deste conteúdo e entrosamento da teoria com a prática que consegue responder uma proposta de extensão, exemplo uma disciplina como teoria geral da administração que recupera os dados teóricos das teorias administrativas pode até pensar, mas fica muito mais difícil do aluno estar sensível a isso, então seria melhor trabalhar com a interdisciplinaridade, porque, teve um momento que essa proposta da disciplina nós avançamos mais ainda, porque tem um período que temos que fazer e trabalhar com a prestação de contas, Então na prestação de contas recupera-se lá o professor da disciplina de contabilidade, é aluno vai prestar contas a partir do conteúdo desta disciplina de

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

contabilidade, então vamos pegando as contribuições das diversas áreas do conhecimento.

---

---

**7. Em sua opinião, o ensino a partir do desenvolvimento de competências associado às ações de extensão dá oportunidade à formação universitária de experiências no âmbito da cidadania e no mundo do trabalho? Explique.**

---

**Resposta**

---

**Participante 1** Sim, nós sabemos que o aluno vai assimilando outras posturas, ele vai adquirindo outras formas de olhar, é um exercício que ele vai fazendo no contato com o projeto de extensão. Eu creio nisso, inclusive todo coordenador sempre tem uma lista de atividade que oferece aos alunos, são atividades extras que eles propiciam aos alunos para que comecem a interagir com a realidade do seu fazer, da profissão dele. Não posso reclamar, tem sido uma experiência bem legal. Gizeli: Imagino que será uma emoção eles presenciarem a alfabetização de um adulto. Entrevistada: Sim, e eles contam com isso também. Tem sido muito interessante, uma experiência muito boa.

---

**Participante 2** Sim, a questão das idas a comunidade, a questão dos atendimentos, das visitas que eles fazem, a visita técnica, nisso aí eles trazem a realidade para dentro da sala de aula, então isso para eles facilita muito o momento que eles conseguem olhar para qual seria o papel deles dentro da sociedade como advogados.

---

**Participante 3** Depende, muitas das vezes aqui o indivíduo vem a saber o que é cidadania porque muitas vezes ele escuta a palavra, mas ele nunca exerceu, ou seja, ele não sabe o que é. Às vezes ele vai até descobrindo... Poxa, mas, eu preciso ter isso para exercer essa profissão? Quando ele faz um link com a prática ressignifica a profissão, eu já dei atendimento para os alunos de nutrição e de enfermagem. A enfermagem por exemplo tem que trabalhar a parte humana, considerando a forma correta de atendimento interpessoal, isso é desenvolver competências.

---

**Participante 4** Quando se vê a realidade vemos que o país precisa ter um olhar melhor para o outro, olhar para o próximo. Quando fomentamos isso no aluno ao prestar um serviço gratuito, tira um pouco a visão de querer tudo para si que é um problema, não só no Brasil. Todo mundo não quer dividir, só quero para minha família, assim como para a família do político... Mas não vou entrar nesse mérito, mas isso ajuda. Gizeli: A ter uma visão social. Entrevistado: Sim. Eu penso assim. Gizeli: Isso ajuda que o aluno veja a representação social da profissão dele? Entrevistado: Claro. Ele vê o impacto na geração econômica, social, do que a profissão dele representa para o país, para o estado, para a nação para a empresa,

---

---

para a região, micro e macro. O envolvimento da empresa dele no âmbito federal, municipal e assim por diante. Até para o exterior se for uma empresa de grande porte. Gizeli: O trabalho para dar mais significado para a teoria? Entrevistado: Sim, cada vez mais ele sai com mais condições de atuar na sua área, pois ele tem mais conhecimento prático, não só teórico.

---

**Participante 5** Dá, nós temos dois projetos que funcionam aqui: O Núcleo de Ação Comunitária (NAC) e o Projet, um ligado ao meu curso e outro ligado ao curso de administração. Tem o Núcleo de Prática Jurídica que é ligado ao direito, então funcionam bem para os alunos, é o laboratório dos alunos com o apoio e a orientação do professor, e isso nos ajuda muito. Com certeza, isso muda a visão do aluno completamente, favorece o aluno para ser inserido no mercado de trabalho. Gizeli: E quanto a cidadania? Entrevistado: Sem dúvida, porque vai participar, vai interagir na prática, vai ver como funciona, sem dúvida contribui na cidadania, com certeza. Eu creio que muda a visão. Ele está vendo enquanto estudante como pode ajudar.

---

**Participante 6** Sim, sem dúvida e aí nós vamos voltar de novo a questão da pesquisa. Porque a ideia é a seguinte: A pesquisa é uma coisa fechada para um público específico e que isso vai ser aproveitado só por esse grupo aqui e não lá fora, e eu não concordo com isso. Eu entendo o seguinte que a pesquisa juntamente com essa prática aqui, isso com certeza vai fazer todo o diferencial do aluno lá fora. A nossa advocacia aqui na universidade, a gente prepara o aluno para advocacia privada, exatamente para ele sair daqui e ir para o mercado de trabalho. Quando ele vem aqui para o núcleo eu tento assim ao máximo mostrar exatamente essa visão. Eu tenho um retorno muito grande dos alunos, então eu posso dizer para você com certeza que esse trabalho da sala de aula mais a extensão ele com certeza sai daqui, não vou dizer assim um profissional cem por cento, porque você sabe que o mercado de trabalho vai mudando, mas com certeza essa extensão dá para ele uma facilidade, ele está na frente de um outro aluno sem vivência. E ele vai à frente de outros alunos que não tiveram essa experiência da extensão. Ele vai formando habilidades. Descrevendo uma situação que acontece: Quando o aluno vem aqui e o aluno conhece em um atendimento jurídico e então ouve uma história de uma pessoa que tem uma família de cinco pessoas e está ganhando salário mínimo e que ela precisa entrar com uma ação de alimentos porque o pai saiu e deixou, e ela precisa entrar com uma ação para receber duzentos reais O aluno então ao ver aquela situação, eles dizem que não acreditam que esta pessoa está aqui por causa de duzentos reais, então percebe que existem pessoas passando por isso e isso faz com que o aluno mude a sua visão de mundo.

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

<b>Participante 7</b>	Sim, não há como dissociar o estudo (formação) acadêmico (graduação), da prática profissional dos discentes. Logo, estas experiências auxiliam na cidadania e no mercado de trabalho.
<b>Participante 8</b>	Sem dúvida alguma, esse é um exemplo de pensar cidadania que é ir além da sala de aula, esse desenvolvimento de competências aliado às práticas de extensão, eu costumo trabalhar com o aluno e ir além da sala de aula, a sala de aula é um espaço que iguala, ela iguala, ela é cadeira mesa, planos de ensino, planos de aula, agora esta proposta de ir além destes muros que é uma atividade de extensão é pensar a cidadania é pensar essa leitura de território que é muito maior, é você implicado neste território, isso é fundamental você ter devolutivas de alunos dizendo assim: "Professora a realidade que ficava aqui do meu lado" eu digo a eles que este ganho é muito maior, eu ousou dizer que isso dentro de uma academia tem mais valor do que você tratar aqui n categorias teóricas de análise, é você ir além, porque esse aluno que tem essa leitura cidadã, é um aluno que pode do ponto de vista teórico não ter tanto avanço neste momento, mas ele entendeu qual é a missão da universidade, ele entendeu o papel dele na universidade e na sociedade, isso é muito maior, essa perspectiva de desenvolvimento da consciência crítica é o que te insere no dito ensino superior, porque é superior, porque tem uma leitura ampla, superior não é no sentido de estar acima do outro, mas é porque você consegue enxergar a tua amplitude, eu digo aos alunos que é como se todos usassem um óculos, e o seu óculos para enxergar a vida tivesse uma lente de aumento que você pensa o mundo, o seu entorno, isso é fundamental.

## **8. O conceito de desenvolvimento de competência na práxis curricular colabora com os objetivos da extensão universitária como:**

<b>Pergunta</b>	<b>Resposta</b>
<b>8.1. Na democratização do ensino na interação dialógica do conhecimento científico e popular?</b>	Todos os participantes responderam que sim.
<b>8.2. Na contextualização, interdisciplinaridade e Interprofissionalidade dos conhecimentos e conteúdos científicos?</b>	Todos os participantes responderam que sim.
<b>8.3. Na Indissociabilidade Ensino-Pesquisa- Extensão, e na sua função quanto ao Impacto na Formação do discente, e ao Impacto na Transformação Social?</b>	Todos os participantes responderam que sim.

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

**8.4. Na orientação da pesquisa a partir da extensão, a qual dá o retorno de respostas encontradas nesse processo, apresentando resultados para o ensino, e fundamentando a prática didática e a gestão acadêmica?** Todos os participantes responderam que sim.

---

---

**9. Em sua opinião existem outros fatores do desenvolvimento de competências que ajudam na gestão das ações de extensão? Se sim, quais?**

---

**Resposta**

---

**Participante 1** Eu acho que é teoria-prática-teoria, isso é imprescindível para que a gente possa desenvolver competências, é nós fazemos esse caminho. Nós começamos na teoria, poderia começar na prática, mas ele (o aluno) já vem com esse empirismo, então nós pegamos colocamos teoria, e vamos para prática. Aí você vai fazendo esse círculo até que ele consegue interpretar, e isso é bom para o aluno construir competências. Ele vai circulando por este caminho.

---

**Participante 2** Não, não acrescentaria nada não para mim é isso mesmo.

---

**Participante 3** Eu vejo que sim, no momento que quando você trabalha competência não focada. Entendeu? Por exemplo, vamos falar aqui, qual a competência? Atendimento. Vamos trabalhar isso? Não. Eu entendo que trabalhar competências é você buscar a habilidade natural, Gizeli: Porque senão fica engessado né. E engessa o currículo e seu papel é você abranger, para fazer o indivíduo descobrir sua competência, quantas vezes, você já deve ter escutado, Ele entende muito de matemática, mas explicar ele não sabe, não adianta você trabalhar a competência de ensinar ali neste caso se o aluno não tiver esta competência. Então, trabalhar competências é o que a frase diz: Abrir, vamos procurar competências, vamos perceber competências no geral Como percepção. Tem que ter uma diferença de leitura. De quê? Da competência, da matéria? Não. O que para mim é importante é a leitura do aluno.

---

**Participante 4** Sim, mas deveríamos pensar por exemplo mais tempo para trabalhar isso o espaço tecnologia apoio e só isso, apoio institucional, que a gente tem aqui. Equipamentos, mesas... Gizeli: E esse aluno ele tem esse tempo no currículo. Gizeli: Se ele tivesse esse tempo no currículo, ajudaria? Entrevistado: Ajudaria. Teria que alterar o currículo, mas ajudaria sim. Gizeli: Mas para o seu curso ficaria complicado? Entrevistado: No meu curso a gente consegue fazer pois não tem aula todos os dias e é só os alunos virem para cá. Só integrar. Gizeli: Não sei se o senhor percebe, mas a extensão fica solta, e muitos alunos ficam

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

	sem oportunidade e não conseguem fazer? Entrevistado: Um ou outro consegue fazer.
<b>Participante 5</b>	Sim, mas deveríamos pensar por exemplo mais tempo para trabalhar isso, e melhorar o espaço, o uso da tecnologia, equipamentos, ter mais apoio e só isso, apoio institucional, o restante de que precisamos temos aqui. Gizeli: Se tivesse esse tempo no currículo para o aluno, ajudaria? Entrevistado: Ajudaria. Teria que alterar o currículo. Gizeli: Mas para o seu curso ficaria complicado isso? Entrevistado: No meu curso a gente consegue fazer pois não tem aula todos os dias e é só os alunos virem, e assim integrar. Gizeli: Não sei se o senhor percebe, mas a extensão fica solta, e muitos alunos ficam sem oportunidade e não conseguem fazer? Entrevistado: Fica despreendida com certeza, um ou outro aluno consegue fazer.
<b>Participante 6</b>	Sim, poderia aproveitar muito mais esse currículo com a parte teórica e prática integrada desde o início do curso se já tivesse incluído a extensão, ou projetos obrigatórios de extensão com parte prática a partir do primeiro período. Isso facilitaria muito mais e o aluno sairia muito mais fortalecido do curso.
<b>Participante 7</b>	Sim, como o projeto de monitoria para os alunos de licenciatura, neste eles testam prática de ensino. Os alunos são convidados a participar também da feira de ciências, são trabalhos acadêmicos com foco para a pós-graduação dos alunos. Então a sociedade é convidada pelos alunos para conhecer a feira.
<b>Participante 8</b>	Diversidade, pensar as questões éticas, as questões comunicativas, desenvolvimento de competências comunicativas, de estabelecer essa relação da pessoa com o seu mundo, isto é fundamental, eu destacaria os componentes éticos dentro de uma perspectiva crítica de pensar a questão da diversidade e pluralidade dentro da visão do profissional de serviço social.

---

---

### **Entrevista Discente – Questionário Sócio demográfico**

---

<b>Pergunta</b>	<b>Resposta</b>
<b>Aceito participar deste presente estudo?</b>	Todos os participantes responderam que sim.
<b>Qual curso você estuda na universidade?</b>	Incluído no quadro três.
<b>Qual a sua faixa de idade?</b>	Incluído no quadro três.

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

### Guião da entrevista

**Em relação a sua participação na extensão universitária e ao currículo aplicado nesta unidade de ensino a partir do desenvolvimento de competências.**

**1. A aplicação do currículo apresenta flexibilidade, promovendo tempo para sua participação na extensão universitária?**

---

Resposta	
<b>Participante 1</b>	Sim. Eu tenho aulas todos os dias da semana, exceto quinta então como eu não tinha nada previsto para fazer neste dia, eu aceitei participar do projeto de extensão.
<b>Participante 2</b>	Não. Em relação a esta questão, no meu currículo não tem essa flexibilidade, nada que diga que tem um espaço para o projeto, foi um dia que eu tinha livre na minha semana, então eu aceitei participar do projeto de extensão. Não é colocado na grade como se fosse as disciplinas. Eu tenho que tirar um tempo meu, um tempo que eu teria para ficar em casa, para fazer outras atividades, e nesse tempo participar no projeto.
<b>Participante 3</b>	Sim. Neste projeto que participo, acho que sim, porém no meu curso, procura-se adequar ao dia que temos que podemos, ou seja, que estamos disponíveis. Contudo dentro do currículo não temos esse tempo. A participação é particular de cada aluno, em relação a grade depende de cada um, cada um tem uma grade, a matriz curricular pode oferecer e estar disponível na grade, mas depende também da vontade do aluno querer participar, ou não. Gizeli: Você gostaria que funcionasse como uma disciplina? Sim, eu sinto falta de ter uma professora ou alguém responsável em contato direto conosco pelo menos uma vez na semana ou quinzenalmente para falar diretamente disso, dessa extensão.
<b>Participante 4</b>	Sim. No aspecto da flexibilidade, ela houve por parte da instituição na oferta deste projeto. Em relação com o projeto de extensão, este é o primeiro que participei e que está sendo desenvolvido conosco, ele veio após a montagem da matriz curricular, então devido a isso a organização do projeto se adaptou à realidade e possibilidade dos alunos que foram inscritos nesta unidade de ensino. E tem as extensões que são as obrigatórias e que também traz a realidade para a interação com a teoria como o estágio para a educação infantil o qual estou participando. Então pelo menos no meu curso os alunos de pedagogia do meu período, nesse formato é o primeiro projeto que eu entendo como projeto de extensão, essa é minha primeira oportunidade de trazer a realidade através da prática para dentro da universidade.
<b>Participante 5</b>	Sim. Desenvolve um tempo no currículo inclusive tem a parte do núcleo de direito, é uma ajuda e oportunidade excelente, para os alunos terem um primeiro

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

contato, quem nunca teve um contato com a parte prática jurídica, o núcleo é o melhor começo possível, eles dão todo o suporte, apresenta um norte(orientação) a partir de tudo que vemos em sala de aula, realmente a parte prática por exemplo, nós não sabemos a montagem inicial de uma peça, por exemplo no núcleo de prática 1(um) nós temos a noção de como montar, sabemos elaborar peças, mas a experiência de realizar mesmo a montagem com casos reais, ter aquela emoção de realizar , só temos no núcleo de prática jurídica. É bem interessante, gostei bastante. Gizeli: Esta participação é incluída no seu tempo de hora aula? Eu tenho um tempo meu para poder realizar as horas do núcleo. Gizeli: Tem algum aluno que você conheça no seu curso que não tenha possibilidade de participar desta extensão? Não, porque é algo obrigatório ao nosso currículo. É integrado ao currículo.

---

**Participante 6** Sim. Promove porque eles disponibilizam um dia na semana para podermos vir ao núcleo passar algumas horas fazendo os atendimentos, acompanhando os processos. Então é integrado ao currículo e ao quadro de horários. Gizeli: Mesmo o aluno que trabalha consegue? Sim, eu por exemplo trabalho e consigo, venho do trabalho fico aqui no núcleo de prática jurídica e depois vou para a aula.

---

## **2. A extensão universitária desta unidade de ensino colabora com a aplicação prática dos conteúdos de ensino de sua área profissional?**

### **Resposta**

---

**Participante 1** Sim. Tem uma vivência tanto para o lado profissional quanto para o projeto, a prática é totalmente diferente da teoria. É muito melhor aprendermos na prática do que na teoria.

---

**Participante 2** Sim. Então neste caso, às vezes nós estamos em sala e nós vemos que o conteúdo que nós tivemos estudando ajuda muito com a prática, tem coisas assim que certas situações que nos vemos e vivenciamos que se nós não tivéssemos a teoria não saberia como lidar, não conseguiria levar adiante, por exemplo: não iria evoluir o projeto se não fosse a teoria. Então a prática depende muito da teoria. Então nós conseguimos assim, a nossa prática só está sendo possível por ter a teoria em sala. Gizeli: Esta prática traz mais significados para a teoria? Sim, dá mesma forma que tem coisas que aprendemos a lidar melhor porque já estudamos na teoria. Tem coisas que ficam claras na teoria porque estamos vivenciando na prática.

---

**Participante 3** Sim. Enfim, possibilita, mas depende da minha vontade e aqui acho que ocorreu esse erro, pois o projeto começou depois da matriz de disciplina ter sido feita.

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

	<p>Então eles fizeram em relação a nossa disponibilidade. Gizeli: tem pessoas que estudam com você e não tem disponibilidade? Sim, mas não somente por causa da grade, mas sim também por questões externas, o trabalho. A grade mesmo não interfere tanto nisso. Você acha que se este projeto estivesse incluído na matriz curricular como se fosse uma disciplina ajudaria? Sim, porque a pessoa teria aquela obrigatoriedade em participar.</p>
<b>Participante 4</b>	<p>Sim. Principalmente nesta aplicação deste projeto do (EJA) porque é alfabetização de jovens e adultos, são áreas que digamos assim depois de formado é uma área possível de trabalho para mim. Então tendo a experiência já agora na fase que estamos construindo nossa base teórica e fundamentada, assim nós conseguiremos depois ter uma boa aplicação na realidade devido esta vivência. Eu acredito que sim torna a teoria mais significativa</p> <p>Conseguimos ver várias coisas que são passadas como teóricas que até então nós não tínhamos experiência e nem vivência. Então você consegue vivenciar experimentar e aprender tendo outro tipo de visão quando você tem este tipo de oportunidade. Você consegue entender o que um filósofo dá como conceito de ensino, por exemplo, como tendência pedagógica no meu caso, visualizar isso na prática consegue perceber, utilizar palavras do dia a dia dos alunos, que a assimilação é mais fácil para eles. Assim conseguimos identificar nessa relação que o embasamento teórico é importante e ele fundamenta de fato as ações dentro da sala de aula."</p>
<b>Participante 5</b>	<p>Sim. Realmente toda a parte do núcleo, dessa extensão ela colabora 100%( cem por cento) com tudo que aprendemos em sala de aula porque é ali que vamos ter o primeiro contato em produzir realmente uma peça, em ter realmente um caso concreto de alguém da sociedade para nós podermos ajudar, e dar um auxílio.</p>
<b>Participante 6</b>	<p>Sim. Claro, com certeza, nós aqui estamos aprendendo a fazer os andamentos processuais via site, pois agora os processos são eletrônicos em sua maioria. Também fazemos atendimentos das pessoas da comunidade em processos de pequenas causas, divórcios, direitos do consumidor e outros. Gizeli isso te ajuda a conciliar teoria e prática? Ajuda bastante, porque vamos sair daqui formado com uma boa noção de como vamos fazer na prática, exemplo: Aprendemos como damos entrada em um processo, como fazemos para atender as pessoas e fazer as perguntas que são pertinentes a pretensão do que ela quer resolver no judiciário, e isto é necessário para saber exatamente que tipo de ação, que tipo de juízo, o direcionamento que devemos prosseguir em cada caso.</p>

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

### **3. A extensão é planejada a partir de princípios pautados de acordo com a realidade do seu curso e da comunidade que a universidade atende com as ações de extensão?**

---

#### **Resposta**

---

<b>Participante 1</b>	Sim. Quanto a minha realidade tanto na escola como no projeto tem tudo a ver, o projeto é diferente da escola, mas é um pouco similar, e me dá vivência. Em relação a realidade da comunidade nós tentamos buscar a maioria do material que utilizamos na realidade deles, eles lidam muito com dinheiro, compras, pegar ônibus. Tudo isso eles lidam então.
<b>Participante 2</b>	Sim, ela é pautada em cima da nossa teoria do curso, e considera a realidade da comunidade, até nossos planos de aula tem esta preocupação, será que vai atender a realidade deles? (Alunos do projeto de alfabetização de adultos de um projeto de extensão universitária). Então todo conteúdo é pensado e planejado considerando a realidade deles. Tem que ter essa preocupação.
<b>Participante 3</b>	Sim. Por exemplo neste momento estamos falando aqui no EJA sobre o conceito de palavração, o qual nós estudamos no semestre passado, e agora estamos colocando na prática aqui no projeto de extensão. Quanto realidade da comunidade neste projeto sim, nós partimos da realidade deles e também junto do que nós conhecemos na teoria.
<b>Participante 4</b>	Sim. Exatamente, aqui recebemos pessoas que moram próximo a universidade, então nós conseguimos perceber o que nós vivemos lá fora nessa vivência, e a experiência de vida deles trazidas a universidade enriquece justamente no sentido de podermos pegar o que sabemos e aplicar na realidade que se vive. Neste ponto o projeto é montado assim em cima disso, tanto que as atividades propostas elas são voltadas para trazer o cotidiano do aluno pra dentro da sala de aula, pra mostrar que eles conseguem aprender com coisas que eles veem no dia a dia, essa estruturação feita assim facilita para o aluno a compreensão dos conteúdos pra não ficar tudo muito didático, não que não seja, mas pra eles não ficar tudo muito na teoria ou muito mecânico e não alcançar a parte da compreensão e mais significativa.
<b>Participante 5</b>	Sim. Até este momento eu não vi nenhum caso que tenha chegado ao núcleo de prática jurídica (NPJ) que seja fora do conteúdo que foi ministrado ou aprendido em sala de aula. Todos os casos que chegaram até nós ali, nós soubemos com ou sem auxílio do professor orientador, ou seja, desenvolver até chegar a um parecer para poder desenvolver o trabalho necessário para ajudar as pessoas que vieram procurar nossa ajuda. Tem uma total contribuição porque o núcleo é uma a parte assistencial sem fins lucrativos, que visa os interesses da sociedade,

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

	então nós estamos ali fazendo um trabalho meio voluntário, sempre ajudando o interesse do próximo.
<b>Participante 6</b>	Sim, tudo, nós conseguimos aplicar o conteúdo do curso e também considerar a realidade e atender as necessidades da comunidade.

---

---

#### **4. A extensão universitária em sua instituição é colaborativa à promoção de experiências no âmbito da cidadania e do mundo do trabalho na área de sua formação? Explique:**

---

<b>Resposta</b>	
<b>Participante 1</b>	Sim, muito, então antes de trabalhar com educação de jovens e adultos (EJA) neste projeto, eu não tinha esse olhar. Eu sabia que muitas pessoas não são alfabetizadas, mas não tinha conhecimento sobre o quanto é importante. Quando eu entrei no projeto sim, eu vi que é um peso, tem uma importância muito grande. Pois você vê que muitas pessoas não são alfabetizadas ao contemplar esta realidade.
<b>Participante 2</b>	Com certeza, o projeto traz experiências mesmo, a palavra é essa. Nós vivemos no projeto algo que acrescenta muito na nossa profissão, e pensando no futuro caso eu venha a ter uma turma de EJA (Jovens e adultos) esta experiência ajudará muito, acrescentou bastante.
<b>Participante 3</b>	Sim, porque futuramente posso precisar dessa experiência em EJA, por exemplo eu não tinha experiência com palavração somente com silabação. Eu somente sabia o conceito de palavração a prática com palavração eu não tinha, e agora eu estou conhecendo na prática a palavração, isto me ajudará lá na frente e já está me ajudando no presente também. Sobre a parte social no âmbito da cidadania ajuda bastante, meu olhar perante a sociedade mudou totalmente, porque no projeto você observa que são pessoas que ficam invisíveis, pode ser seu vizinho que fala com você, mas você não vê ele escrevendo então você não sabe se ele escreve realmente, se ele sabe escrever o que ele fala. É mais fácil falar. Então você começa a pensar nisso, será que essa pessoa escreve? Entendeu? Então aí você tem outro olhar da sociedade.
<b>Participante 4</b>	Sim, é muito importante, este projeto de extensão trouxe essa noção de cidadania, perceber que nós presenciamos e convivemos com este tipo de pessoas que não tiveram oportunidade ao ensino e elas estão no nosso cotidiano, e não temos o olhar atento para perceber, com o projeto começamos a identificar, às vezes uma pessoa falar um pouco errado pode significar que ela não teve oportunidade de estudar na idade certa, ou que abandonou os estudos por dificuldades financeiras. Então nós conseguimos perceber e ao presenciar a

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

história de vida de nossos alunos do projeto, entender que muitos não estudaram não porque não queriam, mas porque não puderam. E vemos que lá fora esse olhar é importante e assim de repente para dar um caminho ou apoio, uma orientação a uma pessoa que necessite, não necessariamente alfabetizá-la mas indicar um local onde ela possa fazer uma inscrição e ter sua alfabetização. Então traz muito a consciência de cidadania. Quanto a representação da minha formação profissional, esta experiência colabora, pois no futuro se eu for tentar uma vaga de trabalho para educação de jovens e adultos esta experiência já vai enriquecer para eu chegar nesta oportunidade com uma certa bagagem de prática e isso vai facilitar o meu trabalho numa realidade futura, então mesmo que eu não conheça nada dos alunos que eu vou estar trabalhando eu sei que com essa experiência que eu tive aqui no EJA eu vou conseguir ter um norte (direção) de como começar um trabalho, como entender as necessidades e a realidade deles, e esta experiência ajudará nisso com certeza.

---

**Participante 5** Eu estou neste ramo desde novo, pois sou de família de advogados, então sempre estive neste meio, entretanto para mim não foi muita surpresa, mas eu gosto do atendimento do núcleo, é gratificante, quando vemos as pessoas chegam e saem agradecidas, e gratificante saber que todo este tempo de estudo não está sendo em vão de chegar e saber que nós estamos podendo ajudar o próximo. Quanto ao lado profissional a instituição, os professores no caso desde o início da faculdade já passam para nós uma visão bem realística e também bem humanística do que é ser o profissional de direito. Então tenho certeza que sim, as experiências de hoje sempre vão agregar para o futuro.

---

**Participante 6** Sim, traz uma satisfação em poder ajudar no âmbito da gratuidade, tem pessoas que não tem recursos para poder entrar no judiciário. Me sinto útil, é de suma importância porque têm muitas demandas que a sociedade precisa.

---

---

## **5. Você pode descrever como é sua vivência quanto ao envolvimento da comunidade e da universidade na extensão universitária?**

---

### **Resposta**

---

**Participante 1** Está colaborando, e acho que vai continuar crescendo pela experiência que estou tendo. Eu consigo reconhecer a importância da minha profissão no contexto social. E reconheci que ser professor é muito importante. Educação em si é muito importante, se todos pensassem da forma que nós pensamos, em alfabetizar, seria muito melhor.

---

**Participante 2** Como cidadã traz algo fora do comum. Nós levamos a vida de uma forma que, (pausa) é, nós trabalhamos com alfabetização no projeto, e é algo que para nós

---

Extensão em foco: A extensão universitária sob a ótica do desenvolvimento de competências.

---

	<p>é tão comum, tão simples, “ler”, quanto tempo eu leio? E para eles é algo grandioso, então nós nos sentimos bem, saímos satisfeitos por saber que estamos mudando a vida de muitas pessoas. Tem muitos relatos deles falando, tem alguns que nunca tinham pego em um lápis, em um caderno. Então de certa forma eu me sinto até melhor por estar participando disso, é uma troca muito boa. É grandioso de mais. Com certeza colabora 100% (cem por cento), minha visão, meu olhar em relação ao ser humano e as pessoas que não são alfabetizadas mudou completamente depois do projeto.</p>
<b>Participante 3</b>	<p>Sim, você começa a olhar as pessoas e começa a ver ou até pensar em ajudá-las em possibilidades, qual poderia ser a dificuldade desta pessoa? E voltar com a prática, ah eu tive um aluno, que teve esta dificuldade, então acho que por este caminho eu ajudaria melhor esta pessoa.</p>
<b>Participante 4</b>	<p>Eu vejo que muitos não tiveram uma qualidade melhor de vida porque se preocuparam em “vou parar de estudar pois eu preciso trabalhar”, mas não perceberam que parar de estudar não seria tão compensatório pra eles, então a profissão é importante nesse sentido, o projeto traz esse esclarecimento para que muitos deles veem que através do estudo é que nós conseguimos alçar melhores vagas, melhores condições de conhecimento de tudo em geral, amplia a visão, pois conseguem ver o mundo de outra forma, não só o seu mundo fechado, minha família, mas conseguem ver que tem outras pessoas e realidades e esta relação toda faz com que todos enriqueçam nós e eles também.</p>
<b>Participante 5</b>	<p>Acho que é a melhor parte da faculdade, além de algumas aulas é a parte do núcleo, é nessa hora que vamos pôr em prática mesmo tudo que nós aprendemos, e ali que vamos se testar, para ver os conteúdos que temos deficiência, a parte que estamos mais aprimorados, é ali que vemos onde temos que nos dedicar mais, focar mais para o nosso aprendizado e para o lado profissional. A parte do núcleo é muito importante para o nosso desenvolvimento acadêmico.</p>
<b>Participante 6</b>	<p>A instituição é bastante procurada devido às demandas jurídicas, nos dá experiência é base para sabermos como atuarmos no futuro, é base para termos futuramente se tivermos um escritório, e assim sabermos como atender as pessoas, como se portar, é tudo dentro de uma ética.</p>

---